



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

José Felipe Vitor Machado

**A trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá na Teoria das
Representações Sociais**

Rio de Janeiro

2022

José Felipe Vitor Machado

A trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá na Teoria das Representações



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Maria Jacó-Vilela

Coorientador: Prof. Dr. Filipe Degani- Carneiro

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M149 Machado, José Felipe Vitor
A trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá na Teoria das Representações /
José Felipe Vitor Machado. – 2022.
112 f.

Orientadora: Ana Maria Jacó Vilela
Coorientador: Filipe Degani Carneiro.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Psicologia – História – Teses. 3.
Representações sociais – Teses. I. Vilela, Ana Maria Jacó. II. Carneiro, Filipe
Degani. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.
IV. Título.

bs

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

José Felipe Vitor Machado

A trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá na Teoria das Representações Sociais

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Aprovada em 30 de agosto de 2022

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Ana aia Jacó Vilela (Orientadora)

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof. Dr. Ricardo Vieiralves de Castro

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Renato César Möller

Faculdade de Medicina de Petrópolis – UNIFASE

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, José e Cristina, por acreditarem nos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Ana Maria Jacó-Vilela, e ao meu coorientador Filipe Degani-Carneiro, os quais me abriram as portas da vida acadêmica e por quem eu tenho um grande carinho e respeito. Suas orientações nos últimos dois anos, me possibilitaram uma formação de qualidade e compromisso em meio ao ensino remoto durante uma pandemia.

Ao Programa de Apoio Técnico às Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão (PROATEC) pela bolsa que possibilitou a digitalização e catalogação do acervo de Celso Sá. O financiamento também contribuiu para que eu pudesse arcar com despesas pessoais e custear minhas idas ao Rio de Janeiro.

Aos entrevistados Ricardo, Renato, Denize, Denis, Luciene e Zeidi, por toda a atenção e carinho durante as entrevistas. Após tanto lhes escutar, me sinto um pouco mais próximo de Celso Sá. Sem as suas memórias, muito desse trabalho não seria possível.

À minha família, José, Cristina, Carlos, Letícia e Selma, por toda compreensão na minha jornada. Seu apoio emocional e financeiro foi um dos fatores decisivos para a conclusão desse processo.

À minha namorada, Laura Botelho de Mello Fadini, por todas as correções gramaticais e paciência ao longo desse processo.

Aos meus amigos, Pedro Henrique, João Pedro e Rodrigo, por todo o auxílio prestado. Vocês possibilitaram, cada um de sua forma, a realização desse desejo.

RESUMO

Machado, José Felipe Vitor. *A trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá na Teoria das Representações Sociais*. 2022. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este trabalho tem como objetivo compreender a trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá (1941-2016) na Teoria das Representações Sociais (TRS). Para tal, utilizamos do referencial teórico do campo das representações sociais para a construção de uma história da TRS, a partir da gênese e desenvolvimento até seu momento de inserção em território brasileiro. Em seguida, construímos uma biografia de Celso Sá a partir de seus próprios escritos e entrevistas, buscando compreender sua inserção no campo das representações sociais, bem como, suas atividades administrativas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E por último, realizamos uma construção da sua trajetória intelectual na TRS, a partir de um apontamento das suas contribuições na área. Utilizamos diferentes técnicas de pesquisa. Inicialmente, realizamos uma análise de sua trajetória intelectual a partir de três tipos de fonte: o acervo documental de Celso Pereira de Sá, doado, em 2016, para o Clio-Psyché - Laboratório de História e Memória da Psicologia (UERJ); a produção bibliográfica disposta em seu currículo Lattes; e as entrevistas realizadas com seus amigos e colegas de trabalho. Este material culminou na catalogação de 4.900 folhas referentes ao seu acervo, 327 produções acadêmicas de acordo com seu currículo Lattes e na realização de 6 entrevistas. Ao final, concluímos que o papel de Celso como receptor e difusor da TRS em solo brasileiro, ao organizar eventos e produções neste campo, possibilitou o fomento da TRS, bem como, um teórico na área devido à produção de pesquisas. Suas contribuições foram de suma importância para o desenvolvimento da TRS no Brasil, e destaca-se, igualmente, suas contribuições à UERJ ao assumir funções administrativas e novamente possibilitar o desenvolvimento desta instituição, em especial ao Instituto de Psicologia.

Palavras-chave: História da Psicologia. Celso Pereira de Sá. Teoria das Representações Sociais.

ABSTRACT

Machado, José Felipe Vitor. *The intellectual trajectory of Celso Pereira de Sá in the Social Representations Theory*. 2022. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This work aimed to understand the intellectual trajectory of Celso Pereira de Sá (1941-2016) in the Social Representations Theory (TRS). To this end, we use the theoretical framework of the field of social representations for the construction of a history of the RST, from the genesis and development until its moment of insertion in Brazilian territory. Then, we built a biography of Celso Sá from his own writings and interviews, seeking to understand his insertion in the field of social representations, as well as his administrative activities at the University of the State of Rio de Janeiro. And finally, we carried out a construction of his intellectual trajectory at RST, from a note of his contributions in the area. We use different research techniques. Initially, we carried out an analysis of his intellectual trajectory from three types of sources: the documentary collection of Celso Pereira de Sá, donated, in 2016, to the Clio-Psyché - Laboratory of History and Memory of Psychology (UERJ); the bibliographic production displayed in its Lattes curriculum; and interviews with his friends and co-workers. This material culminated in the cataloging of 4,900 sheets referring to its collection, 327 academic productions according to its Lattes curriculum and we conducted 6 interviews. In the end, we conclude that Celso's role as a receiver and diffuser of TRS on Brazilian soil, by organizing events and producing productions in this field, made it possible to promote TRS, as well as a theorist in the area due to the production of research in this area. His contributions were of paramount importance to the development of the TRS in Brazil, and his contributions to UERJ are also highlighted by assuming administrative functions and once again enabling the development of this institution, especially the Institute of Psychology.

Keywords: History of Psychology. Celso Pereira de Sá. Social Representation Theory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPEPP	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia
ALAPSO	Associação Latino-Americana de Psicologia Social
ABRAPSO	Associação Brasileira de Psicologia Social
CERSO	Centro de Estudos em Representações Sociais
CBRS	Conferência Brasileira sobre Representações Sociais
CIRS	Conferência Internacional sobre Representações Sociais
EHESS	École de Hautes Études en Sciences Sociales
FAHUPE	Faculdade de Humanidades Pedro II
ISOP	Instituto de Seleção e Orientação Profissional
JIRS	Jornada Internacional sobre Representações Sociais
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TRS	Teoria das Representações Sociais
UCP	Universidade Católica de Petrópolis
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UGF	Universidade Gama Filho
UDF	Universidade do Distrito Federal
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UEG	Universidade do Estado da Guanabara

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	32
1.1 Um breve histórico da psicologia social moderna	32
1.2 A gênese das representações sociais	37
1.3 A teoria das representações sociais em território brasileiro	41
2 BIOGRAFIA DE CELSO SÁ E SUA RELAÇÃO COM A TRS	46
2.1 Da terra aos mares – infância e juventude nas forças armadas	47
2.2 Da marinha aos cursos de psicologia: inserção na universidade do estado da Guanabara	48
2.3 O bom filho à casa torna - de volta à Uerj	54
2.4 As articulações entre o behaviorismo radical e as representações sociais	60
2.5 Recordar é viver: Celso Sá e a memória social	68
3 CONTRIBUIÇÕES DE CELSO SÁ NA TRS	75
3.1 Os interesses teóricos de Celso Sá - Uma construção a partir de sua biblioteca	75
3.2 Produção Bibliográfica de Celso Sá na TRS	79
3.2.1 <u>Contribuições teóricas e metodológicas no campo das representações sociais</u>	79
3.2.2 <u>Formando especialistas em representações sociais: As orientações de Celso Sá</u>	83
3.2.3 <u>Behaviorismo Radical e TRS – As Representações Sociais da escola pública em uma favela do Rio De Janeiro</u>	89
3.2.4 <u>A socialização do saber acadêmico</u>	90
3.2.5 <u>As Representações Sociais e a Memória Social de fatos históricos</u>	92
3.2.6 <u>As Representações Sociais de religiões afro-brasileiras</u>	95
3.2.7 <u>Representações Sociais da saúde e do Sistema Único de Saúde</u>	97
3.2.8 <u>Representações Sociais do trabalho infantil-juvenil</u>	100
3.2.9 <u>Outras contribuições em TRS</u>	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a compreender a trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá (1941-2016) na Teoria das Representações Sociais (TRS). Celso Pereira de Sá foi um dos mais importantes pesquisadores no âmbito da TRS e suas contribuições são consideradas muito relevantes neste campo. Doutor em Psicologia Social, Celso atuou como professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desde 1977 até o seu falecimento em 2016. Nesta instituição, foi responsável pela criação e coordenação do Curso de mestrado em Psicologia e Práticas sócio-culturais, origem do atual Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Também ocupou cargos administrativos de extrema importância, como a direção do Instituto de Psicologia e do Centro de Educação e Humanidades, e a vice-reitoria da UERJ. Na TRS, publicou vários livros e artigos e foi responsável pela organização de encontros e congressos na área, cabendo ressaltar seu papel como um dos fundadores do “Grupo de Trabalho (GT): Representações Sociais” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP).

Buscamos contar essa trajetória por meio de uma compreensão histórica da Psicologia Social no Brasil, apontando seu desenvolvimento a partir da presença de um pensamento psicossocial preocupado com a problemática nacional; sua institucionalização com os cursos e disciplinas, chegando ao momento de crise e transformações no campo da Psicologia Social brasileira. Desta forma, ao traçarmos seus antecedentes, nos aproximamos do momento de inserção da TRS em território brasileiro, teoria a qual Celso tanto se dedicou em sua produção e atividade acadêmicas.

Neste sentido, com base na literatura acerca da gênese e desenvolvimento da Psicologia Social no Brasil (Krüger, 1986; Bomfim, 2003; Sá, 2007; Jacó-Vilela et al., 2016) verifica-se, desde o século XIX, a construção de discursos agrupados na rubrica “pensamento psicossocial” visando a busca do controle sobre as subjetividades e ações humanas para se criar uma nação civilizada, nos moldes das europeias, principalmente a França. Um país marcado pela presença de correntes estrangeiras, na formação de seus pensadores e na constituição do campo científico.

No Brasil do século XIX, como demonstra Jacó-Vilela et al. (2016) acompanhamos a chegada da Corte Portuguesa em 1808 que provocou grandes mudanças nos hábitos e costumes dos brasileiros daquela época. Um de seus reflexos encontra-se na fundação de instituições com propósitos científicos, tais como, as Faculdades de Direito em Olinda e em São Paulo,

responsáveis pelas regras da sociedade, e as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, responsáveis pelo homem, suas capacidades, atributos e disfunções. Estas instituições possibilitaram a criação de um grupo, a "Geração de 70", responsável pelo interesse na ciência e pelo entusiasmo intelectual. Visando à construção de uma nação autônoma e desenvolvida, o progresso e a evolução guiaram a ciência oitocentista.

As influências estrangeiras neste momento determinariam a formação dos intelectuais e, por conseguinte, a construção de um pensamento psicossocial nos trópicos. Sob a inspiração de países da Europa (Bomfim, 2003; Jacó-Vilela, 2007) os intelectuais brasileiros começaram a se interessar por ideias como o materialismo, o positivismo, o evolucionismo e o comportamento das multidões. Com base nessas ideias, no movimento político-social da abolição da escravatura e Proclamação da República, o pensamento psicossocial encontra fundamento nas discussões raciais decorrentes da compreensão da presença do negro e do mestiço enquanto problemática para o desenvolvimento da nação.

Época de um Brasil de pouca industrialização, de domínio da oligarquia rural, de um contexto cultural marcado pelo declínio do romantismo e de um contexto intelectual regido pelo predomínio das ideias positivistas de Auguste Comte e pelo darwinismo social. Um Brasil atravessado pelas questões do fim do império e início da república, pelo ocaso do regime escravocrata e pelas inúmeras contingências adversas à aceitação social do negro. (Bomfim, 2003, p. 15)

No campo intelectual, dois autores apresentam as discussões raciais com justificativas opostas às possíveis causas do atraso nacional, são eles o médico maranhense Nina Rodrigues (1862-1906), catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia e mentor da chamada Escola Baiana de Antropologia, e o médico sergipano Manoel Bomfim (1868-1932), responsável pelo primeiro laboratório de psicologia experimental do Brasil, criado em 1906. De um lado temos Nina Rodrigues, absorto no racismo científico e sustentador da ideia de inferioridade da raça negra e, conseqüentemente, de sua responsabilidade pela impossibilidade da construção de uma nação civilizada; e do outro Manoel Bomfim, com seu posicionamento contrário às teorias racistas ao defender a relação de “parasitismo social” entre os países colonizadores ibéricos e os países colonizados da América Latina, os quais se encontram inferiorizados por condições históricas, e não por estigmas raciais. Este pensamento social que então se constitui é considerado como uma das primeiras formulações de Psicologia Social no país.

Posteriormente, no início da década de 1930, como demonstra Bomfim (2003), ocorre internacionalmente uma mudança de local e objeto nas discussões teóricas em Psicologia Social. Com a crescente produção teórica nos Estados Unidos decorrente da imigração europeia de intelectuais, em função da perseguição nazista, abre-se o diálogo entre americanos e

européus. Há uma mudança de foco ao se privilegiar estudos preocupados com a industrialização e ideias pedagógicas. Esses fatores, bem como a criação de manuais de Psicologia Social, influenciaram os professores dos primeiros cursos de Psicologia Social no Brasil, bem como suas publicações.

Desta forma, acompanhamos novamente no Brasil o desenvolvimento da Psicologia Social a partir das questões sociais, especificamente as político-educacionais. Neste momento, o conflito decorrente da Revolução de 30 possibilitou a posse de Getúlio Vargas (1882-1954) como Chefe do Governo Revolucionário¹, com isso, dá-se início ao processo acelerado de urbanização e industrialização, modernizando não só construções e espaços de trabalho, mas também os hábitos e os costumes da população. Essas mudanças ocorreram a partir de um projeto de reforma social do Brasil, desta forma, há um esforço para a criação de faculdades e universidades – a partir do Decreto nº 24.279, de 22 de Maio de 1934 -, bem como de reforma do sistema educacional, visando uma mão-de-obra mais qualificada para as exigências da industrialização, além dos esforços na educação de crianças, que eram compreendidas como "o futuro da nação".

No campo da Psicologia Social brasileira, o pensamento psicossocial encontrava-se em vias de institucionalização enquanto disciplina ministrada nos cursos (Krüger, 1986; Bomfim, 2003). São característicos deste momento: o curso de Psicologia Social ministrado por Raul Briquet (1887-1953), na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1933, que gerou o livro *Psicologia Social* (1935); e o curso ministrado por Arthur Ramos (1903-1949) na Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1935, que dá origem ao livro *Introdução à Psicologia Social* (1936). Esses intelectuais buscavam, através de seus ensaios, uma compreensão acerca do futuro social, econômico, político e cultural do Brasil, de tal forma que seus textos e magistérios despertaram interesse de outros profissionais, levando ao desenvolvimento teórico da Psicologia Social e sua aplicação.

O processo de especialização do labor intelectual prosseguiu com a industrialização e a centralização administrativa do governo Vargas, e, já nos anos de 1940, encontramos uma geração que, se ainda é multidisciplinar em formação e inquietudes, é, também, por outro lado, mais especificamente psicológica. Trata-se do momento de consolidação das primeiras universidades brasileiras e, aqui sim, da constituição dos campos disciplinares. (Jacó-Vilela et al., 2016, p. 530)

¹ Vargas foi presidente do Brasil por quase vinte anos, entre o primeiro período (1930-1945) e o segundo período (1951-1954). O primeiro período foi de 15 anos ininterruptos, de 1930 até 1945, e dividiu-se em três fases: Chefe do Governo Provisório (1930-1934); Presidente da república do Governo Constitucionalista (1934-1937); Ditador durante o Estado Novo (1937-1945). No segundo período, Getúlio governou o Brasil como presidente da república, eleito por voto direto, durante 3 anos e meio (1951-1954).

O campo disciplinar da Psicologia Social se constitui neste momento, entre a criação das primeiras universidades brasileiras e a lei nº 4.119, em 27 de agosto de 1962. Esta regulamenta a profissão de psicólogo e, junto ao Parecer 403/62, estabelece o currículo mínimo dos cursos de graduação em Psicologia. Desta forma, delimita-se um espaço institucional para o campo psicossocial, cuja produção ocorre nos cursos de Psicologia e não mais nos ensaios, cursos e associações científicas de outras áreas. Entretanto, por mais que a Psicologia tenha avançado em direção ao seu reconhecimento, a regulamentação dos cursos ocorre em concomitância com o regime ditatorial militar, que produziu efeitos políticos, sociais e psíquicos.

Com a "Revolução de 1964", um duro golpe contra as organizações populares e as liberdades democráticas foi ministrado. Um novo regime político, de caráter autoritário, coordenado pelos militares, era mantido através dos pactos com o capital internacional. [...] O quadro de conturbação sócio-político-ideológico afetou, desmobilizou e originou resistências. Passeatas, manifestações e invasões de universidades começaram a fazer parte do cotidiano brasileiros. As produções das ciências sociais e humanas, como não poderia deixar de ser, foram afetadas. (Bomfim, 2003, pp. 132-133)

A Psicologia Social, entre as décadas de 1960 e 1970, enfrentou discordâncias teóricas e metodológicas acerca da psicologia social cognitivo-experimental de origem norte-americana, o que ficou conhecido como momento de "crise" neste campo. Em território brasileiro, essas perspectivas – a cognitivo-experimental e uma outra mais próxima das Ciências Sociais - já se encontravam presente a partir de dois importantes personagens que assumiriam na produção e no ensino acadêmico sua concepção de Psicologia Social: Eliezer Schneider (1916-1998) e Aroldo Rodrigues, ambos responsáveis pela formação de professores pesquisadores no campo da Psicologia Social no Rio de Janeiro (Lima, 2009), como veremos mais adiante. Entretanto, antes de adentrarmos na apreciação destes personagens, é necessária uma descrição desta “crise” no campo da Psicologia Social, que já se anunciava no exterior ao passo em que, no Brasil, se dava início aos cursos de Psicologia.

Como demonstra Farr (1998), após a Segunda Guerra Mundial os americanos desempenharam um papel importante na reconstrução de algumas universidades na Alemanha, Japão e Europa e, desta forma, estabeleceram sua concepção de Psicologia Social como dominante no mundo de fala inglesa. Enquanto uma forma psicológica de Psicologia Social, o modelo norte-americano apresentava características tais como: individualismo, experimentalismo, microteorização, etnocentrismo, utilitarismo, cognitivismo e a-historicismo (Krüger, 1986).

Entretanto, esse modelo que estava em vias de se tornar hegemônico, já encontrava em seu próprio território questionamentos acerca da sua relevância e críticas referentes à sua teorização e metodologia. Como pontuado por Jacó-Vilela et al. (2016), as críticas à Psicologia Social norte-americana se dirigiam, em parte, à falta de um paradigma unitário em sua orientação teórica e, com isso, "a presença concomitante de diversas teorias oriundas da Psicologia das quais derivavam um número acentuado de microteorias, sem, contudo, haver uma (ou mais) teorias especificamente psicossociais" (p. 532). Em relação à metodologia, levantavam questões referentes à artificialidade da situação experimental, bem como "a necessidade de clarificação dos conceitos através de definições que possibilitassem observação e mensuração" (Jacó-Vilela et al., 2016, p. 532).

Em concomitância aos questionamentos teóricos e metodológicos, os problemas sociais continuavam demonstrando a inviabilidade da proposta e cada vez mais se presenciava o afastamento do modelo norte-americano dos problemas sociais reais. Neste cenário, como pontuado por Farr (1998), surgiram na Europa questionamentos acerca da natureza individual desta tradição psicológica. É nesse contexto que reaparecem estudos buscando uma forma sociológica de Psicologia Social ao contrário da forma psicológica, tais como a Teoria das Representações Sociais de Moscovici, a Teoria da Identidade Social de Tajfel, e a Teoria das Minorias Ativas, proposta por Moscovici & Faucheux.

Foi uma década atravessada pelos movimentos contraculturais e antiinstitucionais e pelas mobilizações em tomo das reivindicações sociais dos índios, dos negros e das mulheres. A revolução de maio de 1968 na França foi um marco na expressão dos conflitos e das demandas por mudanças sociais e políticas que pudessem gerar a criação de uma nova ordem social mais justa e mais humana. O questionamento ideológico aliou-se ao desencanto quanto aos resultados das ciências sociais, já consideradas submetidas ao poder estabelecido. (Bomfim, 2003, p. 131)

De acordo com Sá (1996), a Psicologia Social europeia, produzida fora dos Estados Unidos, fez mais do que apenas "replicar as descobertas americanas ou aplicar os instrumentais teóricos e metodológicos aí consagrados a variações de uma mesma problemática" (p. 14). Para além de uma alternativa, sua relevância e desenvolvimento promissor encontram-se na "disposição crítica e inovadora que ela representa, ainda que em termos academicamente minoritários, frente às características cristalizadas da prática americana." (Sá, 1996, p. 16).

Esses questionamentos e o surgimento de novas concepções acerca da Psicologia Social resultaram, segundo Farr (1998), no surgimento de duas principais ênfases: a Psicologia Social psicológica e a Psicologia Social sociológica: psicológica caracteriza-se pela primazia na experimentação e compreensão científica voltada ao objetivismo e universalidade, estando mais presente nos Estados Unidos; já na Psicologia Social sociológica predominam a busca por novas

metodologias, realização de pesquisas aplicadas e uso de métodos qualitativos, estando mais presente na Europa .

Em território brasileiro, os cursos de Psicologia já regulamentados davam início à formação de psicólogos e, em meio à influência da Psicologia Social americana, já encontrávamos a presença do ensino e produção de uma Psicologia Social em relação com as demais ciências humanas e sociais, tal como ocorria com o modelo europeu. A partir disso, retornamos à apreciação dos dois personagens que assumiram essas perspectivas em suas produções e ensino: Schneider e Rodrigues.

A presença de Eliezer Schneider destaca-se ao fazer parte do movimento que buscava a regulamentação da profissão de psicólogo e dos cursos de psicologia, bem como por possibilitar a formação de psicólogos sociais em diferentes cursos de graduação e de pós-graduação, sempre a partir de uma vertente interdisciplinar (Jacó-Vilela, 1999; Sá, 2007; Lima, 2009). A importância de Schneider tem um valor especial para nossa pesquisa devido à influência exercida sobre Celso Pereira de Sá, de quem foi professor de Psicologia Social na graduação e orientador no mestrado e no doutorado (Sá, 2001; Sá, 2007; Sá, 2009).

Formado em Direito, ao contrário de seus antecessores como os já citados Bricquet e Ramos que vieram da Medicina, e com um mestrado realizado na Iowa University, nos Estados Unidos, onde lhe foi proporcionado um aprendizado do behaviorismo, Schneider fazia parte da primeira geração de brasileiros com formação em Psicologia (Jacó-Vilela, 1999). Esteve vinculado a diferentes instituições, tais como o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, Manicômio Judiciário, além de lecionar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE) e Universidade Gama Filho (UGF). Sua atuação em diferentes instituições e seu compromisso com a Psicologia o levaram a contribuir com a institucionalização da Psicologia através da sua participação na comissão da Associação Brasileira de Psicotécnica, que elaborou um anteprojeto para a regulamentação da profissão e uma proposta curricular.

De acordo com Sá (2009), sua compreensão de Psicologia Social, articulada entre a psicologia e as ciências humanas e sociais, ocorreu nas aulas de Schneider. Ao fim dos anos 1960, suas aulas e leituras buscavam articular a Psicologia a outras áreas e, com isso, compreender o "indivíduo na sociedade". Também era comum em suas aulas o uso de exemplificações em filmes, novelas e jornais, a fim de buscar uma relação entre os conceitos e teorias da Psicologia Social e a realidade.

a perspectiva impressa por Schneider ao ensino da Psicologia Social – e que permanecia restrita aos limites da Praia Vermelha e de Vila Isabel – era a de uma ampla articulação entre a psicologia e as ciências humanas e sociais. Ou seja, e daí a sua importância, justamente aquilo que é hoje em dia – depois da crise da Psicologia Social americana e do advento de uma Psicologia Social europeia – defendido por um número crescente de psicólogos sociais brasileiros. (Sá, 2009, p. 97)

Em entrevista realizada por Dutra e organizada por Jacó-Vilela (1999), Schneider relata que sua vinculação à Psicologia Social se deu de forma autodidata e por interesse no campo, de modo que selecionava para si as disciplinas nesta área. Na opinião de Schneider, era necessário aos novos psicólogos interessados em Psicologia Social o acompanhamento de outras áreas, como por exemplo Antropologia e Ciências Sociais.

Durante sua trajetória profissional, Schneider sofreu impedimentos devido à sua vinculação à Juventude Comunista e participação nos movimentos antifascistas, os quais levaram à sua prisão e tortura quando ainda estudante de Direito. Tal como observado por Vasconcellos (2019), a partir deste reconhecimento, torna-se observável as relações entre suas contribuições no âmbito da Psicologia Social e seu posicionamento político-ideológico durante a ditadura militar.

De um ponto de vista teórico, seu posicionamento interdisciplinar e interesse na Psicologia Social, como apontado por Lima (2009), apresenta-se na publicação de aproximadamente 108 artigos e um livro: *Psicologia Social – Histórica, Cultural e Política* (1978), no qual declara que “haveria uma Psicologia Social da Cultura e da História que, não sendo isolada do restante da psicologia, poderia fazer uso de seus conceitos básicos na busca da compreensão de processos micro e macrosociais” (Lima, 2009, p. 411).

É importante o fato de Schneider ter feito referências, nas décadas de 70 e 80, a obras que apresentavam resistência ao modo hegemônico de se fazer psicologia [...] Schneider apresentava uma preocupação com a necessidade de a Psicologia Social se voltar para temas que não serviriam apenas para a formulação de teorias generalistas, mas que pudessem contribuir para o entendimento do humano em sua diversidade histórica e cultural. (Lima, 2009, p. 411)

Todavia, no Brasil, como no restante da América Latina, começa a se constituir uma forte hegemonia do modelo norte-americano, em parte devido à formação dos professores de Psicologia Social nas pós-graduações dos Estados Unidos (Farr, 1998). É através destas formações que o Brasil recebe - de volta - o maior representante e difusor da Psicologia Social norte-americana: Aroldo Rodrigues. Formado na primeira turma de Psicologia da PUC-Rio, seu reconhecimento decorre no fato de ser um dos primeiros profissionais brasileiros com toda sua formação em Psicologia – até então, era comum a formação ser em outras áreas, como foi o

caso de Schneider - , que realizou em nível de pós-graduação nos Estados Unidos (Lima, 2009).

Depois da institucionalização da psicologia nos anos 1960, e até os anos 1970, a psicologia social, no Brasil, esteve sob forte influência americana, e, conseqüentemente, sob as orientações metodológicas naturalistas, e por isso concebeu a realidade social como fruto da presença do outro. Tinha como objeto, portanto, o estudo do comportamento na presença de outro. Somava-se a essas concepções o fato de a psicologia em geral, no Brasil, como área de conhecimento e como fazer, ter uma tradição de controle, categorização e classificação, apresentando-se como uma profissão e um saber a serviço dos interesses das elites brasileiras. (Bock & Furtado, 2019, p. 599)

Ao levantar hipóteses acerca do seu prestígio, Jacó-Vilela et al. (2016) apontam fatores político-culturais, como "o fato de ser formado nos EUA e trazer a Psicologia Social que lá se fazia, em um momento no qual a ditadura militar recém-instaurada fortalecia sob todas as formas sua aliança com aquele país" (p, 532). Ademais, sua carreira científica, decorrente da sua formação em Psicologia Social, também merece destaque, pois "realizava pesquisas empíricas e a divulgava em revistas, as poucas brasileiras e as americanas, o que não era prática de nossos acadêmicos, mais acostumados com investigações bibliográficas e estilo ensaístico" (Jacó-Vilela et al., 2016, p. 532).

Essas investigações e, conseqüentemente, suas publicações, configuram outro importante ponto para a hegemonia de Rodrigues a partir da publicação do seu principal livro *Psicologia Social*, que teve, de 1972 a 2015, trinta e duas edições no Brasil. Como pontuado por Sá (2007), ao se tornar professor no início da década de 1970, encontrou nos cursos de psicologia a presença do modelo americano de Psicologia Social, que seria fruto não só da publicação do livro de Rodrigues, mas também do *boom* editorial no Brasil de autores norte-americanos em Psicologia Social:

Ao lado disso, testemunhava-se uma proliferação de traduções de manuais americanos, como o de D. Krech, R. Crutchfield e E. Ballachey (1969), mas também de obras mais originais, como as de Solomon Asch (1971) e de Fritz Heider (1970), além de textos de metodologia, como o de Leon Festinger e Daniel Katz (1974), e livros de caráter monográfico, como o de Daryl Bem (1973), para citar alguns representantes desse boom editorial. (Sá, 2007, p. 9)

Esse reconhecimento, nacional e internacional, possibilitou a Rodrigues algumas conquistas na carreira acadêmica, como por exemplo o convite para reformular o curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Gama Filho (UGF), que formou professores na abordagem da Psicologia Social cognitivo-experimental. Também é fruto do seu desempenho sua eleição para presidente da Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO), em 1970, que "respondia a um interesse em reunir os psicólogos sociais latino-americanos e

também fornecer à produção de conhecimento na área uma direção mais ligada à realidade de cada país” (Bock & Furtado, 2019, p. 600).

a psicologia social brasileira abandonara a reflexão sobre os grandes temas nacionais, a arena das trocas disciplinares e durante o governo militar que se instalara em 1964, sob a influência da produção americana, abraçara a perspectiva experimental como regime de verdade da ciência. [...] Os cursos de formação de psicólogos sofrem então modificações em sua filosofia. Os laboratórios de psicologia experimental são menos disseminados do que seria desejável, mas o vislumbre de uma psicologia orientada pelos pressupostos da ciência positiva exercia grande fascínio devido ao seu caráter prático e produtor de resultados, em meio a um ensino freqüentemente demasiado teórico e nem sempre muito objetivo. Uma perspectiva científica específica passa a inspirar uma parte da formação e da pesquisa psicológicas no Brasil, ditando as regras do fazer ciência em psicologia (Sá & Arruda, 2000, p. 17)

Todavia, a hegemonia deste tipo de Psicologia Social já vinha sendo questionada em outros territórios, não sendo diferente em solo brasileiro. Tal questionamento ocorreu em pleno curso da ditadura militar, quando fazia somente dois anos que a Psicologia se tornava uma profissão regulamentada e o papel do psicólogo começava a ser colocado em pauta. Esse questionamento induziu ao que foi denominado “a crise da psicologia social”, cuja principal característica, o questionamento das bases teóricas e metodológicas da psicologia social norte-americana já foi citado acima. Além disto, também se questionava o papel do psicólogo brasileiro frente a um país repleto de desigualdades sociais.

Rodrigues tornou-se o símbolo da perspectiva cognitivo-experimental desenvolvida nos EUA. Com as dificuldades de acesso à informação daquela época, era pouco conhecida, entre professores e estudantes brasileiros, a autocrítica estadunidense e europeia àquela psicologia social, bem como o desenvolvimento de novos tipos de trabalhos. No Brasil, Rodrigues representava tudo aquilo que se começou a questionar nos anos 1970. Era a “crise da relevância da psicologia social” chegando a nós (Jacó-Vilela et al., 2016, p. 532).

Como demonstra Jacó-Vilela et al. (2016), a crise da Psicologia Social nos Estados Unidos decorreu da busca de uma relevância social a partir de uma crítica teórico-metodológica. Já no Brasil, a relevância social dizia respeito à aplicabilidade desta psicologia às questões sociais do país. Para além de uma discussão teórico-metodológica, os psicólogos brasileiros buscavam novos objetos, voltados para situações concretas da vida e que poderiam produzir novos conhecimentos, como por exemplo, a criança em situação de rua, as relações de gênero, a saúde mental etc.

Nessa ocasião, a Psicologia Social não tinha, ainda, desenvolvido uma base mais sólida de conhecimentos, base pautada na realidade social e nas vivências cotidianas. Para superar a conhecida “crise” seria necessário buscar uma maior e mais cuidadosa produção de conhecimento, discutindo as questões ideológicas, elucidando os conflitos sociais, analisando as diferenças individuais, grupais e comunidades e questionando o seu próprio papel político. Dessa revisão, fruto das constantes críticas,

frutificaram os estudos e as análises sobre poder, ideologia, sujeito social e construção da realidade social (Bomfim, 2003, p. 131).

A crise da Psicologia Social no Brasil, tal como em outros países, estava para além de um questionamento teórico-metodológico, sendo um reflexo da situação política enfrentada, com a grande repressão político-cultural em meio à ditadura. Desta forma, os acontecimentos e diversidade de críticas possibilitaram uma reflexão epistêmica, social e política sobre o papel da Psicologia (Cordeiro & Spink, 2018).

Esse período da história da psicologia no Brasil é caracterizado pela efervescência de perguntas sobre o papel do psicólogo. Quem somos? O que buscamos? Qual nossa contribuição social? Críticas duras eram feitas aos profissionais que serviam ao sistema nas fábricas e nos consultórios particulares. A quem estamos servindo? - era a pergunta-chave. Começava a cair por terra a visão de uma ciência neutra e de uma prática descomprometida. A Psicologia começava a superar a ingenuidade que a acometia até então, dada a influência positivista. (Bock & Furtado, 2019, p. 602)

As discussões em torno da crise levaram ao rompimento da comunidade científica, tal como se demonstrou através das discordâncias entre a Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO), que tinha como presidente Aroldo Rodrigues e a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), que tinha como principal representante Silvia Lane (1933-2006). Para além das discordâncias em relação ao modelo de homem e sociedade, a maior contraposição girava em torno da neutralidade do pesquisador e do *status* de ciência deste campo (Lima, 2009).

A ABRAPSO se apresentou como uma possibilidade de rompimento com a psicologia social americana e europeia. Os problemas de nossa sociedade, marcada pela desigualdade social e pela miséria, não encontravam soluções na psicologia social importada como um saber universal dos países do Primeiro Mundo. Era imperioso rever, criticamente, o conhecimento científico como práxis, ou seja, a unidade entre saber e fazer. Sentia-se necessidade de uma psicologia social brasileira, que partisse da realidade social, tal qual estava sendo vivida pelo povo brasileiro. (Bock & Furtado, 2019, p. 601)

Ocorre, portanto, uma transformação na década de 1980, na Psicologia Social no Brasil, ao buscar outros suportes teórico-metodológicos. A adequação destas novas teorias ao contexto social da realidade brasileira ultrapassava as relações de poder anteriormente estabelecidas nas relações mestres-discípulos e de centros de pesquisa de países centrais em relação aos de sociedades periféricas. A partir do crescimento da produção publicada, inclusão de novas temáticas nos estudos realizados e aumento das atividades práticas, presenciamos um salto na busca de autonomia de conhecimento (Bomfim, 2003). Boa parte da Psicologia Social foi então se adequando à realidade brasileira e buscando, através de novos objetos e metodologias, uma atuação condizente com a situação de desigualdade social, as figuras de Georges Lapassade

(1924-2008), Osvaldo Saidon e Gregorio Barenblitt (1936-2021), junto a outros pesquisadores, desenvolvem a Análise Institucional; a partir de Ângela Arruda e Celso Sá, começou-se a realizar trabalhos a partir de teorias europeias, especialmente a das Representações Sociais; e Silvia Lane estabeleceu os fundamentos do que viria a ser conhecido como a Escola Sócio-Histórica (Jacó-Vilela et al, 2016).

Esse movimento levou ao surgimento de novas vertentes de Psicologia Social em território brasileiro, não mais preocupadas com uma compreensão individualizante, e sim com a multiplicidade do cotidiano. Desta forma, foi necessário o abandono das abordagens tradicionais da psicologia, que supunham isenção e neutralidade por parte do pesquisador, para uma aproximação às ciências sociais e a consequente mudança de objetos e metodologias. Neste momento, como dito, ocorreu a inserção de novos pensamentos, como por exemplo a teoria de Lev Vygotsky (1896-1934), a Análise Institucional e a Teoria das Representações Sociais.

Esta dispersão, que ia dos temas e enfoques clássicos até as últimas proposições surgidas na época, talvez indicasse a transição paradigmática que estava processando-se. Coincidentemente, correspondia ao momento de saída do regime autoritário e à oxigenação da Área com novas perspectivas que agora já podiam se expor abertamente. Seja como for, este parece ser um momento de ampliação de horizontes dentro da psicologia social brasileira, o que o torna propício para os estudos de representações sociais. (Sá & Arruda, 2000, p. 18)

De acordo com Sá (2019), a TRS chega ao Brasil a partir da publicação em português da primeira parte do livro *A representação social da psicanálise* de Moscovici (1978), dois anos depois da segunda edição publicada na França. Neste momento, mesmo com a apreciação de psicólogos sociais brasileiros, a TRS não chega a ser compreendida como um novo campo de estudos, pronto a promover uma renovação na Psicologia Social brasileira. Todavia, já havia pesquisas em território brasileiro utilizando a TRS, bem como interesse de alguns profissionais em realizar estudos nesta perspectiva no exterior.

Ao compreendermos a história da TRS na comunidade científica brasileira nos deparamos, tal como pontuado por Jodelet (2005, 2011a), com um "movimento" de estudo das representações sociais. Ao contrário de outras "escolas" da TRS, como a de Aix en Provence, com sua perspectiva estruturalista, e a de Genebra, com uma visão sociogenética, no campo brasileiro observamos uma "capacidade de assimilar nas suas problemáticas os aportes exteriores sem submissão passiva a suas prescrições"(Jodelet, 2011, p. 22). Esse movimento, caracterizado pela adaptação da TRS em cada universidade brasileira às suas problemáticas, preservou a liberdade de cada grupo ao mesmo passo em que promoveu a contribuição científica a partir da sua aplicação aos problemas e características da realidade social.

Essa orientação comum, pela diversidade dos produtos, parece focalizada sobre temas que diz respeito ao entendimento de problemas identificados na realidade social do país. A preocupação dos cientistas não é tanto de tipo puramente teórico, não responde tampouco a um desejo exclusivo de aperfeiçoamento e aprofundamento de metodologias. A perspectiva comum é de usar a teoria e os modelos das representações sociais para enfrentar questões vivas que atravessam a sociedade brasileira hoje em dia. (Jodelet, 2011, p. 22)

Justificativa

O interesse em compreender a trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá encontra subsídio na minha própria trajetória e no que considero a interseção entre a História da Psicologia e a Psicologia Social. Durante a graduação, dentre todas as disciplinas cursadas e áreas do conhecimento apresentadas, estas duas em especial me despertavam sede de conhecimento; portanto, ao longo da minha formação, busquei dedicar maior atenção e carinho por essas áreas.

Outro fator de relevância durante minha trajetória ocorreu a partir do contato com o Prof. Helmuth Kruger (1936-2020), um importante nome para História da Psicologia no Rio de Janeiro. Ao final da graduação, tive a oportunidade de acompanhar Helmuth em suas disciplinas de História da Psicologia enquanto monitor. Mesmo se tratando de um homem austero e distante, as experiências e conversas dentro e fora de sala de aula me possibilitaram compreender um pouco mais sobre essa intersecção que me é tão cara.

Absorto nessas áreas, bem como na influência de Helmuth Krüger durante minha formação, despertou-me o interesse em compreender o desenvolvimento da Psicologia no Brasil a partir dos profissionais que a constituíram. Com isso, a partir de conversas com meus professores sobre a criação do curso de Psicologia onde realizei minha graduação, optei por elaborar minha pesquisa de conclusão de curso acerca do Prof. Hanns Ludwig Lippmann (1921-1981) e da criação do curso de Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP).

Minhas pesquisas sobre a participação de Lippmann na criação dos cursos de Psicologia no Rio de Janeiro me levaram à busca por documentos, sendo necessário um em específico, que me direcionou ao Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché, onde fui apresentado às diferentes pesquisas realizadas, bem como à biblioteca e aos acervos de psicólogos de grande relevância para a História da Psicologia no Rio de Janeiro. Neste local, me deparei com o acervo do Prof. Celso Pereira de Sá, que já me era familiar devido à minha

participação em um grupo de pesquisa sobre a Teoria das Representações Sociais (TRS). A partir de conversas e reuniões com o grupo de estudos do Clío-Psyché, optei por desenvolver meu projeto de mestrado sobre a trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá; mais especificamente sobre as suas contribuições à Teoria das Representações Sociais (TRS). Restringi à TRS após ser informado, por minha orientadora, que a doutoranda Roberta Garcia Alvez realizava sua pesquisa sobre a trajetória do Prof. Celso Pereira de Sá no Behaviorismo, na Pós-graduação em Psicologia da UCDB.

A trajetória intelectual de Celso Pereira Sá por si só demonstra a relevância deste personagem para a Psicologia Social, em especial no campo das representações sociais. Suas contribuições na recepção e difusão da teoria e na articulação institucional possibilitaram uma produção acadêmica significativa, que levou ao seu reconhecimento como um dos principais autores do campo.

Temos como referência basilar da trajetória intelectual de Sá seu livro *Estudos de Psicologia Social: história, comportamento, representações e memória*, em que se encontram 20 estudos selecionados pelo autor, somando mais de três décadas de pesquisas psicossociais, as quais se dedicou em diferentes fases de sua carreira. Os textos selecionados distribuem-se entre: a psicologia social e sua história; o comportamento social; as representações sociais e a memória social. Nosso interesse, entretanto, recai sobre suas contribuições na teoria das representações sociais, que Sá considerava tratar-se da gênese social do pensamento.

Reconhecido nacional e internacionalmente, Sá marcou suas contribuições no campo das representações sociais ao lado dos principais autores da área: Serge Moscovici, Jean-Claude Abric e Denise Jodelet. No decorrer de sua carreira acadêmica, apresentou suas contribuições à teoria a Moscovici, estudou sob a supervisão de Abric e produziu pesquisas junto a Jodelet. Ao lado desses autores, seja por meio de produções acadêmicas ou organização de eventos, Sá possibilitou o desenvolvimento da TRS em solo brasileiro e tornou-se referência na área. Entre suas publicações, as que geraram maior impacto são: um capítulo de introdução teórico-conceitual, no primeiro livro brasileiro sobre representações sociais, *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*, organizado em 1993 por Mary Jane Spink; um livro sobre abordagem estrutural das representações sociais, *Núcleo Central das Representações Sociais*, responsável pela entrada no Brasil desta abordagem de TRS e um outro livro com o título, *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*, referência obrigatória nos programas que se dedicam à pesquisa no campo da TRS (Trzan & Degani-Carneiro, 2014).

São nos prefácios destas publicações que encontramos a apreciação dos principais nomes da TRS ao trabalho desenvolvido por Celso. Assim, no prefácio do livro *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*, Jodelet (1998) ressalta a importância da obra e do pesquisador ao compartilhar com os estudantes os caminhos pelos quais se constrói uma pesquisa nesta abordagem. Ainda de acordo com a autora, a partir de trabalhos como este, tem-se o sentimento de assistir à formação e desenvolvimento de uma escola brasileira. Em posicionamento semelhante, Abric (1996), no prefácio do livro *Núcleo central das representações sociais*, afirma que a obra constitui uma grande honra como também sua leitura é fonte de emoção, haja vista a amizade estabelecida e o papel de Celso enquanto difusor da TRS na América Latina.

Cabe ressaltar, a nível institucional, suas contribuições à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na qual atuou em grande parte da sua carreira, principalmente nos momentos de articulação com a TRS. Nesta instituição, assumiu, além das funções de professor: a direção do Instituto de Psicologia (1984 a 1987); a direção do Centro de Educação e Humanidades (1988 a 1991); a coordenação do recém criado Mestrado de Psicologia e Práticas Sócio-Culturais (1991 a 1994) e a Vice-Reitoria da UERJ (2000 a 2003), as quais demonstram a importância em se compreender a trajetória de um personagem que desenvolveu a maior parte da sua carreira acadêmica dentro desta instituição.

Nesse sentido, levantamos algumas questões referentes à sua trajetória: O que levou Celso a abandonar o Behaviorismo e dedicar-se a TRS? O que teria despertado seu interesse nesta teoria que acabava de aparecer no Brasil? Quais foram suas contribuições teóricas e pesquisas desenvolvidas na TRS? Ao longo de sua trajetória, qual foi sua participação na organização de eventos em TRS? Espera-se que, ao procurar responder estas perguntas, esta pesquisa contribua para a compreensão da trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá na TRS

Objetivos

Objetivo Geral:

- Analisar a trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá na TRS;

Objetivos Específicos:

- Levantar as publicações de Celso Pereira de Sá na TRS;
- Descrever sua participação na organização de eventos em TRS;

- Indicar os autores com quem estabeleceu pesquisas em TRS.

Metodologia

Ao adentrarmos na construção da trajetória intelectual de Sá, optamos pela utilização de metodologias capaz de abarcar os diferentes tipos de fontes, portanto, utilizamos como ferramentas metodológicas desta pesquisa os referenciais teóricos sobre o uso de documentos em pesquisa - em especial no campo da História da Psicologia - e as contribuições para o estabelecimento de uma biografia e história intelectual. Desta forma, apresentamos o uso de fontes e suas diferentes concepções ao longo de seu percurso histórico até o surgimento da Nova História e como ela impacta a História da Psicologia. Em seguida, a partir dos referenciais teóricos de Rosa et al. (1996) e de alguns outros autores, buscamos compreender a construção biográfica e de uma trajetória intelectual em História da Psicologia.

O caminho percorrido para o uso de documentos em pesquisa histórica foi alvo de críticas, desde o que seria um documento e quais podem ser utilizados, até as metodologias possíveis para sua coleta, organização e análise. Essas e outras questões podem ser observadas na passagem da história tradicional para a história oral, todavia, é necessária uma definição do que seja um documento antes de percorrer essa passagem.

A palavra documento, como é empregada na historiografia, dispõe de alguns sinônimos em disputa, tais como: fonte, vestígio ou registro histórico. Como demonstra Barros (2019), isso ocorre devido às diferentes concepções do objeto ao longo do tempo e da expansão do seu sentido ao se adentrar em novas possibilidades teóricas e metodológicas. Entretanto, pode ser definido como “tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente” (Barros, 2019, p. 15).

O documento apresenta-se, portanto, enquanto um dos principais objetos de pesquisa do historiador. Sua importância, como apontam Karnal e Tatsch (2009), encontra-se na premissa de que, sem documentos históricos, não há o que ser dito por um historiador; um período histórico sem referência pode tornar-se inexistente para um profissional de história. Entretanto, como dito anteriormente, a concepção do que seja um documento e de que forma acessá-lo mudou consideravelmente ao longo da história e na prática do historiador.

Como demonstra Le Goff (2013), *documentum* é um termo latino derivado de *docere*, que significa “ensinar”. Posteriormente, começa a ser utilizado no vocabulário legislativo, assumindo o significado de “prova”. O termo documento difundiu-se na linguagem jurídica francesa durante o século XVII, tornando-se fundamento da escola metódica² do fim do século XIX, apresentando-se como prova histórica.

Um historiador da Escola Metódica do século XIX teria certeza de que o documento é, em essência, o texto escrito: a carta, o tratado de paz, o testamento etc. Todo o debate estava em torno da autenticidade do texto. Uma vez estabelecida essa autenticidade, o texto escrito brilhava aos olhos do analista como a fonte por excelência. [...] A busca, seleção, crítica e classificação documental constituem-se no eixo em torno do qual gira a atividade do historiador. (Karnal & Tatsch, 2009, pp. 14)

Todavia, o termo *documento* ou *documento histórico*, amplamente utilizado a partir do século XIX, deriva de um modelo de História Política no qual as fontes utilizadas provinham de textos produzidos pelo Estado ou por poderes constituídos. Desta forma, “a designação ‘documento histórico’ surgiu como uma tendência no vocabulário historiográfico, o que inclusive parecia aproximar do trabalho dos juristas o tipo de trabalho que os historiadores desenvolviam” (Barros, 2019, p. 18).

A partir da escola metódica, verifica-se um triunfo do documento. A escola, através de um conjunto de regras e princípios metodológicos, tornou este objeto recurso indispensável a qualquer historiador entre o final do século XIX e o início do século XX. Todavia, como demonstra Le Goff (2013), o documento caminhou para uma revolução ao ampliar e enriquecer seu conteúdo, mantendo sua concepção.

A prática historiográfica assumiu novas possibilidades teóricas e metodológicas a partir da Escola de Annales e, mesmo que continuasse a se utilizar do termo documento, seu sentido foi expandido, o que possibilitou a utilização de novas fontes além das utilizadas por historiadores até o século XIX. Ao colaborar com o alargamento da noção de fonte - como proposto por Marc Bloch (1886-1944) - determinou-se que a busca do historiador deve encaminhar-se a tudo que é humano. Com isso, ocorreu a ascensão de novos campos da História, tais como História do Cotidiano, História Quantitativa, História das Imagens e História Oral, seguidos do surgimento de novas análises, como das crianças, dos jovens, da etiqueta, das mulheres, das roupas etc (Karnal & Tatsch, 2009).

² A escola metódica, frequentemente chamada de positivista, propõe, a partir da aplicação de técnicas rigorosas, crítica a documentos e organização das tarefas na profissão de historiador, uma investigação científica visando a objetividade no domínio da história. Tem como base dois textos: o manifesto de G. Monod para o lançamento da Revista Histórica em 1876 e o manual de Langlois e Seignobos publicado em 1898. (Bourdé & Martin, 1983)

Desta forma, o próprio sentido da palavra documento, que já se encontrava incorporado na escrita do historiador, expandiu-se para as possibilidades de objeto material, fotos e até mesmo canções e outras formas orais. Essa expansão, em conjunto com a flexibilização dos sentidos, possibilitou o surgimento do termo *fonte* ou *fonte histórica*, que passou a ser empregado devido à sua fluidez:

Acrescento – ao que já foi discutido até aqui sobre a tendência cada vez mais saliente de domínio da expressão “fonte histórica” – o fato de que o historiador de hoje não costuma mais esperar, dos materiais e evidências que lhes chegam do passado, apenas ou necessariamente uma “prova”, encarando também as fontes como discursos a serem analisados ou como redes de práticas e representações a serem compreendidas. (Barros, 2019, p. 21, destaque do autor)

A nova historiografia, portanto, de cunho interpretativo, ao contrário da limitadamente factual, se interessa em “elaborar interpretações demonstráveis e bem fundamentadas sobre os processos históricos, em propor hipóteses, em promover análises, em problematizar” (Barros, 2019, p. 21).

A expansão documental não diz respeito apenas a novos objetos ou à inclusão de personagens comuns, mas ao próprio caráter holístico do trabalho. Assim, o documento escrito clássico passou a ser somado ao documento arqueológico, à fonte iconográfica, ao relato oral (quando possível), a análises seriais e a todo e qualquer mecanismo que possibilite uma interpretação. Não foi apenas a noção de documento impresso que ficou ultrapassada; foi o próprio trabalho de um historiador que apenas lia livros sobre um tema e ilustrava com fontes documentais. (Karnal & Tatch, 2009, p. 22)

As fontes históricas, no centro de uma nova história-problema, já não assumem o mesmo papel que ocupavam na historiografia tradicional, enquanto registros de informações à espera de comprovação por um historiador. Atualmente as fontes são parte do próprio problema, e se apresentam como diferentes discursos a serem interpretados e compreendidos, pois não basta um problema ou uma fonte para se fazer história, principalmente uma historiografia científica. Necessita-se, portanto, permitir um entrelaçamento dessas instâncias.

Com a ampliação do sentido de documento para além do que está no papel, aceitando as fontes imateriais, não há limites para os diferentes tipos de documentos. Dos mais simples aos mais complexos, o conjunto de possibilidades vai desde a modificação da paisagem e o meio ambiente à sua volta, até processos naturais e planetários que não dependem da interferência do homem. Incluem-se vestígios arqueológicos e de cultura material, como a arquitetura de prédios e ruas (Bazar, 2021), e as fontes da história oral, que decorrem de testemunhos (Barros, 2019).

Certamente houve um longo desenvolvimento da compreensão do que seria um documento na história da historiografia, o que possibilitou o surgimento de novas fontes para

o campo de trabalho do historiador. Atualmente, não há dúvidas quanto à infinidade de possibilidades para o historiador ao falarmos de fontes históricas, multidiversificação que foi uma conquista dos historiadores. E de que forma ocorre o uso de fontes históricas em pesquisas em Psicologia? A resposta encontra-se numa pergunta similar proposta por Brožek e Guerra (1996) que, ao se perguntarem “Que fazem os historiógrafos?”, respondem:

O historiador identifica os vestígios para poder coletá-los, organizá-los, analisá-los e interpretá-los. Descobre os documentos, fotografa e os transcreve, torna-os disponíveis. A recuperação de documentos é uma valiosa contribuição aos nossos conhecimentos. Todavia, estou de acordo que os documentos constituem a matéria-prima, dados crus da historiografia, não história mesma. Tornam-se história por meio de análise de elucidação. (Brožek & Guerra, 1996, p. 11)

A utilização de fontes como objeto de pesquisa, de acordo com Jacó-Vilela et al. (2016), levanta algumas questões metodológicas de grande importância para a pesquisa histórica, tais como: a negligência em relação à história da psicologia e, muitas vezes, uma contextualização que remete a outros países, outras realidades; a utilização de evidências empíricas no uso da análise documental e das técnicas de documentação; a escolha da técnica e instrumentos a partir do objeto de pesquisa e a imprevisibilidade da investigação histórica.

Como demonstram Brožek e Massimi (1998), a historiografia da psicologia apresentou, nas últimas décadas do século XX, maior reconhecimento, a nível organizacional e institucional. Em alguns lugares como Estados Unidos, Europa e América Latina, houve um notável crescimento na criação de grupos, periódicos e na publicação de escritos que versam sobre a historiografia da psicologia. Assim também ocorre no território brasileiro, onde presenciamos cada vez mais o crescimento das investigações com perspectiva histórica.

A construção de uma trajetória intelectual demanda o uso de uma metodologia capaz de analisar a vida e obra de um autor; entretanto, não basta a construção de uma narração buscando estabelecer os fatos de uma vida de forma cronológica ou a partir de algum outro critério. Para o trabalho do historiador, outros cuidados são necessários: é preciso realizar uma análise biográfica extensiva sobre a vida e obra do autor; é necessário também conhecimento sobre o uso de técnicas de documentação, que compreendem a forma de localizar um documento até o processo de catalogação. Estes dois cuidados vão possibilitar a construção de uma narrativa histórica que busca na evidência empírica os acontecimentos do passado.

Como demonstra Barros (2015, p. 15) a História Intelectual, desde sua consolidação no século XX, apresenta-se como um universo vasto e diversificado de possibilidades, ao compreender os intelectuais enquanto agentes da história, que criam, escrevem, discutem e propagam ideias. Apesar da dificuldade de alguns autores em delimitar seus limites, sua

compreensão expande-se e possibilita análises desde “obras ou de autores específicos até as grandes redes de idéias e de conceitos, os movimentos intelectuais diversificados, os contextos intelectuais mais amplos e as correntes de pensamento nas mais diversificadas áreas da criação humana”.

Ao buscarmos sintetizar essa modalidade historiográfica, concluímos que ela constrói os seus objetos considerando tudo que envolve a produção, circulação e recepção da atividade intelectual. Desta forma, devido sua abrangência, a História Intelectual possibilita abarcar outros estudos, tais como a própria Biografia, ao compreender a produção de um intelectual, sua vida e contexto no qual esteve inserido. A biografia, portanto, configura-se como instrumento que busca conceptualizar as relações entre intenção e ação de um indivíduo e, em contrapartida, devolver à sociedade e aos grupos modelos de vida e modos de conceptualizar culturalmente a ação individual.

Escrever a vida é um horizonte inacessível, que no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. Cada qual mobilizou o conjunto de instrumentos que tinha à disposição. Todavia, escrevem-se sem cessar as mesmas vidas, realçam-se as mesmas figuras, pois lacunas documentais, novas perguntas e esclarecimentos novos surgem a todo instante. A biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor. (Dosse, 2016, p. 11)

Desta forma, a biografia enquanto gênero narrativo tem como única restrição formal preservar a ordem dos acontecimentos narrados, sejam estes fiéis ou não aos acontecimentos reais e seja ou não explicativa a conexão entre eles. Essa ordem e unidade textual acontecem por meio do enredo, que buscando criar um significado particular, integra em uma trama os acontecimentos narrativos.

Todavia, cabe ressaltar a posição do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2002, p. 183) acerca do que denomina de “ilusão biográfica”, pois, de acordo com o autor, a compreensão de uma história de vida carrega consigo o pressuposto da vida "como um conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história". Apesar da construção de uma narrativa biográfica demandar uma linearidade acerca da trajetória do investigado, é necessário se atentar à ilusão de uma vida ordenada na qual os eventos acontecessem sucessivamente.

Essa vida organizada como uma história, transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo. (Bourdieu, 2002, p. 184)

Para uma análise biográfica em história da psicologia, buscamos as relações entre a obra e vida do autor; entretanto, apontar os eventos de uma vida como interesse para a explicação histórica e eleger um modo para sua criação, configura-se como um dos problemas do historiador. Portanto, ao considerarmos sua produção intelectual, é necessária uma reflexão sobre a sua relação com os aspectos biográficos.

Independientemente de su complejidad conceptual en la explicación del cambio, o del nivel de precisión técnica que el biógrafo alcance en la descripción de los logros profesionales del personaje que historia, la biografía, como género, asume que lo importante es describir la vida del personaje a partir de categorías compartidas por los miembros del grupo al que la biografía va dirigida. A partir de tales categorías, la tarea básica del biógrafo consiste en preservar la identidad del personaje a lo largo de la narración, de manera que no se vea alterada por los acontecimientos que le afectan (Rosa et al., 1996, p. 108)

Como apontam Rosa et al. (1996), há um consenso acerca da função instrumental das biografias científicas na transmissão de filosofias da ação científica e das perspectivas teóricas; entretanto, isto não ocorre ao buscarmos a explicação dos processos de produção, distribuição e consumo dos produtos científicos a partir da consideração da biografia como fator explicativo. Isto ocorre devido à capacidade das ciências em definir processos de produção, distribuição e consumo dos produtos científicos, sem considerar a contribuição do indivíduo. Todavia, os autores assinalam que há casos no quais se deve buscar as relações entre a vida de um autor e sua produção científica.

Efectivamente hay ocasiones em que la vida de las personas, o alguno de sus aspectos, se convierte en objeto de reflexión. Pero además, lo que resulta más relevante en este contexto, hay muchas ocasiones en las que la reflexión sobre algún aspecto particular de la vida consigue regular el curso de nuestras acciones. Por así decirlo, en estos casos nuestras propias acciones y sus consecuencias se convierten en testimonios de nuestra reflexión sobre la vida. (Rosa et al., 1996, p. 117)

Neste caso, os textos podem ser considerados uma ação comunicativa, que reproduzem processos de reflexão e que formam uma estratégia de vida pessoal para persuadir os outros ou a si mesmo através do processo de reflexão. Afirma-se, portanto, a hipótese na qual a análise dos textos é fundamental para a compreensão das condições na qual a vida acontece.

Ao se contemplar o modelo historiográfico, segundo Rosa et al. (1996) algumas técnicas são necessárias no trabalho do historiador intelectual, dentre as quais: a localização e seleção da documentação, um processo indispensável ao se aproximar de qualquer objeto de estudo; a manipulação da informação, a qual visa a ordenação da evidência empírica; e, por último, a análise dos dados documentais, que possibilita uma explicação histórica para os mecanismos de produção, distribuição e consumo da ciência.

A localização e seleção da documentação, um dos pilares metodológicos para o trabalho do historiador, é uma etapa básica de pesquisa para qualquer ciência. Possibilita o acesso aos discursos científicos já produzidos, desta forma evitando esforços e contribuições desnecessárias de conceitos e temas já abordados anteriormente. A documentação, portanto, nos auxilia a acessar questões de interesse para a pesquisa, apontando onde e como encontrar os materiais e permitindo, após a coleta, a criação de dados para explicação e descrição do passado.

Como vimos, os documentos, no caso da pesquisa histórica, atuam como fonte do que se procura pesquisar, devendo o historiador buscar um equilíbrio entre a quantidade de informação encontrada na documentação e o que é efetivamente relevante para a pesquisa. Com isso, o trabalho do historiador consiste na construção de uma narração que busque ser explicativa ao mesmo tempo que oferece as evidências sobre as quais se baseiam suas afirmações, demonstrando, assim, os caminhos que se vão produzindo ao longo do tempo. No caso de uma história intelectual, este mesmo cuidado permanece.

Após a coleta da documentação, o historiador precisa estabelecer uma ordenação no material coletado, possibilitando sua classificação e a extração de dados para o uso de terceiros. No trabalho histórico, a manipulação de informações ocorre através da construção de catalogação utilizando os documentos como fonte de informação. Estes documentos constituem uma evidência de base empírica para a pesquisa e por isso sua catalogação é uma tarefa de grande importância.

Com o avanço das técnicas de catalogação e da informática em geral, a classificação e ordenação dos documentos ocorre de maneira ágil e acessível devido à utilização de *softwares* que auxiliam nesta tarefa. Entretanto, em função das particularidades de cada software e das necessidades de cada investigação, cabe ao pesquisador estabelecer uma padronização da informação coletada. Rosa et al. (1996) fazem algumas recomendações sobre os itens para catalogação de textos que seguimos neste trabalho.

O resultado final do trabalho de um historiador é a construção de uma narrativa histórica que descreve e explica os eventos aos quais dedicou sua atenção, de forma coerente e argumentativa, com elementos relevantes. Entretanto, a construção de uma narrativa histórica - que se diferencia de outros tipos de narrativa por buscar referir-se aos acontecimentos do passado - demanda um conjunto de requisitos para sua elaboração:

Ha de ser una narración analítica, de manera que los elementos que incluya hayan sido constituidos de una forma metodologicamente rigurosa, que contenga tantos elementos como sean precisos para explicar lo que sucedió, y sólo aquellos que sean necesarios para ello. Esta recomendación evita una narración prolíja y llena de

elementos irrelevantes para el propósito de la historia. Pero, por otro lado, el historiador tiene la obligación de ser lo más exhaustivo que pueda en la recogida de la información, al mismo tiempo que la necesaria selección que ha de realizar para la confección de la narración final, no le puede llevar a ignorar información que le resulte discordante. (Rosa et al., 1996, p. 175).

Nesse sentido, Dosse (2016) contribui ao apontar a relação entre o trabalho do biógrafo e o labor beneditino: o biógrafo consagra sua existência ao esclarecer a vida de um estranho e seus sacrifícios pessoais transformam-se em sacerdócio. Da mesma forma, seu trabalho jamais estará concluído, pois o biógrafo compreende que, independentemente do número de fontes, sempre surgem novas pistas e o risco de se emaranhar a cada passo.

Essa apropriação mergulha o biógrafo num universo de exterioridade. Em consequência da projeção necessária e exigida pela empatia com o tema, o biógrafo não só acaba modificado, transformado pela figura cuja biografia escreve, como passa a viver, durante o período de pesquisas e redação, no mesmo universo, a ponto de não conseguir distinguir o exterior do interior. (Dosse, 2016, p. 14)

Desta forma, buscando compreender a trajetória intelectual de Celso Pereira de Sá, nossa investigação ocorreu no Acervo Documental e na Coleção Celso Pereira de Sá, ambos existentes no Laboratório Clio-Psyché e doados por sua viúva, Profa. Denize Oliveira. O Acervo é composto de notas de aula, textos etc. A Coleção, por sua vez, abarca a Biblioteca do prof. Celso Sá.

Para a investigação da Coleção, já sido catalogada e disponível no Catálogo Online da Rede Sirius (Sophia). foi necessária uma nova catalogação do material a fim de compreendermos as áreas do conhecimento presentes. A adequação desta catalogação foi conferida tanto com o co-orientador, Prof. Dr. Filipe Degani, quanto com a orientadora, Profa. Ana Jacó. Em seguida, os dados catalogados foram dispostos em uma planilha de Excel com as seguintes classificações: nº de chamada; descrição; nº de folhas; autor; editora; ano; idioma; assuntos; conteúdo.

Com relação ao Acervo, foram necessários alguns cuidados com o material a fim de preservá-lo. O primeiro passo foi a remoção de grampos e clipes, seguido da disposição de cada objeto em sacolas transparentes. Em seguida, digitalizamos o material por meio do software Adobe Acrobat Pro DC, o qual possibilitou a detecção e extração de textos em imagens com o reconhecimento óptico de caracteres (OCR). Terminada a digitalização, demos início à catalogação do Acervo buscando seguir a divisão já estabelecida pelo próprio autor para suas pastas e caixa com documentos – Sobre Behaviorismo; Memória Social; Relatórios CNPQ (Umbanda); Havia também uma caixa sem identificação e com os mais variados documentos –

Por último, classificamos todo o material do Acervo em termos de Forma e Conteúdo, o que possibilitou a descrição dos documentos.

Devido à falta de trabalhos analíticos referentes à obra de Celso Sá e buscando complementar o material documental existente, optamos por realizar entrevistas com os profissionais que, ao seu lado, desenvolveram pesquisas na área da TRS e com ele estabeleceram vínculos para além da carreira profissional. Selecionamos para a entrevista os profissionais Ricardo Vieiralves, Renato Möller, Luiz Fernando Tura, Angela Arruda e Denise Jodelet, bem como sua viúva, Denize Oliveira.

Com isso, desenvolvemos a dissertação em 3 capítulos: no primeiro, abordamos a História das Representações Sociais, desde as contribuições de Moscovici até o momento de inserção da TRS no Brasil; já no segundo, apresentamos a biografia de Celso Pereira de Sá e sua relação com a TRS; por último, o terceiro aponta as contribuições de Celso na TRS, apresentando suas publicações e participação em eventos. A Conclusão, finalmente, reafirma Celso Sá como um dos teóricos em TRS, e não apenas um difusor em território brasileiro, bem como, seu compromisso social a partir das pesquisas com TRS e ao exercer cargos administrativos na UERJ.

1 CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Com pouco mais de 60 anos de sua proposta inicial, a TRS alcançou não só o reconhecimento entre seus pares, como também relevância enquanto teoria entre acadêmicos, impactando de tal forma o meio científico que possibilitou uma renovação do campo da Psicologia Social. Nosso objetivo neste capítulo, utilizando uma metáfora da área, é compreender as raízes e as flores da TRS, ou seja, o solo intelectual onde ocorreu sua gênese e o alcance a partir da sua difusão.

Para este percurso, faz-se necessária uma introdução dos rumos da Psicologia Social até então, momento marcado pela hegemonia do modelo norte-americano e do surgimento de um modelo europeu, o das representações sociais; em seguida, focaremos na gênese e difusão da TRS em contrapartida à individualização norte-americana na Psicologia Social; por último, acompanharemos sua inserção e desenvolvimento no Brasil.

Cabe ressaltar, entretanto, a utilização dos termos referentes às formas “psicológicas” e “sociológicas” da Psicologia Social ao longo deste capítulo. Como apontado por Jacó-Vilela (2007), esta dicotomia entre uma psicologia social psicológica e uma psicologia social sociológica surge a partir do trabalho de Floyd H. Allport (1890-1971) e no Brasil ganha atenção com a publicação da edição brasileira do livro de R. Farr, *Raízes da Psicologia Social Moderna* (1998). Concordamos com Guareschi e Roso (2014) sobre a necessidade de se abandonar esta distinção, em favor de um olhar que não dicotomiza o psíquico e o social. Portanto, utilizaremos aqui estes dois termos apenas como referência para a compreensão da época do surgimento da TRS.

1.1 Um breve histórico da psicologia social moderna

A Psicologia Social adquiriu seu status de campo científico apenas no começo do século XX e, desde este momento, foi marcada por uma falta de consenso acerca do seu objeto de estudo. Todavia, é possível observar, num rápido exame da sua história, uma frequente preocupação dos psicólogos sociais com as relações que os indivíduos mantêm entre si e com a sociedade ou a cultura. Essa ênfase no indivíduo-sociedade acompanhou a evolução do

campo, desembocando, posteriormente, na caracterização dos modelos psicológicos e sociológicos da Psicologia Social (Ferreira, 2011).

Tal como observado por Camino e Torres (2013), ao buscarmos compreender a Psicologia Social a partir de uma perspectiva histórica, nos deparamos com uma área que não se desenvolveu de forma linear e nem mesmo a partir de um único projeto ou definição. Na realidade, a Psicologia Social, enquanto teoria científica, foi historicamente construída a partir de debates e redefinições da natureza e métodos desse campo.

Em meados do século XX, a Psicologia Social já havia alcançado seu reconhecimento e relevância no meio científico, constituindo-se quase que exclusivamente a partir da hegemonia do modelo norte-americano. Entretanto, a concepção de Psicologia Social que se havia difundido ao redor do mundo encontrava-se em vias de questionamento, o que levou a reformulações teóricas e metodológicas do campo. Para compreendermos a gênese e desenvolvimento da TRS e como ela se insere na situação acima, faz-se necessária uma apresentação do ambiente acadêmico e teórico da Psicologia Social entre o final da década de 1950 e o início da década de 1960, especialmente no que diz respeito à relação estabelecida entre os Estados Unidos e a Europa.

Semelhante ao impulso dado aos testes psicométricos e sua utilização na Primeira Guerra Mundial, a Psicologia Social deve seu desenvolvimento à colaboração interdisciplinar de cientistas sociais em pesquisas com soldados durante a Segunda Guerra Mundial. Em decorrência desta colaboração, propiciou-se a criação de programas de doutorado interdisciplinares em Psicologia Social no período pós-guerra e, com isso, a criação de uma nova geração de estudantes de pós-graduação (Farr, 1998).

O período do pós-guerra constituiu-se em uma fase de intensa produção pelos psicólogos sociais da época, estimulada pela continuação dos esforços de cooperação empreendidos durante a guerra e pela constatação por parte das entidades militares e governamentais de que as ciências sociais e comportamentais estavam preparadas para colaborar no gerenciamento dos complexos problemas humanos daquele período (Ferreira, 2011, p. 19)

A era moderna da Psicologia Social, portanto, teve seu início no fim da Segunda Guerra Mundial e constituiu-se como um fenômeno caracteristicamente americano. Tal afirmação encontra embasamento em um conjunto de fatos históricos, que possibilitaram a emergência e consolidação do campo. De acordo com Camino e Torres (2013), após a guerra, os Estados Unidos lançaram mão de um conjunto de práticas visando auxiliar na reconstrução econômica e intelectual da Europa, bem como dos outros locais envolvidos no conflito. A partir de projetos como o Plano Marshall, uma ajuda financeira para países envolvidos na Segunda Guerra

Mundial, e o Programa Fulbright, que buscava estabelecer um intercâmbio cultural entre os Estados Unidos e a Europa com auxílios para estudantes e professores universitários, estabeleceu-se a influência norte-americana no campo científico da Europa, e, portanto, no campo da Psicologia.

Durante a década de 1960, buscando promover a internacionalização da Psicologia Social, os Estados Unidos criaram um Comitê Transnacional, sob a presidência de Leon Festinger (1919-1989). O comitê era inicialmente composto por seis psicólogos norte-americanos e dois europeus e buscava, entre suas primeiras iniciativas, fomentar o desenvolvimento da Psicologia Social na Europa. O reflexo do envolvimento entre os Estados Unidos e a Europa, no que tange ao desenvolvimento da Psicologia Social, encontra-se no auxílio prestado pelos americanos para criação e consolidação da Association Européenne des Psychologues Sociaux Expérimentaux (Ferreira, 2011).

Como demonstra Farr (1998), os Estados Unidos foram responsáveis não só por reunir os psicólogos sociais que trabalhavam isoladamente e, com isso, auxiliar na construção da associação, como também no apoio logístico de psicólogos sociais americanos, como Leon Festinger (1919-1989) e Dorwin Philip Cartwright (1915- 2008) Todavia, apesar da presença hegemônica de um modelo norte-americano, a associação contava com a liderança intelectual de psicólogos sociais europeus, como Henri Tajfel (1919-1982) e Serge Moscovici (1928-2014), que possibilitaram o desenvolvimento da associação, bem como da Psicologia Social na Europa.

Nos anos de 1960, em vários países europeus, os psicólogos já realizavam pesquisas psicossociais, mas foi ao final da década que começaram a ser realizados esforços mais sistemáticos, não apenas por parte do Comitê Transnacional, mas também por meio de outras iniciativas mais isoladas, dirigidas à integração dos psicólogos sociais europeus em uma comunidade científica atuante. (Ferreira, 2011, p. 25)

Entretanto, como observado por Sá (1996), ao falarmos sobre uma Psicologia Social europeia, presume-se uma diferenciação da produção acadêmica tradicional, que tem sua origem e desenvolvimento nos Estados Unidos, a ponto de ser considerada uma disciplina americana. Segundo Jesuíno (1993), a expressão psicologia social europeia, consagrada na prática dos psicólogos sociais europeus, envolve uma busca de identidade própria, em contrapartida à hegemonia norte-americana, bem como uma institucionalização a partir da Association Européenne des Psychologues Sociaux Expérimentaux. Dentre as contribuições destes psicólogos sociais destacam-se a construção das seguintes teorias: da identidade social e relações intergrupais de Henri Tajfel; das representações sociais e minorias ativas de Serge Moscovici e das condições sociais do desenvolvimento cognitivo, de Wilem Doise.

Podemos observar, portanto, que a influência norte-americana na Psicologia Social, apesar de importante, não impediu os psicólogos sociais europeus de buscarem uma identidade própria, que ficou marcada por uma reflexão filosófica, mais próxima da tradição europeia, no que diz respeito à natureza da Psicologia Social, ao contrário da tradição norte-americana, marcada por uma preferência ao experimentalismo e ao individualismo.

Na verdade, não se poderia esperar que a evolução ocorresse de outra forma, dada a influência maciça historicamente exercida pela perspectiva dominante, pelo menos até o momento em que esta veio a ser abalada pela crítica interna geradora da famosa "crise da psicologia social" dos anos setenta. Nem sequer se pode considerar a chamada "alternativa europeia" como uma tendência quantitativamente bem definida. O que a faz realmente digna de nota e permite perspectivá-la como um promissor desenvolvimento é a disposição crítica e inovadora que ela representa, ainda que em termos academicamente minoritários, frente às características cristalizadas da prática americana. (Sá, 1996, pp. 15-16)

Buscando compreender os pressupostos epistemológicos e ontológicos da psicologia social Guareschi e Roso (2014) apontam que não só a Psicologia, como também a Psicologia Social Moderna, nasceram e se desenvolveram no seio de dois pressupostos que as acompanhariam por um longo período: o materialismo cientificista e o individualismo cartesiano. O primeiro pressuposto decorre da concepção estabelecida na modernidade onde o mundo, a sociedade e o ser humano funcionam como um relógio, ou seja, governados por leis implícitas que caberiam aos teóricos compreender. Já o segundo pressuposto, devedor do postulado de Descartes, que não apenas instaurou o individualismo na Psicologia como também, após a sua apropriação, possibilitou estabelecer uma relação entre as variáveis individual/social e racional/irracional, transformou o "social" como parte do "lado" irracional.

A compreensão desses pressupostos possibilita um melhor entendimento das diferentes concepções acerca da Psicologia Social, pois, "no espírito da época, nas pegadas de Descartes, a Psicologia Social que se estruturou, foi uma psicologia individualista, onde o social não passava de soma de individuais, e uma psicologia materialista, onde só valia o empiricamente constatado, fisiológico e positivo" (Guareschi e Roso, 2014, pp. 24).

Entretanto, quais seriam as características que diferenciam a Psicologia Social americana da Psicologia Social europeia? Podemos encontrar uma definição da Psicologia Social americana a partir da síntese elaborada por Krüger (1986), que aponta um conjunto de aspectos característicos da Psicologia Social contemporânea. São estes: individualismo; experimentalismo; microteorização; etnocentrismo; utilitarismo; cognitivismo e a-historicismo. De antemão, cabe ressaltar, como bem observado por Jacó-Vilela (2007), que os aspectos que Krüger aponta como sendo "da psicologia social", referem-se, na realidade, à corrente norte-

americana, demonstrando com isso, a hegemonia desta abordagem no campo científico da Psicologia Social.

Em contrapartida, buscando dar conta das diferenças entre os modelos americano e europeu, Sá (1996, pp.23) utiliza os aspectos levantados por Krüger (sic.) como ponto de partida para uma caracterização do campo de estudos das representações sociais, haja vista a TRS “corporificar as principais tendências da Psicologia Social europeia, em todos os aspectos pelos quais está se distingue da psicologia social americana”. Fazemos a seguir uma apresentação destes aspectos nas apreciações de Helmuth Krüger e Celso Sá.

Uma das primeiras características apontadas, o individualismo, tem um grande peso para a TRS, haja vista sua oposição a este ponto presente na vertente norte-americana. Para Krüger (1986, p. 5), o individualismo decorre da "origem e das relações temáticas, conceituais e metodológicas existentes entre a Psicologia Social e a Psicologia Geral", que busca "designar a orientação adotada por psicólogos sociais na determinação do objeto de suas pesquisas". Observa-se, na própria explicação de Krüger, como há o entendimento subjacente da Psicologia Social vinculada à Psicologia Geral. Já para Sá (1996, p. 23), o individualismo é o aspecto que mais contrapõe as vertentes americana e europeia e, conseqüentemente, o qual a TRS "foi caracterizada como uma espécie de retro-revolução, na medida em que busca recuperar o caráter "mais social" que a disciplina tivera no passado".

Em relação ao experimentalismo, nas investigações psicossociológicas, Krüger (sic.) aponta que, após intensas críticas acerca da sua validade, buscaram "neutralizar variáveis de estímulo apresentadas pelo próprio experimentador, bem como variáveis estranhas que participantes trazem para situações experimentais". Já na TRS, os psicólogos europeus, em geral, não privilegiam um método de pesquisa em particular, demonstrando assim a heterogeneidade desta tradição de pesquisa.

O que faz a diferença é o recurso praticamente exclusivo à experimentação por parte dos psicólogos sociais americanos, acompanhando sua valorização enquanto único método capaz de detectar relações de causa e efeito. É nesse sentido que se pode falar de uma orientação "experimentalista". Enquanto isso, entre os europeus a tendência é para a utilização de metodologias mais diversificadas e combinadas entre si, das quais não se exclui o próprio método experimental (Sá, 1996, pp. 18-19).

No caso da microteorização, um aspecto presente na Psicologia de um modo geral, mais observável na Psicologia Social, este corresponde, segundo Krüger (1986, p. 6), a um conjunto de fatores, a saber “falta de consenso, entre especialistas, no que se refere à imagem básica do Homem; acentuada dispersão temática; falta de continuidade de programas de pesquisa; e o abandono prematuro de programas de pesquisa promissores”. De acordo com Sá (1996, p. 20),

uma teoria como a das Representações Sociais, que propõe conceitos de base, busca uma pluralidade metodológica ao construir os objetos de sua pesquisa, e desta forma, evita “ a cristalização prematura de conjuntos operacionalizados de conceitos, hipóteses e técnicas de pesquisa que terminassem por constituir "microteorias" autônomas em relação à ‘grande teoria’”.

De acordo com Krüger (1986, p. 8), a-historicismo decorre da negligência à dimensão histórica da conduta humana nas pesquisas de comportamento social, o que acontece ao se "realizar pesquisas psicossociológicas, focalizando a influência de estímulos e situações estimuladoras mais imediatas, situacionais, diretamente relacionadas com manifestações eliciadas e emitidas do comportamento." Em contrapartida, Sá (1996, p. 24) aponta que a Teoria das Representações Sociais, ao assumir a historicidade dos fenômenos representacionais, distancia-se de um modelo a-histórico e de processos básicos e universais, pois os fenômenos “obrigam à pesquisa dos conteúdos tanto quanto dos processos, sob o risco de se terminar nada compreendendo dessa cambiante modalidade de pensamento social.”

O último aspecto levantado é o cognitivismo, o qual, segundo Krüger (1986, p. 7) exerce uma influência superior na Psicologia Social quando comparado a outras tradições, pois representa a perspectiva de que devemos ser "ativos na busca do conhecimento prospectivamente orientados e capazes de controlar nossas condutas de modo racional." Em contraposição, Sá (1996, p. 23) aponta que, apesar da orientação comum em ambas vertentes, "as diferentes acepções com que o adjetivo social qualifica a "cognição" e as "representações" conduzem a produções empíricas e a versões explicativas bastante distintas.”

Esta comparação nos permite concluir que, embora haja grandes diferenças entre esses modelos, não necessariamente há uma excludência pois, retornando a Guareschi e Roso (2014), já é hora de abandonarmos essa distinção. Passemos, então, a apresentar mais detalhadamente a TRS.

1.2 A gênese das representações sociais

Um ano atrás, em 2021, a Teoria das Representações Sociais completou 60 anos de criação, demonstrando, com sua longevidade, sua importância para o campo da Psicologia Social, haja vista a renovação teórica e metodológica proposta por Serge Moscovici ao analisar

a difusão da Psicanálise na França. O pontapé inicial dado por Moscovici compreende toda uma relação com a Psicologia Social do seu tempo, bem como uma dívida com a Sociologia.

As Representações Sociais ganharam repercussão a partir da obra *La Psychanalyse, son image et son public* (1961), do psicólogo social francês Serge Moscovici. Como demonstra Sá (1995, p. 20), Moscovici buscava, com sua obra, compreender a difusão da psicanálise, ao considerar, "o propósito do fenômeno da socialização da psicanálise, de sua apropriação pela população parisiense, do processo de sua transformação para servir a outros usos e funções sociais."

A pesquisa visava, através da análise do conteúdo das notícias publicadas na imprensa e dos resultados obtidos em um levantamento realizado a partir de uma grande amostra da população francesa, conhecer como os conceitos gerados na teoria psicanalítica eram utilizados no dia-a-dia por diferentes grupos sociais franceses. A difusão da psicanálise através dos meios de comunicação provocara o uso cotidiano de idéias procedentes dela, mas sem referência à sua fundamentação teórica original (Álvaro & Garrido, 2006, p. 286)

Apesar do surgimento do termo a partir da difusão da psicanálise, as origens da teoria, como demonstram Álvaro e Garrido (2006), decorrem da diferenciação proposta por Moscovici entre a representação coletiva e social, bem como a diferença entre os conceitos de atitude e representação. A fim de compreendermos as condições que possibilitaram a emergência da TRS, ainda em contraposição à vertente norte-americana, optamos por utilizar a comparação proposta por Farr (1995) acerca de Serge Moscovici e G. W. Allport (1897-1967), haja vista o papel de Allport na inserção do individualismo na Psicologia Social na era moderna.

Todavia, cabe ressaltar, antes de adentrarmos nesta comparação, tal como apontado por Jacó-Vilela (2007), que anteriormente à Segunda Guerra Mundial, grande parte dos teóricos da área das ciências humanas e sociais distinguem os fenômenos em dois níveis: o nível do individual e o nível do coletivo; ou seja, a cultura ou a sociedade. Esta distinção decorria da crença, por parte destes teóricos, na diferenciação entre leis que explicavam os fenômenos individuais das leis que explicavam os fenômenos coletivos. Essa distinção, que possibilita as construções englobadas no termo "Psicologia das massas", encontra-se presente em inúmeras contribuições: em Wundt, sobre a psicologia fisiológica e a "Völkerpsychologie"; em Durkheim entre o estudo das representações individuais e as representações coletivas; em Le Bon entre o indivíduo e as massas; e em Freud no tratamento do indivíduo na clínica e na crítica psicanalítica da sociedade.

A metáfora de G. W. Allport entre a flor e as raízes da Psicologia Social é amplamente reconhecida, em parte devido à sua utilização por Robert M. Farr. Entretanto, como demonstra Farr (1995), esta metáfora utilizada nesse contexto por Allport é, por si só, não apenas

enganadora, como encontraria maior adequação se utilizada no contexto das Representações Sociais:

A metáfora de Allport sugere uma unidade orgânica entre a flor e suas raízes. Essa é uma metáfora mais adequada em relação ao estudo das representações sociais do que é a sua relação com a Psicologia Social como tal. Isso porque, no caso das representações sociais, tanto a flor como suas raízes, são européias e existe uma similaridade na forma entre a flor (uma forma sociológica de Psicologia Social) e a semente da qual ela nasceu (isto é, a sociologia.) No caso da Psicologia Social, a semente e o solo em que ela germinou provieram de continentes diferentes (Europa e América do Norte) e de diferentes disciplinas acadêmicas (sociologia e psicologia). (Farr, 1995, pp. 31-32)

Ainda de acordo com Farr (1995), a metáfora utilizada por Allport torna-se ainda mais enganadora ao darmos atenção à escolha de um ancestral para a Psicologia Social. Ao apontar Comte como o ancestral da Psicologia Social moderna, tarefa que constitui-se como um compromisso, por ser uma opção e nunca uma ação neutra, Allport buscava no fundador do positivismo estabelecer a Psicologia Social como uma ciência ao adotar uma filosofia positivista e, conseqüentemente, enfatizar a descontinuidade entre o passado e o presente da Psicologia Social moderna.

Tal filosofia obriga o historiador da ciência a acreditar que o futuro de uma disciplina, ao se tomar uma ciência, será diferente de seu passado. O passado é metafísica; o presente e o futuro são ciência. A Psicologia Social moderna foi um patamar para o qual Allport criou um fundamento histórico adequado. Existe também a expectativa, uma vez que a Psicologia Social entrou para o estágio positivo de seu desenvolvimento, de que o progresso seja cumulativo. Esse conjunto específico de pressupostos torna difícil, para quem quer que seja, fazer avançar uma disciplina, sugerindo um retomo ao passado. (Farr, 1995, p.34)

Ou seja, Moscovici não se encontrava comprometido com uma filosofia da ciência positivista, o que lhe possibilitou resgatar o conceito de representação coletiva de Durkheim e, com isso, estabelecer o sociólogo como ancestral das Representações Sociais. Todavia, como demonstra Sá (1995), apesar da utilização do conceito de representações coletivas, Moscovici buscava dar conta de outros fenômenos, para além dos apontados por Durkheim. Desta forma, exigia-se um novo tipo de conceito. Assim, surge o termo Representações Sociais, "implicando um decisivo afastamento da perspectiva "sociologista" extrema da noção original e a construção teórico-conceitual de um espaço psicossociológico próprio." (Sá, 1995, p. 22).

Moscovici também se distancia do conceito de representação coletiva por ser algo estático, por isso propõe mudar o termo coletivo pelo termo social; com esta substituição terminológica pretende dar uma idéia das representações como algo dinâmico. Portanto, as representações sociais, em contraposição às representações coletivas, são entendidas como explicações de senso comum, formas de entender e comunicar as teorias científicas. (Álvaro & Garrido, 2006, pp. 287)

Apesar da escolha de franceses como ancestrais nas suas formulações e de iniciarem suas investigações no início da década de 1950, Farr (1995, p. 34) demonstra como suas orientações divergem, haja vista que, “para Allport, sua perspectiva com respeito ao passado era um sinal de precaução; o futuro era cheio de esperanças. Para Moscovici, o futuro era problemático; o passado era, ao menos em parte, uma idade de ouro.”.

Com isso, ao iniciar uma tradição francesa de pesquisa em psicologia social, Moscovici assegurava tratar-se de uma forma sociológica de Psicologia Social, a qual ficaria demarcada como crítica à individualização da tradição psicológica dos Estados Unidos (Farr, 1998). Como apontado por Guareschi e Roso (2014, p. 24), após a investida dos Estados Unidos na implementação de uma Psicologia Social, Serge Moscovici começaria a duvidar da tendência individualista e da capacidade de lidar com o "social" deste viés americano; portanto, a partir de suas reflexões e pesquisas, propõe uma nova teoria, as Representações sociais, a qual "procurasse superar dicotomias, como entre o individual e o social, o externo e o interno, o estruturante e o estruturado, o processo e a estruturação e, ao mesmo tempo, pudesse dar conta também de novos contextos sociais".

O que essas diferenças mostram é que, se Moscovici foi buscar na sociologia durkheimiana um primeiro abrigo conceitual para suas objeções ao excessivo individualismo da psicologia social americana, isso não era suficiente ou adequado para os seus propósitos de renovação da disciplina. Realmente, o desafio maior implicando tal renovação consistia em situar efetivamente a psicologia social na encruzilhada entre a psicologia e as ciências sociais, em ocupar de fato esse território limítrofe, onde se desenvolvem fenômenos cuja dupla natureza - psicológica e social - tem sido reiteradamente admitida, e que, por isso mesmo, já lhe pertenceria de direito. (Sá, 1995, pp. 23-24)

É, então, a partir de uma crítica ao conceito de atitude, haja vista seu caráter individualista, que se origina o conceito de Representações Sociais, que se diferenciam a partir do "fato de que as atitudes relacionadas com um objeto da realidade social são, de qualquer maneira, o resultado de representações prévias sobre esse objeto." (Álvaro & Garrido, 2006). Desta forma, de acordo com Sá (1995, p. 19), o termo Representações Sociais designa uma tríade composta tanto por "um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psicossociológicos".

Moscovici conta como, havendo apenas definido um problema - aquele das "tensões que resultem do afastamento da ciência e do senso comum" -, faltava-lhe um conceito para dar início à teoria. Apesar da predominância, em psicologia social, dos conceitos de opinião e atitude, não queria usá-los. Disse: "[...] não gostava deles, nem do ponto de

vista intelectual, tampouco do estético". Deplorava a ausência de um germe de fecundidade, um caráter muito superficial, e além disso, limitado para tratar do problema do conhecimento social, da transformação da ciência em senso comum. (Jodelet, 2005, pp. 12-13)

A partir dessas contribuições, Moscovici cria o campo das Representações Sociais, que adquire grande relevância no campo da Psicologia Social. Sua difusão alcançou inúmeros centros de pesquisa ao redor do mundo e encontrou no território brasileiro um solo fecundo para sua proliferação.

1.3 A teoria das representações sociais em território brasileiro

A Teoria das Representações Sociais desembarca em território brasileiro, bem como em outros países da América Latina, como demonstram Almeida e Santos (2011), a partir dos estudantes que realizavam seus estudos no *Laboratoire de Psychologie Sociale da École de Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). Ao buscarem realizar sua pós-graduação nos cursos de Serge Moscovici e Denise Jodelet, durante os anos de 1970, em meio à ditadura militar no Brasil, esses estudantes brasileiros encontravam no seu refúgio no laboratório um espaço de reflexão para os problemas sociais no Brasil, o qual lhes possibilitaria uma resposta aos problemas emergentes da vida cotidiana.

Lá se debatia a resistência à repressão, fato então presente em muitos de nossos países; analisavam-se as massas em movimento, as minorias ativas, o meio ambiente, o corpo, a doença mental e, também, a relação entre estes fenômenos e a difusão de idéias, sempre dentro de uma perspectiva psicossocial. [...] A TRS despontava como uma resposta possível para problemas que nos angustiavam, presentes nas vidas dos conterrâneos e na prática profissional, em nossos países de origem. (Sá & Arruda, 2000, p. 14)

Segundo alguns dos registros acerca da inserção da TRS na América Latina (Sá & Arruda, 2000; Jodelet, 2005), a expansão da TRS ocorreu a partir de duas pesquisadoras que realizaram sua pós-graduação no curso da EHESS. Foram elas a venezuelana Maria Auxiliadora Banchs³ e a brasileira Ângela Arruda⁴. Desta forma, a inserção da TRS ocorre neste momento

³ Maria Auxiliadora Banchs foi uma das primeiras doutoras latino-americanas a formar-se sob a orientação de Serge Moscovici. Após defender sua tese em 1979, retornou à Venezuela (Sá & Arruda, 2000).

⁴ Ângela Arruda realizou seus estudos de pós-graduação com Serge Moscovici e Denise Jodelet e retornou ao Brasil após um longo período de exílio (Jodelet, 2005).

corporificada na imagem de Denise Jodelet, a qual em 1982 foi à Venezuela a convite de Maria Auxiliadora Banchs, o que facilitaria em seguida sua chegada ao Brasil a convite de Ângela Arruda. Após sua ida a Caracas, seguiu para o Nordeste do Brasil, mais precisamente para Campina Grande, em Paraíba, onde Ângela Arruda era docente, a fim de ministrar um curso sobre Metodologia das Representações Sociais e assessorar a montagem de um projeto sobre Representação Social da Saúde Mental e Somática do Núcleo de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba (UFBP).

Com Ângela, tive a oportunidade de descobrir a cara sombria, nua, pobre, mas corajosa deste país. Encontrei em Campina Grande uma comunidade de professores e pesquisadores que tinham voltado há pouco do exílio e queriam reformular o modelo da universidade. Ângela e eu convencemos seus colegas de que a TRS era uma chave para compreender, juntamente, a servidão e a libertação. [...] Em diversos textos, Ângela Arruda conta como, naqueles tempos, a difusão da teoria respondia a um trabalho de militância de minorias, fundamentado ao mesmo tempo sobre relações de afinidade e de afeição. (Jodelet, 2005, pp. 17)

De Campina Grande, Jodelet seguiu para João Pessoa a convite da Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFBP) e, em seguida foi convidada por Silvia Lane para realizar uma atividade na ABRAPSO em Campinas e discussões com estudantes da pós-graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Neste trajeto, podemos ver que a TRS, desde seu início, se desenvolveu por meio de áreas como Saúde e Educação, que até hoje se destacam como os campos mais produtivos.

Para Sá e Arruda (2000, p. 15), tal como ocorreu na Europa, "onde houve um período de latência entre o surgimento de *La Psychanalyse, son image et son public*, em 1961, e o sucesso da TRS a partir dos anos 80", o mesmo aconteceria no Brasil durante a difusão da TRS, na qual os profissionais interessados por essa teoria "funcionavam naquele momento como sentinelas avançadas da TRS, difundindo-a, aplicando-a e discutindo-a como vozes solitárias" mas que possibilitou, após dez anos, uma maior visibilidade da TRS no contexto brasileiro.

Buscando compreender o momento de difusão da TRS no Brasil, Sá e Arruda (2000) apontam algumas hipóteses, tais como as condições geográficas e o contexto da produção brasileira. Após o retorno dos primeiros estudantes que tiveram contato com a TRS na Europa, alguns foram para as regiões periféricas do país, como foi o caso da própria Ângela Arruda. Este fato, junto às dificuldades de comunicação e de difusão científica, foi um obstáculo para uma rápida visibilidade da TRS.

Evidentemente, a periferia não constitui a totalidade da construção do campo das representações sociais no Brasil, mas é por onde elas penetram em nosso território, num longo e fino caminho, fruto do trabalho de formiga das/os primeiras/os adeptas/os da teoria. Isto não parece contraditório como próprio caráter da teoria, que

vem a contradizer os cânones da disciplina na época, produto de uma minoria ativa no interior da Psicologia Social européia (Sá & Arruda, 2000, p. 18).

De acordo com Castro (2019), a tradução tardia e apenas parcial da obra de Moscovici também impossibilitou uma adesão imediata a esta Teoria na Psicologia Social brasileira. O Brasil, constituído na base da alteridade entre ditadura e democracia, acompanharia o crescimento e consolidação da TRS apenas no final da transição democrática, o que certamente não foi obra do acaso:

As pesquisas sobre representações sociais não poderiam proliferar no período ditatorial. Não poderíamos estudar e analisar o senso comum e o pensamento social que deriva do cotidiano em um regime autoritário. As ditaduras promovem o pensamento único e toda a diferença é vista como ameaça. No caso da ditadura militar brasileira, a ideologia de segurança nacional estabelecia um pensamento bipolar entre os amigos e inimigos do regime, e qualquer diferença em relação à ideologia dominante era passível de repressões de toda espécie. O estudo das representações sociais, ao dar conta do pensamento social que nasce do cotidiano, torna evidente a pluralidade e multiplicidade dos diferentes grupos e cidadãos brasileiros e, com isso, ele próprio se torna uma ameaça a qualquer regime totalitário. (Castro, 2019, p. xiii)

A produção brasileira já estava marcada pelo contexto de crise da Psicologia Social, e neste momento de discussão em relação ao paradigma dominante, convivia com o modelo americano um outro modelo, calcado na teoria marxista⁵ – que estava em desenvolvimento a partir da Puc-São Paulo. Este modelo, apesar de minoritário, serviu de obstáculo epistemológico para a TRS, tal como havia ocorrido na Europa.

Nas décadas de 70 e 80, no Brasil, a psicologia social estruturou-se em dois eixos distintos: o primeiro, sob a liderança do Prof. Aroldo Rodrigues, de influência da psicologia social americana de base empirista e experimental; a segunda, sob a liderança da Profa. Silvia Lane, de base crítica ancorada no diálogo com as ciências sociais e que se organizava na Abrapso. A disputa teórica entre estes dois campos associava-se à disputa política durante a ditadura militar, o que trazia uma dualidade adicional às avaliações da psicologia social pelos próprios psicólogos naqueles tempos. (Castro, 2019, p. x)

Houve, então, objeções à TRS, por esta não se situar no campo do materialismo histórico dialético, seja pela acusação de um viés idealista ou por uma compreensão de que se tratava do conceito de atitudes, porém com outro nome. Entretanto, a TRS encontrou boa receptividade em outras áreas e começou a ser identificada como uma ferramenta, tal como ocorreu com a Educação. Sua utilidade para outros campos reforçou a “pertinência desta teoria para a

⁵ Com o surgimento da ditadura militar, os psicólogos brasileiros buscaram soluções para problemas sociais e políticos, o que se possibilitou a construção de uma psicologia social com base marxista. Destaca-se neste período a contribuição da psicóloga social Silvia Lane (1933-2006) ao utilizar o marxismo na psicologia social, em especial com a contribuição de autores russos como Alexis N. Leontiev, Aleksandr R. Luria e Lev S. Vygotsky, os quais possibilitavam a construção de um caminho para uma psicologia comprometida com a realidade brasileira. (Bock e Furtado, 2019, p. 510)

compreensão das sociedades contemporâneas, e conseqüente aprofundamento da reflexão sobre seus problemas” (Sá & Arruda, 2000, pp. 18).

A partir da visibilidade adquirida na inserção em programas de pós-graduação e ao se difundir em eventos científicos, a TRS também foi questionada acerca do possível modismo presente no período inicial de difusão da teoria. Inserida na discussão em mesas redondas da ABRAPSO em 1991 (Sá, 1998) e posteriormente num artigo (Sá, 1992), a preocupação com o modismo decorria de “um excessivo entusiasmo pela nova abordagem, pelo qual se lhe atribui uma quase ilimitada abrangência fenomenal e uma confiança extrema em seu poder explicativo, sem reconhecimento das suas reais possibilidades e limitações” (p. 16) o que levaria a um desenvolvimento precipitado de projetos em TRS.

Para além de uma perspectiva teórica que buscava romper com a tradição da Psicologia Social individualizante e experimentalista, o campo das representações sociais conciliava, entre seus representantes, o interesse teórico-metodológico por este saber junto a um sentimento afetivo pela construção coletiva do conhecimento (Sá & Arruda, 2000; Jodelet, 2005). Essa concepção de ciência que não nega o afeto presente na produção de conhecimento, foi decisiva para o desenvolvimento da TRS em território brasileiro.

Por certo que algumas pessoas me são mais próximas que outras, aquelas com as quais partilhei momentos de história de vida, com amizade e trabalho. Mas, todos aqui me parecem pertencer a uma mesma família, a uma comunidade que, apesar de suas tensões, forma uma mesma escola de pensamento, da qual temos a sorte de contar entre nós com o pai fundador, e também numerosos seguidores da América Latina e Europa. (Jodelet, 2005, p. 11)

Posteriormente à inserção da TRS em território brasileiro, ocorreria a organização de eventos em torno da Teoria, os quais configuram-se como marca registrada da importância do campo no Brasil. De acordo com Sá e Arruda (2000) o início da década de 1990 é marcado por uma explosão de interesse pelas representações sociais, devido à difusão deste conhecimento em eventos. Desta forma, internacionalmente as representações sociais recebem olhares a partir da I Conferência Internacional sobre Representações Sociais (CIRS) em Ravello na Itália, e posteriormente na América Latina, em especial no Brasil, a partir da II Conferência Internacional sobre Representações Sociais, realizada no Rio de Janeiro. Como demonstra Jodelet (2005), um dos acontecimentos decisivos para o desenvolvimento da pesquisa em TRS no Brasil foi a organização da Segunda Conferência Internacional sobre Representações Sociais no Rio de Janeiro:

Celso Pereira de Sá, que era convidado em nosso Laboratório em Paris, como professor visitante em 1992, teve a oportunidade de participar da Primeira Conferência Internacional em Ravello, Itália. Naquela ocasião, eu lancei a idéia de

ver as Conferências ocorrendo, alternadamente, nos continentes europeu e americano. Ao mesmo tempo, lancei a Celso o desafio de realizar a Segunda Conferência no Rio. Conhecia suas capacidades de "comandante de navio" e seu envolvimento com as representações sociais. Celso foi surpreendido, mas respondeu positivamente. Que bela foi a conferência realizada no hotel Novo Mundo, no Flamengo! (Jodelet, 2005, pp. 13-14)

Alguns anos após a II CIRS, um grupo de pesquisadores, sob a coordenação de Celso Sá, reuniram-se no XIX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) e a partir da discussão sobre o desenvolvimento e difusão da Teoria das Representações Sociais no Brasil, propõe a criação de uma Jornada Internacional sobre Representações Sociais (JIRS). Sua primeira edição ocorreu em 1998 em Natal e desde então acontece a cada dois anos, acompanhando, entre 2003 e 2009, a Conferência Brasileira sobre Representações Sociais (CBRS), criada a partir da consolidação da produção brasileira em representações sociais (Santos & Almeida, 2016). Durante XII Simpósio da ANPEPP, em 2008, criou-se o Grupo de Trabalho Memória, Identidade e Representações Sociais, sob a coordenação de Celso Sá, buscando reunir pesquisadores de diferentes instituições que se dedicavam à pesquisa em TRS.

A trajetória das representações sociais no Brasil encontra como exposto por Jodelet (2005; 2011) a criação de uma "Escola brasileira" haja vista as pesquisas desenvolvidas em território brasileiro, bem como, a organização de eventos e grupos de pesquisa. Entretanto, Jodelet (2011, p. 22) problematiza a noção de "escola" e propõe um sentido a partir daquele empregado na pintura, o qual "se refere a um grupo de pesquisadores unido por um mesmo estilo e uma mesma preocupação ou orientação."

Essa orientação comum, pela diversidade dos produtos, parece focalizada sobre temas que diz respeito ao entendimento de problemas identificados na realidade social do país. A preocupação dos cientistas não é tanto de tipo puramente teórico, não responde tampouco a um desejo exclusivo de aperfeiçoamento e aprofundamento de metodologias. A perspectiva comum é de usar a teoria e os modelos das representações sociais para enfrentar questões vivas que atravessam a sociedade brasileira hoje em dia (Jodelet, 2011, p. 22).

A união de longa data entre as representações sociais e as pesquisas no Brasil demonstram um benefício para ambas as partes, seja para a TRS, ao expandir suas contribuições a partir das pesquisas realizadas no Brasil, bem como, dos pesquisadores brasileiros, ao desenvolverem uma teoria capaz de auxiliar na compreensão do campo psicossociológico do povo brasileiro. Esta relação, que dura um pouco mais de 60 anos, aumenta sua produção e importância a cada ano e reforça a imagem de uma escola brasileira.

2 BIOGRAFIA DE CELSO SÁ E SUA RELAÇÃO COM A TRS

Celso, sua obra e vida deram samba!

Naiff e Naiff (2016)

Neste capítulo, acompanhamos a trajetória de vida de Celso Pereira de Sá em seus diferentes empreendimentos, a saber: sua carreira na marinha; a formação na Psicologia e sua relação com Eliezer Schneider; a aproximação do behaviorismo, das representações sociais, da memória social, e sua dedicação à UERJ. A fim de construirmos esse caminho, utilizamos como referência os artigos e capítulos de livros elaborados por Sá; as entrevistas realizadas com seus amigos e colegas de trabalho e as informações constantes em seu currículo Lattes.

Ao longo de sua carreira, em diferentes oportunidades entre artigos, capítulos de livros e entrevistas, Celso Sá rememorou sua trajetória acadêmica, bem como sua trajetória intelectual nas representações sociais. Buscava, com esses escritos, “submeter tais lembranças a um entendimento teórico-conceitual da construção das memórias na sociedade”, bem como “articulá-las com as possíveis memórias de outras pessoas, com o conhecimento dos fatos segundo outras fontes e com as variáveis sociais do presente que, via de regra, influem sobre a reconstrução do passado.” (Sá, 2009, p. 1) De acordo com Sá (2007, p. 7), essa tarefa é um privilégio que, de tempos em tempos, a academia permite aos professores idosos próximos à aposentadoria: o de "contar causos", ou seja, "serem menos impessoalmente científicos e mais pessoalmente referidos ou memorialísticos em suas intervenções".

Ultimamente, sempre que possível, ao invés de usar um estilo acadêmico impessoal nos meus escritos, tenho preferido lembrar as circunstâncias pessoais do contato com os tais ou quais obras no âmbito da psicologia social, as impressões que formei sobre elas, o que gostei ou não gostei nelas, os conhecimentos anteriores com que as associei, o impacto ou influência que tiveram nas minhas próprias reflexões, e assim por diante. (Sá, 2009, p. 283)

Desta forma, a partir dos relatos de Celso Sá e das pessoas que com ele conviveram, buscamos construir sua trajetória de vida.

2.1 Da terra aos mares – infância e juventude nas forças armadas

Apesar das contribuições de Celso Sá referentes à sua trajetória de vida, grande parte de seus escritos carecem de informações anteriores à sua inserção no curso de Psicologia da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), em especial sua infância e adolescência, momento em que se inicia na vida militar. Desta forma, utilizamos as entrevistas como forma de preencher estas lacunas; entretanto, devido à sua discrição sobre sua vida pessoal, e a relação que estabelecia com os outros, grande parte dos entrevistados desconhecia detalhes de sua infância e juventude, rememorando apenas pequenos detalhes sobre seu passado.

Celso Pereira de Sá nasceu em 8 de março de 1941, no Rio de Janeiro e, segundo testemunho de D. Oliveira (comunicação pessoal, 2022), viveu sua infância numa família de classe média, brincando na rua como uma típica criança de subúrbio. Apesar da composição de uma família nuclear, com pai, mãe e um irmão, ainda na sua infância três primos por parte de mãe se agregaram à família. De acordo com o relato de R. Wolter (comunicação pessoal, 2022), havia uma ascendência portuguesa por parte materna, que lhe permitiu a convivência com a avó portuguesa, o que o levaria a realizar uma viagem, buscando suas origens, ao local de onde seus bisavós haviam vindo, a região de Trás-dos-Montes.

Ainda em relação à sua família, seu pai era contador e, mesmo disponibilizando recursos financeiros para o sustento da família, seria incapaz de possibilitar o ensino particular a todas as crianças, desta forma, tanto Celso quanto seu irmão optaram pelo ensino militar. Logo, Celso Sá ingressou na Escola Naval do Rio de Janeiro, mediante concurso público e, ao concluir seus estudos, entrou na Marinha como praça-aspirante, em 1961. Trabalhou na Marinha por 9 anos, entre 1961 e 1974, desenvolvendo sua carreira principalmente no S2, Setor de Pessoal da Marinha, onde atuava em funções de ensino, tais como a formação de recursos humanos, sendo responsável pelo treinamento de recrutas que chegavam à Marinha.

Em relação aos eventos citados acima, o país passava por grandes mudanças, as quais impactariam a trajetória de Celso Sá. Algumas benéficas, como a conquista pela regulamentação da profissão de psicólogo, que animaria Celso Sá a cursar a graduação em Psicologia, e outras que se tornariam nocivas, tal como a instauração da ditadura militar. Como demonstra Jacó-Vilela et al.(2016), apesar da presença de cursos de Psicologia em instituições católicas desde a década de 1950, foi apenas em 1962, com a Lei 4.119, que ocorreu a regulamentação da profissão de psicólogo e dos cursos de Psicologia. Com isso, temos uma ampliação da visibilidade da profissão e, posteriormente, da criação de muitos cursos de Psicologia em instituições particulares, decorrentes do incentivo dado ao ensino privado pela ditadura militar. Sá (2009) aponta para o fato desta infeliz coincidência, que proporcionou

durante duas décadas uma vigilância das agências de repressão sobre as instituições de ensino e, conseqüentemente, sobre o exercício pleno da cidadania.

Sua formação, portanto, ocorre dentro das instituições do exército e, apesar da falta de informações deste período, D. Naiff e D. Oliveira (comunicação pessoal, 2022) rememoram o carinho de Celso Sá ao relatar seu tempo na Marinha, especialmente a viagem realizada quando da formatura da Escola Naval.

2.2 Da marinha aos cursos de psicologia: inserção na universidade do estado da guanabara

Ainda durante sua atuação na Marinha, Celso Sá insere-se no curso de Psicologia da UEG - atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro - aos 26 anos de idade, em 1967, por indicação de seu colega de trabalho, Helmuth Kruger. A escolha da UEG decorreu devido à possibilidade do estudo noturno, uma circunstância crucial para os trabalhadores em horário integral. Entretanto, como aponta Trzan e Degani-Carneiro (2014), o interesse de Celso Sá pela Psicologia é anterior, surgindo a partir da leitura das obras de Erich Fromm, com as quais teve contato por meio das traduções publicadas pela editora Zahar, na década de 1960, momento em que atuava no Setor de Pessoal da Marinha, atividade que também estimularia seu interesse pela Psicologia.

De acordo com R. Vieiralves (comunicação pessoal, 2022), o desejo de Celso para com a formação superior era tornar-se cientista. Cogitou, em um primeiro momento, o curso de Biologia, por tratar-se de uma ciência central no entendimento humano; entretanto, devido às experiências citadas anteriormente, optou por cursar Psicologia.

Já inserido no curso de Psicologia da UEG, teve contato com alguns dos professores de maior destaque da Psicologia do Rio de Janeiro naquela época, tais como Hanns Ludwig Lippmann (1921-1981), Antonio Gomes Penna (1917-2010) e Eliezer Schneider (1916-1998). Sua admiração pelos três professores era muito grande, no entanto foi com Schneider que Celso estabeleceu profundos vínculos intelectuais e afetivos ao longo do tempo. De acordo com Jacó-Vilela (2016), Celso era o aluno preferido de Schneider, que o considerava seu sucessor. Sua influência durante a graduação transmitiu a Celso algo que marcaria sua trajetória intelectual, a saber, a forma de conceber a Psicologia Social em articulação com outras Ciências Humanas e Sociais.

De acordo com Sá (2009), seu primeiro contato com Schneider ocorreu com a disciplina de Psicologia Social, ministrada pelo professor Schneider na rua Haddock Lobo, local onde funcionava a UEG. Devido à precariedade, falta de professores e greves, constantemente surgiam problemas, o que levou Celso a preparar sua apresentação para a disciplina diversas vezes, conseguindo realizá-la apenas na quarta tentativa. Devidamente preparado, após sua apresentação recebeu o reconhecimento de Schneider por uma apresentação digna de uma aula ministrada por um professor.

Para além de uma relação professor-aluno, Schneider e Sá formaram uma amizade que perdurou por sua formação no mestrado e doutorado e, posteriormente, ao atuarem conjuntamente em diferentes instituições. Tão grande a importância desta relação que Celso Sá, em diferentes oportunidades, relatou lembranças e avaliações acadêmicas sobre Schneider.

Alguns de nós, professores que hoje passam já um pouco da meia-idade, tivemos a sorte de ter tido na juventude um professor amigo, do qual nos tomamos depois colegas e que desempenhou um papel importante na definição e orientação de nossos interesses e propósitos específicos na vida acadêmica. Pessoalmente, eu encontrei essa espécie de "pai acadêmico" em Eliezer Schneider, do que muito tenho sempre me orgulhado. (Sá, 2001, p. 39)

Para compreender a influência de Schneider na trajetória intelectual de Celso e de tantos outros psicólogos, faz-se necessária uma recapitulação dos rumos da Psicologia Social durante a década de 1970 no Brasil. Como caracterizado por Sá (2007), a segunda fase da Psicologia Social no Brasil ocorreu a partir da criação dos primeiros cursos regulares de formação em Psicologia, no que concerne ao estado do Rio de Janeiro. Nesta época, o movimento que ficaria conhecido como a "crise da Psicologia Social" ainda não havia sido deflagrado em território brasileiro, desta forma, as instituições de ensino, bem como os manuais de Psicologia Social, privilegiavam apenas as contribuições norte-americanas e tornavam qualquer busca por alternativas ou abordagens discordantes algo difícil de se encontrar. Portanto, como um cenário destes estaria, após alguns anos? Receptivo às mudanças teóricas e metodológicas do campo? De acordo com Sá (2009), a resposta encontra-se no ensino de Psicologia Social sob a regência de Schneider, o qual, a partir de um caráter progressista, possibilitaria em alguns anos o interesse de psicólogos brasileiros em renovar a Psicologia Social.

De fato, como explicar, em face do caráter autocontido, isolacionista e dogmático da psicologia social de trinta anos atrás, que se tenha criado, pelo menos no Rio de Janeiro, uma receptividade tão boa às orientações alternativas que começaram a emergir depois da "crise da psicologia social dominante"? De onde esses cariocas, psicólogos sociais brasileiros de segunda geração, dentre os quais me incluo, receberam informação sobre uma forma mais ampliada, diversificada e flexível de compreender a disciplina e seu objeto, de tal modo a criar neles a sensibilidade para a exploração posterior de alternativas explícitas? A minha resposta convicta é a

seguinte: das aulas do Prof. Eliezer Schneider, em especial das que ele dava nas Universidades Federal e do Estado do Rio de Janeiro - UFRJ e UERJ. (Sá, 2001, p. 41)

Desta forma, a importância de Schneider no ensino da Psicologia Social não decorreu da quantidade de alunos que o acompanhou durante as disciplinas; pelo contrário, sua influência decorre da orientação, que era minoritária, de uma articulação entre a Psicologia Social e as Ciências Humanas e Sociais. As disciplinas ministradas por Schneider, portanto, concebiam a Psicologia Social enquanto um diálogo entre a Psicologia propriamente dita e outras perspectivas teóricas oriundas de outras ciências - tais como a Sociologia, Antropologia, História - e, a partir disso, buscavam construir uma compreensão sobre o "indivíduo na sociedade" e, conseqüentemente, sobre o objeto de estudo da Psicologia Social.

Acho que uma boa ilustração desse esforço pode ser encontrada na insistência que Schneider fazia sobre a manutenção, no programa da sua disciplina, de uma unidade sobre o "processo de socialização", quando a maioria dos manuais americanos, de orientação cognitivista, não apresentava um capítulo correspondente. Nessa unidade, nas suas aulas, ele fazia formulações sociológicas sobre a socialização dialogarem com perspectivas psicológicas sobre a aprendizagem social. (Sá, 2009, p. 98)

Ainda de acordo com Sá (2001), Schneider buscava despertar o interesse de seus alunos ao apresentar uma ampliação da análise dos problemas analisados pela Psicologia Social *cognitivo-experimental*, que privilegiava variáveis psicológicas a partir de pesquisas experimentais. Desta forma, disponibilizava leituras que valorizavam as contribuições das ciências humanas e sociais, tais como a obra "Totem e tabu" de Sigmund Freud (1856-1939); os trabalhos sobre cultura e personalidade, de George Herbert Mead (1863-1931), Ruth Benedict (1887-1948) e Abram Kardiner (1891-1981); as contribuições da discussão sobre nature vs nurture, incursões no domínio da psicologia coletiva, levantadas por Charles Blondel (1876-1939); os ensaios sobre o caráter nacional brasileiro por Dante Moreira Leite (1927-1976); as reflexões de Moscovici sobre a dicotomia Sociedade e Natureza, etc.

A época em que a minha turma do curso de graduação da UERJ começou a estudar psicologia social com o Prof. Schneider talvez tenha favorecido essa nossa iniciação a um renovar da psicologia social no momento mesmo em que ainda a estávamos aprendendo. Eram os revolucionários idos de 1968, que "proíbiam proibir". De algum modo, estávamos experimentando, conquanto um tanto inconscientes disso e por força do clima impresso por Schneider às suas aulas, as mesmas inquietações intelectuais que os renovadores da psicologia social, fossem eles os deflagradores da "crise", como K. Gergen, nos Estados Unidos, ou os produtores de alternativas, como S. Moscovici, na França. E isso ao mesmo tempo que eles, pois naquela ocasião suas vozes ainda estavam prestes a se fazer ouvir. (Sá, 2001, pp. 41-42)

Outra marca registrada das aulas de Schneider estava no amplo uso das representações da vida cotidiana como material didático⁶, tais como filmes, novelas e notícias de jornais, que utilizava buscando dialogar com as proposições acadêmicas. Mesmo concedendo a devida importância às análises experimentais de laboratório, para o professor "um psicólogo social deveria ser capaz de reconhecer processos psicossociais relevantes em suas micromanifestações na vida humana do dia-a-dia." (Sá, 2001, p. 43). Para Schneider, diversas perspectivas da Psicologia Social norte-americana careciam de uma efetiva relação com a realidade, reforçando a necessidade desta articulação, que buscava suprir as formulações teóricas e conceituais da Psicologia Social.

Segundo Sá (2001, p. 42), encontramos em Schneider um professor comprometido com a formação de jovens psicólogos, que "acreditava que o estudo dos processos psicológicos constituía uma dimensão importante dessa formação profissional." Portanto, em suas aulas, buscava abordar questões para além dos limites dos programas e manuais de psicologia social, a partir da "ampliação da análise dos problemas que a psicologia social stricto sensu se colocava em termos de pesquisa experimental e de explicações que privilegiavam quase exclusivamente variáveis psicológicas."

Eliezer Schneider foi, antes de mais nada, um professor. Um professor que tinha uma consciência muito clara do seu papel na formação de jovens psicólogos. Acreditava que o estudo das condições sociais, históricas e culturais de atualização dos processos psicológicos constituía uma dimensão importante dessa formação profissional. E, por isso, se dava a liberdade de trazer a esses alunos, em suas aulas, informações e discussões que escapavam aos estritos limites dos programas e manuais de psicologia social de então. (Sá, 2001, p. 42)

Entretanto, ao contrário das impressões expostas acima, Schneider em nenhum momento desconsiderou os conhecimentos da Psicologia, muito menos omitiu os conhecimentos da "Psicologia Social psicológica" em suas disciplinas. De acordo com Sá (2001, p. 44), Schneider não desvalorizava o conhecimento psicológico, ao contrário, considerava ser o mais fundamental, e recorrentemente o articulava às formulações de outras disciplinas. Essa atitude para com a Psicologia Social, supõe-se, decorria da sua formação nos Estados Unidos, que auxiliou na sua trajetória como "um behaviorista, do tipo mediacional, na tradição hulliana, em que as variáveis intervenientes básicas do estado momentâneo e da

⁶ Cumpre ressaltar, entretanto, que, infelizmente, isso nem sempre era visto por todos os alunos como uma estratégia didática original e produtiva, mas sim como formas de "embromar" as aulas, de não ministrar o que os programas previam. (Sá, 2009, pp.3)

história do organismo se combinam para produzir os comportamentos adaptativos do indivíduo”.

Realmente, não me lembro de ter alguma vez ouvido de Schneider qualquer palavra de desvalorização do conhecimento psicológico. Era sempre a este que ele remetia, em última instância, as questões problemáticas que coletava em outras disciplinas, como uma forma de acrescentar ao equacionamento proporcionado por estas alguma explicação psicológica adicional. Pessoalmente, este foi um dos principais ensinamentos que eu retive da minha longa trajetória como seu aluno, embora não estivéssemos - nem eu nem ele - dispostos a conceder tal beneplácito a toda e qualquer das muitas psicologias que habitam nosso universo acadêmico. (Sá, 2001, p. 44)

Portanto, ao conceber a articulação entre a psicologia e outras perspectivas teóricas sobre o ser humano, Schneider possibilitou aos psicólogos sociais brasileiros formados por ele uma concepção mais abrangente de se fazer psicologia.

De fato, isso ensejou que os alunos do Professor não tenham sido em ocasião alguma confrontados com “exigências fundamentalistas” dos tipos behaviorista, cognitivista ou psicanalítico. Não apenas a liberdade para seguir seus próprios passos, mas o incentivo mesmo a que o fizéssemos, foi o que ele nos proporcionou com sua postura acadêmica aberta às diversas possibilidades de articulação de conhecimentos científicos oriundos de diferentes fontes. (Sá, 2001, p. 45)

Neste contexto, podemos compreender a importância de Schneider na trajetória intelectual de Celso Sá, haja vista o ensino de Psicologia Social para além do modelo estadunidense vigente na época, bem como, a articulação da Psicologia Social com outras áreas de conhecimento, sem desmerecer as contribuições do saber psicológico. Como já exposto, a relação de Schneider e Sá estender-se-ia para além da graduação, a presença do professor estando marcada nas orientações do mestrado e doutorado, bem como nas relações estabelecidas enquanto profissionais das mesmas instituições.

Enquanto realizava sua graduação em Psicologia, Celso Sá atuava concomitantemente na Marinha – por isto a importância da UEG, por lhe permitir realizar o curso à noite. Antes mesmo de terminar o bacharelado, tendo finalizado apenas a licenciatura, assumiu, ainda em 1970, a convite de Helmuth Krüger, a disciplina de Psicologia no curso de Pedagogia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). No ano seguinte, após concluir o bacharelado, assumiu a função de professor assistente do curso de graduação em Psicologia da UCP. Já em 1972, a convite de Schneider, inseriu-se como professor assistente da graduação em Psicologia na Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE) (Trzan & Degani-Carneiro, 2014). De acordo com o relato de D. Oliveira (comunicação pessoal, 2022), a atuação de Celso Sá nos cursos de Psicologia anteriores a 1974, quando se exonerou da Marinha, funcionavam como base de sustentação para sua saída desta Força.

E isso tudo eu diria que foi a preparação dele, preparação para saída da Marinha, ou seja, ele buscava era criar uma base econômica de sustentação e também constituir um currículo civil, porque todo o currículo dele, toda vida dele praticamente, toda formação dele tinha sido feita dentro das Forças Armadas e você imagina o quanto é difícil alguém romper com isso, né. Ele já estava há muito tempo lá, esse rompimento do ponto de vista econômico não é fácil, não é simples porque entrar no mercado de trabalho com uma certa idade, tão jovem, é muito difícil, então é isso que acontece. Ele toma uma decisão de sair da Marinha mas entre a tomada de decisão e a saída efetiva teve aí um período que foi bastante longo de preparação; então por um lado a formação de uma consciência política e de uma visão mais clara do que eram as Forças Armadas, o questionamento do papel dele dentro dessa instituição e depois a criação das bases concretas de sustentação dessa decisão. Então foi um processo longo, um processo que eu diria assim, difícil, porque ele exercia todas as atribuições da Marinha, e ele exerceu em paralelo as outras atribuições, então ele dava todas as aulas que ele podia dar em todos os tempos livres que ele tinha. Então por um certo período o Celso só trabalhava, mas foi assim que ele conseguiu a base de constituição para finalmente pedir a saída, a exoneração da Marinha. (D. Oliveira, comunicação pessoal, 2022)

Nesta época, Celso Sá era casado com Maria Luiza Bustamante de Sá, com quem teve dois filhos, Cláudio e Helio. Segundo o relato de R. Vieiralves (comunicação pessoal, 2022) sua escolha em trocar a carreira militar pela carreira acadêmica não agradou a todos:

Celso fez Psicologia para ser acadêmico e a saída da Marinha estava relacionada a essa ideia de vocação, ele era do corpo de elite da Marinha, dos fuzileiros navais, então ele faz o curso e sai. A família, especialmente da sua primeira esposa, Maria Luiza, não gostou muito dessa ideia. O pai de Maria Luísa era militar e tinha uma coisa de que a filha tinha casado com um militar e, de repente, o Celso abandona uma carreira sólida e entra para uma aventura fazendo um curso de Psicologia e inicia uma carreira nova. (R. Vieiralves, comunicação pessoal, 2022)

Ainda com relação à sua saída da Marinha, R. Wolter (comunicação pessoal, 2022), Celso Sá já não se encontrava satisfeito com os eventos que ocorriam no Brasil:

Ele listava basicamente duas coisas: uma que eu diria, ia pelo eixo afetivo, ele não estava gostando da vida lá, já estudava na UERJ e estava gostando, se sentia estimulado - não são os termos dele, estou usando os meus; e ele também chegou a comentar que não se sentia confortável com a ditadura, de que ele era militar, se tornou um militar no período pré-ditadura, e não se sentia confortável com as coisas tal qual elas estavam ocorrendo. Então, como ele disse, quando não devia mais nada à Marinha, ou seja, o tempo que ele tinha que ficar ele ficou, e quando a Marinha também não devia mais nada a ele, pediu as contas e foi ser psicólogo, atuar dentro da academia e etc. (R. Wolter, comunicação pessoal, 2022)

Ao deixar a carreira na Marinha, em 1974, Celso Sá pode finalmente dedicar-se à construção de uma carreira acadêmica, a qual podemos acompanhar a partir dos seguintes eventos: seu ingresso em 1975 no mestrado em Psicologia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), ao mesmo tempo em que assumiu o cargo de professor auxiliar na Universidade Gama Filho (UGF), a convite de Penna, o qual recrutava os melhores alunos do Mestrado em Psicologia da FGV para lecionar na UGF, onde chefiava o Departamento de Psicologia. Ainda no ano seguinte, em 1976, assumiu o cargo de chefe do Departamento de Psicologia na FAHUPE,

exercendo-o por apenas um ano e, com isso, deixando o departamento e a função como professor assistente desta instituição⁷.

2.3 O bom filho à casa torna - de volta à UERJ

Deste período em diante, Celso Sá aproxima-se de dois dos seus maiores empreendimentos, a saber, a UERJ, instituição a qual dedicou grande parte de sua carreira acadêmica, e a teoria das representações sociais, na qual seria reconhecido nacional e internacionalmente por suas produções, organização e participação em eventos. Segundo Trzan e Degani-Carneiro (2014), o ingresso de Celso Sá na UERJ como docente ocorreu apenas em 1977⁸, seis anos após terminar o curso de Psicologia, a convite de Yonne Moniz Reais, então diretora do Instituto de Psicologia e Comunicação Social.

Na UERJ, naquela época, não havia ainda concursos para professores, que ingressavam igualmente por convite dos diretores de unidades e de outras autoridades universitárias, de modo que a endogenia era muito grande no corpo docente. Alunos que se destacavam eram chamados a atuar como professores logo em seguida, porque o curso ia se expandindo. (Trzan & Dagani-Carneiro, 2014, pp. 308-309)

Desta forma, ingressou como professor auxiliar no quadro docente do então Instituto de Psicologia e Comunicação Social (IPCS), onde lhe foram atribuídas as disciplinas de Psicologia Social nos cursos de História e de Ciências Sociais, tal como era de costume aos professores iniciantes. Essa oportunidade possibilitou-lhe dar continuidade à forma como aprendeu/concebeu a Psicologia Social nas disciplinas de Schneider.

E como era bom! Não só porque eu era jovem e podia fazer frente, fisicamente, a tais exigências profissionais, mas também porque eu era um jovem professor que tinha a oportunidade de fazer a sua disciplina – a Psicologia Social, à qual havia aderido “de mala e cuia” desde o curso de graduação – dialogar com as perspectivas históricas e sociológicas das quais alunos ainda mais jovens estavam então tratando de se apropriar. Ou seja, nada estava cristalizado, nem da minha parte nem da deles, e, por isso mesmo, acho que pudemos desenvolver, durante uns poucos anos, um bom trabalho. (Sá, 2009, pp. 5)

⁷ Foi demitido em meio a uma crise da instituição, em que saiu em defesa dos alunos. Como homenagem, após alguns anos, os alunos deram seu nome ao CA de Psicologia.

⁸ Em relato pessoal, Ana Maria Jacó-Vilela recorda conversa com Celso Sá, a qual Celso relatou que no período acima, Schneider era diretor e Yonne sua vice, sendo sua contratação impedida por Yonne, a qual ocorre apenas quando Yonne torna-se diretora.

Em concomitância ao ensino de Psicologia na UERJ, concluiu seu mestrado em Psicologia na FGV sob orientação de Eliezer Schneider em 1978, defendendo a dissertação intitulada *Aspectos Psicológicos do Controle Social*. A impressão causada pelos ensinamentos e orientações de Schneider sobre uma articulação de diferentes perspectivas disciplinares o levaram a adotar esse posicionamento ao longo da sua trajetória intelectual, pois, como demonstra Sá (2007), sua dissertação já buscava uma articulação entre uma perspectiva comportamental, noções sociológicas e perspectivas microssociológicas, embasando-se respectivamente, no behaviorismo radical de B. F. Skinner; no controle social de Mannheim e Becker e no interacionismo simbólico de Berger e Luckman.

No meu caso pessoal, foi o que me permitiu contar com a sua orientação na minha dissertação de mestrado e tese de doutorado, embora em ambas um referencial teórico behaviorista radical as afastasse bastante da perspectiva behaviorista mediacional que Schneider nitidamente preferia. Isso, entretanto, não o impediu de escrever as belíssimas páginas com que prefaciou o livro que surgiu daquela dissertação de mestrado (Sá, 2007). Gosto muito de pensar que fui capaz de convencê-lo (talvez mais na tese de doutorado) quanto aos acertos da postura skinneriana dentro do movimento behaviorista global. Mas, em termos de psicologia social, o que o livro/ dissertação trazia aos seus eventuais leitores era exatamente a mesma orientação articulatória de diferentes perspectivas disciplinares, que eu aprendi com o Professor. (Sá, 2001, p.45)

Em 1978, deixa seu cargo como professor assistente na UCP, ao passo que é “promovido” para professor do curso de Psicologia da UERJ em 1980. Suas disciplinas em outras unidades foram assumidas por Ana Maria Jacó-Vilela. Neste período de transição, Celso Sá aproxima-se de dois alunos com os quais construiria uma grande amizade para além da carreira acadêmica, ao ponto de se referir a ambos como filhos, a saber, Ricardo Vieiralves de Castro e Renato Möller, o primeiro através do curso de Psicologia, e o segundo por indicação de Ana Maria Jacó-Vilela, tal como ficou registrado em entrevista:

Meu contato inicial com o Celso foi ainda como estudante do curso de Comunicação Social. Ele não era professor do curso, mas uma professora do curso de Psicologia, que era a Ana Jacó e que, além de dar aula no curso de Psicologia também dava no curso de Comunicação Social, fez a ponte, me apresentou para o Celso, estava querendo um aluno de Comunicação Social. Ele sempre valorizou muito a ação interdisciplinar e naquele momento ele queria uma pessoa que tivesse um pendor, a Ana identificou que eu tinha um impulso da Comunicação Social, que era também algo pelo qual ele se interessava muito (R. Moller, comunicação pessoal, 2022)

No curso de Psicologia da UERJ, ainda sob a responsabilidade de Schneider, inicia-se a divisão da docência entre seus ex-alunos, Helmuth Krüger, Wilson Moura e Celso Sá. Foi na sua primeira turma de Psicologia Social no curso de Psicologia que Celso obteve o primeiro contato com Ricardo Vieiralves, o qual, em seu relato, rememora como teria acontecido:

Ele foi meu professor, acho que eu fui da primeira turma que ele deu aula na UERJ, em 1979. Aconteceu que a minha turma se recusou - tinha um professor designado para nos dar aula, e esse professor, havia toda uma série de comentários de que ele era da Marinha também mas que fazia parte do sistema de informações da ditadura. Verdade ou não, a minha turma se recusou a ter aula com ele. E nós não íamos assistir aula se ele estivesse, ele ia entrar e a gente não ia aceitar. Então estávamos dispostos inclusive a sermos reprovados coletivamente por esse fato. Nós fomos discutir, eu era o negociador da nossa turma nesse aspecto, porque era do centro acadêmico e era militante da esquerda de muito tempo. Nós fomos conversar com a direção e a direção endurece, o Celso estava presente, ele se oferece para dar esse curso e salva a situação e tal. As nossas referências sobre o Celso, mesmo ele tendo sido marinheiro, fuzileiro naval, é que era um democrata, uma pessoa correta, em toda história ele nunca se sujou, nunca botou as mãos ou teve qualquer participação ativa no processo da ditadura militar. Então ele foi de uma coragem política, naquele momento, gigantesca, primeiro se indispor com um colega, assumindo a disciplina e segundo sabendo as razões por que nós não queríamos esse professor, que nos recusamos a ter esse professor, que o colocava numa postura de enfrentamento à ditadura, junto conosco, então foi aí. Aí foi dar aula para a gente em 1979, a primeira turma na disciplina de Psicologia Social. (R. Vieiralves, comunicação pessoal, 2022)

Ainda de acordo com Vieiralves (2016), Celso Sá acabava de publicar seu primeiro livro, *Psicologia do Controle Social* (1979), decorrente da dissertação de mestrado, e disponibilizava essa leitura em sua disciplina de Psicologia Social, a qual Ricardo optou por realizar e discutir o texto:

Celso promovia um diálogo inteligente entre posições distintas, as aproximava, as distanciava e as relacionava. Escrevi um texto para avaliação composto de contradições insolúveis: por um lado criticava o behaviorismo, seguindo a retórica estudantil; e por outro lado cedia ao bom texto de Celso, às suas articulações teóricas e sua ousadia intelectual, que manteve durante toda a sua vida. Ao final do trabalho, cansado de minhas próprias contradições inscritas naquele texto, cito uma parte do texto de Celso, onde fazia afirmações e terminei com uma interrogação “Será?” No dia da entrega dos trabalhos, Celso entregou todos, menos o meu. Solicitou que eu o aguardasse no fim da aula para conversarmos. Aula finda, iniciamos nossa conversa, Celso com meu trabalho em suas mãos. O professor havia lido com muita parcimônia e cuidado o texto do estudante. Comentava minhas afirmativas, as críticas ao behaviorismo e as minhas inquietações e questões. Como resultado de nossa conversa, fui convidado para trabalhar em seu projeto de pesquisa que desembocou em sua tese de doutoramento. (Castro, 2016, p. 3)

Após a conclusão do mestrado, Celso Sá dá continuidade a sua formação ao se inscrever no Doutorado em Psicologia na FGV, em 1979, novamente sob orientação de Schneider. Já no início da década de 1980, especificamente em 1983, Celso Sá deixa o cargo de professor auxiliar na UGF, após oito anos de vínculo institucional, e assume o cargo de professor pleno na FGV. Nesta época, encontrava-se em vias de se dedicar integralmente à UERJ, haja vista o cargo na FGV ser o seu último cargo de docência fora da UERJ. De acordo com Sá (2009), durante a década de 1980, o curso de Psicologia da UERJ, bem como o ensino e a pesquisa em Psicologia Social, passaram por grandes mudanças, dentre as quais a reformulação do currículo

do curso de Psicologia, visando uma redução da carga horária e melhor adequação dos conteúdos, o que possibilitou uma flexibilidade na construção da grade curricular.

Acho que a mais importante foi o desmembramento de nossa unidade em um Instituto de Psicologia (IP) e uma Faculdade de Comunicação Social (FCS), passando cada uma das novas unidades a cuidar apenas – e melhor – de um curso específico de graduação. Nesse sentido, foi criado no IP o Departamento de Psicologia Social e Institucional (DPSI), reunindo uma quantidade de disciplinas afins que se encontravam antes diluídas nos dois departamentos que se ocupavam da Psicologia na antiga unidade. A concessão de um status departamental à Psicologia Social não foi, esclareça-se, uma medida arbitrária, mas correspondeu a uma vocação já então bastante nítida no corpo docente – principalmente se acrescida da dimensão “institucional” – e que haveria de ser confirmada, uma década depois, pela criação, nessa área, do primeiro curso de pós-graduação stricto sensu do IP, bem como pela primeira alocação de vagas de professor titular ao IP, as duas em Psicologia Social, as quais foram supridas, mediante concurso público, por mim e por Helmut Krüger. (Sá, 2009, p. 6)

De acordo com Sá (2009), nem sempre houve um "espírito" de produção de conhecimento na UERJ, haja vista o Instituto de Psicologia, por exemplo, durante parte da década de 1980, contar somente com dois professores que faziam pesquisa no campo do comportamento animal. Desta forma, foi responsável pelas primeiras pesquisas no campo da Psicologia Social, as quais justificou devido a três condições:

1) eu tinha de desenvolver duas pesquisas empíricas no meu programa de doutorado pela FGV (uma como exigência curricular e uma como componente da tese de doutoramento); 2) havia alunos daquela minha turma de Psicologia Social “de longa duração” que estavam dispostos a me ajudar; 3) o Bloco A do 10o andar estava inteiramente vazio (depois veio a ser ocupado pela FCS), de modo que eu podia facilmente me apropriar de uma sala para sediar os trabalhos de pesquisa. (Sá, 2009, p. 7)

Essa confluência de condições propiciadoras possibilitou a Celso Sá a ocupação da sala, bem como a organização de um grupo de estudantes que lhe auxiliariam em suas pesquisas, especificamente na primeira linha de pesquisa: *Controle social e análise do comportamento* no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da UERJ. Seus primeiros auxiliares de pesquisa foram Ricardo Vieiralves; Jussara Soares; Marisa Viale; Edson Vizzoni e, posteriormente, Renato Möller, recrutado na Comunicação Social, como dito acima. A partir da formação do grupo e o conseqüente desenvolvimento de pesquisa, realizaram apresentação de trabalhos nos encontros anuais da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.

Outros eventos de relevância ocorreram na década de 1980, como por exemplo sua conclusão do doutorado, em 1985, com a tese *O Behaviorismo Radical de B. F. Skinner e sua Aplicabilidade Socialmente Relevante*. Em um trecho do artigo, *Sobre a psicologia social no Brasil, entre memórias históricas e pessoais*, Sá (2007) rememora sua defesa de doutorado na FGV em 1985, bem como o falecimento do seu filho:

Estiveram aí juntas Carolina Bori e Silvia Lane, para examinar o que eu chamei de “o behaviorismo radical de B.F. Skinner e sua aplicabilidade socialmente relevante”, um extenso texto em que, além de uma profunda incursão na obra desse autor, bem como na de seus críticos e defensores, eu incluía a produção de uma “cartilha de contracontrole social” e avaliava a sua receptividade por parte de lideranças de esquerda em partidos políticos, sindicatos, associações de moradores, etc. Silvia, para grata surpresa minha, começou sua arguição, com a finalidade de valorizar os meus propósitos, lembrando as primeiras linhas de um trabalho seu (Lane, 1984), onde dizia que “Skinner inicia o seu Verbal Behavior com a seguinte frase: os homens agem sobre o mundo e o transformam, e são, por sua vez, transformados pelas consequências de suas ações” (p. 32). Carolina, por seu turno, que, como a “grande dama” da análise experimental do comportamento, eu esperava que fosse a minha mais explícita defensora, acabou por se mostrar a mais rigorosa examinadora, a ponto de um dos meus filhos adolescentes, Claudio, ter comentado que ela tinha querido “me arrasar”. Vinte anos mais tarde, entretanto, tendo já ele próprio passado pelos rituais do doutoramento e sabedor das minhas ótimas relações subsequentes com a Carolina, sua avaliação mudara inteiramente. E foi mais ou menos a essa mesma época que os três caros personagens deste depoimento – Claudio, Carolina e Silvia – se tornaram, acompanhando Schneider, alguns dos mais pranteados mortos da minha memória. (Sá, 2007, pp.10)

Ainda em 1985, seu enquadramento profissional na UERJ passa de professor assistente a professor adjunto. Começando a ser conhecido fora da UERJ, em 1989, Celso assumiu a função de revisor de projeto de fomento na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do RJ (Faperj).

Acompanhamos, neste período, sua inserção em atividades administrativas da UERJ, num momento no qual, de acordo com Jacó-Vilela (2016), a universidade contava apenas com cursos de graduação e permanecia sob a sombra da ditadura militar. Entretanto, como postula Vieiralves (2016, pp.4), Celso Sá “não se omitiu diante do imperativo de responder às demandas de um País que precisava de seus melhores quadros, para retornar ao caminho democrático”. Portanto, assumiu funções administrativas enquanto atuava como docente no curso de Psicologia, possibilitando uma redemocratização da Universidade, tal como lembrado por R. Vieiralves (comunicação pessoal, 2022):

O Celso foi sempre muito “Uerjiano”, ele tinha uma relação com a UERJ e com a instituição pública de profundo carinho, e na UERJ ele segue a carreira toda dele, ele era um dos primeiros titulares da UERJ, ele se transforma em professor titular e também aceita uma carreira administrativa, contribui para uma função administrativa, o que é raro hoje, e ele dizia que era preciso cada um de nós; e ele não gostava muito de poder, não, dessas coisas assim, a vice-reitoria foi fórceps, eu e o Renato montamos uma armadilha para ele aceitar. Ele foi diretor de centro, foi vice-reitor, foi diretor do Instituto de Psicologia, foi membro dos conselhos superiores da universidade por várias vezes. Então ele tinha um respeito acadêmico e um respeito dentro da UERJ pela sua dedicação, então a UERJ era muito especial e ele tinha muito apreço pela instituição pública, como valor. (R. Vieiralves, comunicação pessoal, 2022)

De acordo com Sá (2009), a UERJ levou tempo para se tornar uma universidade com pesquisa e produção de conhecimento, em parte devido à dedicação da instituição e dos professores em realizar uma formação profissional. Essa mudança ocorreria apenas no final da

década de 1980, porém um dos fatores de relevância encontra-se na criação da associação de docentes, da qual Celso Sá participou ativamente:

Foi um dos 97 professores da Uerj que se reuniram na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) para a assembleia de fundação da Associação dos Professores da UERJ (APUERJ), hoje ASDUERJ. [...] Participou ativamente do movimento que propunha eleições diretas para Reitor em 1983. E, quando o Supremo Tribunal Federal considerou inconstitucional tais eleições, auxiliou na realização da “consulta pública” que se constituiu no fortalecimento da associação docente. Nesta consulta, chegou a ficar de vigília no caixa-forte da Universidade, tomando conta das urnas eleitorais. (Jacó-Vilela, 2016, p. 1)

Através desta “consulta pública” é eleito diretor do Instituto de Psicologia e Comunicação Social (1984 a 1987) - o primeiro diretor eleito da UERJ – entretanto, de acordo com Jacó-Vilela (2016), Celso Sá “enfrentou muitas dificuldades para ser empossado e exerceu uma gestão com muitas pressões conservadoras tanto de dentro do IP quanto de fora.” Mesmo com as adversidades, sua gestão é reconhecida como democratizadora. Neste período, em 1985, é promovido de professor assistente a professor adjunto da UERJ. Ao término de seu mandato como diretor do Instituto de Psicologia, concorre à eleição e, vitorioso, assume a Direção do Centro de Educação e Humanidades (1988 a 1991), onde contribui para a reformulação do Programa de pós-graduação da Faculdade de Educação, o qual estava para ser descredenciado na época. (Vieiralves, 2016). Com este cargo, assume também a função de membro nato do Conselho Universitário e do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa.

A dedicação de Celso Sá ao ocupar cargos administrativos dentro da UERJ demonstra seu afeto para com a instituição, o que é amplamente reconhecido por todos com quem teve contato ao longo da vida, especialmente pelos que estiveram próximos em sua trajetória:

Não sei se já comentaram com você que o apelido do Celso era “Mister UERJ”. Muitas vezes chamavam ele de “Mister UERJ”, principalmente fora da UERJ, outros pesquisadores o chamavam assim pelo fato dele, durante muitos anos, ter tido uma vida muito imbricada com a UERJ, e isso significa o que: ele vivia pela UERJ, ele teve todos os cargos de chefia, do mais baixo, que é de departamento, até o mais alto, que é estar na reitoria, passando por direção do Instituto de Psicologia, de centro etc. Então ele conhecia a UERJ na palma da mão, e ele gostava, ele sentia falta. Ele andava pelos corredores e era constantemente parado. As pessoas iam conversar com ele: professores, técnicos administrativos, o pessoal da segurança, pessoal da limpeza, todo mundo conversava com ele; ou seja, era muito identitário para ele essa pertença da UERJ. (R. Wolter, comunicação pessoal, 2022)

2.4 As articulações entre o behaviorismo radical e as representações sociais

Ao final de sua formação e inserção como docente na UERJ, Celso Sá consolidou-se como professor e pesquisador de Psicologia; sua dedicação intelectual até este momento é quase exclusiva ao Behaviorismo radical de Skinner, apesar da articulação entre a Psicologia e outras áreas das Ciências Humanas e Sociais. De acordo com Trzan e Degani-Carneiro (2014), o behaviorismo era pouco estudado no Rio de Janeiro durante sua graduação e não havia um laboratório especializado na análise experimental do comportamento na UERJ, portanto não chegou a ter contato com a famosa “caixa de Skinner”. Assim, sua compreensão do behaviorismo skinneriano ocorreu de forma autodidata. Apesar da influência de Schneider, que, como dito, havia tido contato com behaviorismo de Clark Hull em seu mestrado nos Estados Unidos, o tipo de behaviorismo que lhes interessava era distinto:

Meu orientador era o Eliezer Schneider, que tinha de fato uma vinculação com o behaviorismo, mas se tratava de um outro behaviorismo, chamado de mediacional, que, a partir do estudo dos estímulos ambientais e das respostas a eles dadas, procurava inferir constructos internos ao indivíduo, como o impulso e a força do hábito, que considerava indispensáveis para a explicação do comportamento. O behaviorismo que me interessou foi o de Skinner, que é chamado de behaviorismo radical, porque não apela para a teorização de entidades internas, mas toma como suficiente o estudo dos efeitos do comportamento sobre a própria possibilidade de sua emissão no futuro. (Trzan & Degani-Carneiro, 2014, pp. 312-313)

Como mencionado anteriormente, o contato de Celso Sá com a produção de Moscovici acontece durante a graduação, por meio das leituras recomendadas por Schneider na disciplina de Psicologia Social, em especial do livro *Sociedade contra Natureza* (1975). Entretanto, seu contato com o campo das representações sociais ocorreria apenas em 1978, tal como ficou registrado por Celso em um capítulo para o livro brasileiro em comemoração aos 50 anos das representações sociais. No capítulo, intitulado *Sobre o pensamento social e sua gênese: algumas impressões*, Sá (2011, p. 376-377) traça uma “linha de rememoração de impressões pessoais formadas sobre o “livro de Moscovici” (como passo a chamar, por uma questão de economia verbal) e sobre certas outras obras e autores, bem como das reflexões que as acompanharam.”

A partir de concepções distintas sobre o estudo do pensamento social, Sá (2011, p. 378-379) confronta o “livro de Moscovici” com outras duas perspectivas, a saber, “as contribuições da chamada “psicologia social psicológica americana”, das quais, no que se refere ao estudo do pensamento social, cabe destacar o livro de Fritz Heider, *The Psychology of interpersonal*

relations, de 1958 (publicado no Brasil em 1970)”, bem como, “as contribuições dos psicólogos sociais de formação sociológica, das quais, sobre a mesma questão, destaca-se o livro de Peter Berger e Thomas Luckmann, *The social construction of reality*, de 1966 (traduzido para o português em 1974)”.

Meu primeiro contato com o “livro de Moscovici” se deu em 1978, através da tradução brasileira da primeira parte da segunda edição francesa. Gostei muito do texto e passei a indicá-lo aos meus estudantes. Mas só alguns anos mais tarde, ao ler alguns capítulos da coletânea *Psychologie Sociale* organizada por Moscovici, é que me dei conta de que se tratava de uma nova e instigante teoria em psicologia social. Ao longo dos demais anos da década de oitenta, estudei a edição francesa de 1976 e tudo o mais que pude “garimpar” acerca de “Moscovici e suas representações sociais”. (Sá, 2011, p. 377)

Neste capítulo, dividido em três seções principais e uma adicional de natureza alternativa, destaca-se em sua última seção, pela relação estabelecida por Sá (2011) entre o behaviorismo e as representações sociais. Já familiarizado com as contribuições de Skinner, em especial a relação entre indivíduo e sociedade, Celso Sá confronta os trabalhos de Heider, Berger e Luckmann, e Moscovici com suas noções acerca do behaviorismo: “E, por paradoxal que isso possa parecer a alguns, foi devido à familiarização prévia com o trabalho de Skinner e com suas implicações psicossociais - já exploradas na minha dissertação de mestrado - que eu passei a me interessar pelo tipo de psicologia social que Moscovici buscava instituir.” (Sá, 2011, p. 395)

Desta forma, o contato prévio de Celso Sá com o behaviorismo skinneriano possibilitou um vínculo com o campo das representações sociais, o qual, segundo Trzan e Degani-Carneiro (2014), decorre da relação entre o behaviorismo e as questões humanas.

O que Skinner trazia de importante ali era o comportamento verbal e o comportamento governado por regras. Só que as nuances e situações mais complexas do relacionamento social, pessoal, institucional ou político dificultavam a articulação com essa base comportamental, enquanto se podia facilmente fazê-la com as representações sociais. E foi crucial para o meu interesse pela teoria das representações sociais a afinidade que percebi entre ela e o behaviorismo radical, no que se refere à gênese social do pensamento, em contraste com o cognitivismo de natureza inatista. (Trzan & Degani-Carneiro, 2013, pp. 313)

Ainda de acordo com Sá (2011), a gênese social do pensamento possibilitava a constituição do Behaviorismo Radical como base psicológica para a TRS:

as proposições de Moscovici sobre a gênese social das representações sociais, com sua sutil e refinada descrição das circunstâncias em que ela se processa, ganhariam maior consistência em nível intrapessoal se fossem articuladas às proposições de Skinner acerca da gênese social do pensamento em geral, que traziam uma igualmente sutil e refinada descrição das contingências de reforço que presidiriam tal construção. (Sá, 2011, pp. 398-399)

Segundo Sá (2011;2007), essa articulação foi apresentada em duas ocasiões: a primeira em um artigo, *Sur les relations entre représentations sociales, pratiques socio-culturelles et comportement* (Sá, 1994); e à segunda Moscovici, em um simpósio em 1998. Essas apresentações causariam diferentes reações, sendo a primeira em Moscovici, que recusou incisivamente a articulação, posicionamento que Celso Sá atribui ao desconhecimento de Moscovici sobre o behaviorismo radical.

O contato de Celso Sá com Moscovici neste simpósio foi rememorado em todas as entrevistas e, mesmo grande parte dos entrevistados não tendo presenciado o evento, tal história já fazia parte do imaginário de todos. Todavia, ao contrário do que se pode esperar, a reprovação de Moscovici não afetou Celso Sá, pois, tal como relatado por R. Vieiralves e R. Wolter (comunicação pessoal, 2022), ele compreendia que o criador das representações sociais não aceitava modificações em sua teoria, e neste momento de difusão, sua palavra era quase que divina.

Quer dizer, o Celso com a Teoria das Representações Sociais, com a fidelidade que ele tinha, estava sempre procurando novos caminhos para poder fazer articulações. Teve uma coragem enorme de na frente de Moscovici - essa reunião que eu falei com você que foi lá em Natal na primeira JIRS - fazer uma apresentação onde ele propunha a articulação da teoria das representações sociais com a análise do comportamento, sabendo que Moscovici era contra essa ideia, pôe contra nisso. Ele tinha, primeiro, essa coragem e condição intelectual de ter argumentos que você podia não concordar, porém o argumento tinha lógica e estrutura, então ele tinha um tipo de reflexão que era constante, parecia que aquela cabeça não parava. (Zeidi, comunicação pessoal, 2022)

A segunda reação sobre esta articulação, decorre de um colega de Celso Sá que o acusou de abandonar o behaviorismo skinneriano em detrimento das representações sociais. Todavia, Sá (2007, pp.11) retruca a fala do colega: "no meu modo de entender, entretanto, eu não tinha abandonado uma primeira vocação ou me convertido a uma segunda, mas estava sim articulando as duas perspectivas, em proveito de um melhor tratamento de certos fenômenos psicossociais."

Neste período acima, Celso Sá já havia adquirido conhecimento em relação à TRS, o que lhe possibilitou, junto com seus alunos, a constituição de um grupo de estudos, o qual a partir de analogia com o nome de Celso, foi intitulado Centro de Estudos em Representações Sociais (CERSO). Composto inicialmente por Celso Sá, Ricardo Vieiralves e Renato Möller, posteriormente o grupo aumenta de tamanho e outros integrantes surgem, sempre comprometidos com os estudos, fazendo resenhas e reunindo material. Suas reuniões têm início numa sala da FGV, onde Celso Sá era professor, e após o encontro, os integrantes se reuniam num botequim:

Então às quartas-feiras de manhã em que a gente estudava, porque tinha um restaurante português na Farani, não era nada nobre a escolha, era um botequim, que servia às quartas-feiras um excelente arroz com lula, só às quartas-feiras, por isso nossas reuniões eram às quartas, pra gente sair da reunião de trabalho e ir pro restaurante, e ficávamos à tarde comendo, bebendo cerveja e falando do mundo. Então era um dia dedicado ao estudo, ao lazer e à boa conversa entre amigos. (R. Vieiralves, comunicação pessoal, 2022)

Para R. Möller (comunicação pessoal, 2022) a continuação de suas discussões na mesa de bar era uma marca registrada de Celso Sá, que com sua atitude “mostrava para a gente que era possível chegar a conclusões importantes, a tiradas geniais e importantes em ambientes não exatamente formais ou pelo menos reconhecidamente adequados para que o trabalho acadêmico se desse”.

Ainda de acordo com R. Vieiralves (comunicação pessoal, 2022) o CERSO realizou a leitura dos textos de Durkheim, em especial, as representações individuais e as representações coletivas, bem como, as formas elementares e sua perspectiva no pensamento social, os textos voltados para a compreensão da sua obra a partir do Pensamento Social. Em seguida, leram o texto original de Moscovici, e a literatura internacional sobre representações sociais, e com isso, começaram a traduzir alguns textos de Denise Jodelet. Após dominarem o campo teoricamente, o grupo recebe seu primeiro convidado, e de acordo com o relato de R. Moller (comunicação pessoal, 2022), foi um ex-orientando de Moscovici, que se dedicou a tecer crítica à teoria das representações sociais:

Ou seja, a primeira pessoa a falar no CERSO foi uma pessoa para falar mal das Representações Sociais. E tinha argumentos muito sólidos, era um intelectual brilhante. E assim começa a Representação Social: sob a égide das críticas feitas ao próprio conceito, e que depois nós discutimos nos encontros seguintes. Parece que não foi convincente o suficiente para que nós abandonássemos o projeto, mas tinha argumentos muito sólidos, realmente, que nos fizeram pensar muito sobre aquilo, então esse é o modelo que o CERSO seguia. (R. Moller, comunicação pessoal, 2022)

Ainda de acordo com Castro (2016) depois de alguns anos de estudo, começam a atividade empírica, e em seguida, Celso convida Denise Jodelet para oferecer um curso sobre Representações Sociais. Durante sua estadia no Rio de Janeiro, realizaram passeios e visitas na Cidade Maravilhosa:

Levamos Denise à periferia do Rio, em São João de Meriti com o prof. Luiz Fernando Tura; eu havia recebido um prêmio da OAB sobre moral, direito e modernidade e realizava uma pesquisa com prostitutas de baixo meretrício e Denise as conheceu: visitamos o Santa Marta, a Universidade, a zona sul do Rio, Cabo Frio e Saquarema e não me recorde mais de todos os lugares. Denise nos conheceu, o Rio de Janeiro e o Brasil, com suas contradições e desigualdades. Nossa amizade com Denise fez com que Celso, em um de seus últimos atos por conta do aniversário dela, promovesse na Fiorentina um autógrafa de Denise em suas paredes, evento destinado aos artistas, músicos e intelectuais brasileiros, conferindo a Denise o verdadeiro título de cidadã carioca como assim falou em sua saudação à professora. (Vieiralves, 2016, pp. 3-4)

Com o passar dos anos Celso Sá torna-se referência da TRS nacional e internacionalmente, realizando viagens a École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris a convite de Serge Moscovici e Denise Jodelet, participando e organizando eventos em TRS no Brasil e produzindo material de referência para o campo das representações sociais.

Tal como apontado por Naiff, D. e Naiff, L (2016) após sua afirmação no campo das representações sociais, Celso Sá elabora três produtos intelectuais, os quais possibilitaram a toda uma geração os primeiros passos na Teoria da Representações Sociais, a saber, um capítulo no livro *O Conhecimento no cotidiano*, contendo uma síntese dos conceitos basilares das representações sociais bem como, para a difusão e propagação da teoria, os livros carinhosamente batizados de “livro preto” e “livro branco”, respectivamente, *Núcleo Central das Representações Sociais* e a *Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*.

O primeiro, fruto de seu pós-doutorado em Aix-en-provence, apresenta de forma completa o campo de estudos das representações sociais, os pressupostos básicos da teoria complementar do núcleo central em si, além de métodos e técnicas de pesquisa ainda desconhecidos para uma parte dos pesquisadores em representações sociais aqui no Brasil. [...] O segundo, o livro-branco, “a construção do objeto”. Hoje como professores, consideramos como um enorme presente que Celso deixou a todos nós como resposta a clássicas perguntas quanto ao desenho das pesquisas em representações sociais feitas pelos nossos alunos, entre outras: “professor, há representações sociais sobre tudo?”; “todo objeto é objeto de representações sociais?”; “posso estudar a representação social disto ou daquilo, para estes ou aqueles sujeitos?”.(Naiff, D. e Naiff, L. 2016, pp. 4)

Sua participação em eventos de TRS bem como a organização de outros encontros ocorre de forma ativa ao longo de sua trajetória, em que também participou de outras associações tal como registrado por Santos e Almeida (2016) ao traçarem suas contribuições a TRS a partir da sua participação na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPPEP) e na Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO).

De acordo com Santos e Almeida (2016) sua participação na ANPPEP, por exemplo, ocorreu a partir do III Simpósio, realizado em Águas de São Pedro em 1990, quando, a partir da proposta pelo Prof. Edson de Souza Filho, se reuniu pela primeira vez o Grupo de Trabalho sobre Representações Sociais, constituído por Prof. Edson de Souza Filho, Ricardo Vieiralves Castro, Celso Pereira de Sá, Clélia Maria Nascimento-Schulze e Mary Jane Spink. Após dois anos, em 1992, ocorre o IV Simpósio da ANPEPP, a partir do qual foi elaborado o livro *O Conhecimento no Cotidiano* (1993), organizado pela Prof. Mary Jane Spink.

Durante os eventos, participava ativamente da organização, bem como da apresentação de suas pesquisas em mesas, exposições e afins. Todavia, sempre ao fim de suas atividades, aproveitava e descontraía com seus colegas:

Celso era também o companheiro de conversas sérias e alegres, recheadas de histórias, críticas e um humor refinado e agudo. A convivência durante os Simpósios da ANPEPP (e os encontros científicos de modo geral) começava na seriedade dos grupos de trabalho e se estendia à noite. Entre muitas conversas e risadas, regadas de cerveja gelada e um bom whisky, as atividades coletivas do nosso GT eram planejadas. E, é claro, na maioria das vezes, lideradas por ele. (Santos e Almeida, 2016, p.1)

Já em 1994 Celso Sá coordenou o grupo Psicossociologia do Conhecimento durante o V Simpósio da ANPPEP. Neste mesmo ano, presidiu a II Conferência Internacional sobre Representações Sociais, que aconteceu entre 29 de agosto e 1 de setembro na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a qual contou com a participação de importantes pesquisadores na área, tal como Serge Moscovici, Denise Jodelet, Robert M. Farr e Jean Claud Abric. Jodelet (2005) rememora como aconteceu a realização desta Conferência no Brasil:

Primeiro, um acontecimento que ocorreu há quase dez anos, e que contribuiu, de maneira decisiva, para o desenvolvimento da pesquisa em representações sociais no Brasil. Não se pode esquecer o momento-chave que constituiu a organização, no Rio de Janeiro, da Segunda Conferência Internacional sobre Representações Sociais. Celso Pereira de Sá, que era convidado em nosso Laboratório em Paris, como professor visitante em 1992, teve a oportunidade de participar da Primeira Conferência Internacional em Ravello, Itália. Naquela ocasião, eu lancei a idéia de ver as Conferências ocorrendo, alternadamente, nos continentes europeu e americano. Ao mesmo tempo lancei a Celso o desafio e realizar a Segunda Conferência no Rio. Conhecia suas capacidades de "comandante de navio" e seu envolvimento com as representações sociais. Celso foi surpreendido, mas respondeu positivamente. (Jodelet, 2005, pp. 13-14)

A partir do contato com Jean-Claude Abric, Celso Sá interessa-se pela teoria do núcleo central e realiza seu pós-doutorado na Université de Provence em 1996. Esta história ficou registrada em seu artigo, provavelmente um dos seus últimos, no qual Sá (2016) discorre sobre seu contato Jean Claude-Abric e com a teoria do núcleo central e relata sua avaliação pessoal sobre o desenvolvimento deste campo de estudos no Brasil.

Seu primeiro contato com Abric ocorreu em 1992 quando visitou Aix-en-Provence, com o apoio de Denise Jodelet. Nesta ocasião, teve oportunidade de conhecer três dos autores da primeira geração da escola Aix: Jean-Claude Abric, Claude Flament e Pierre Vergès. No ano seguinte, Abric veio ao Rio de Janeiro como Professor Visitante pelo período de um mês e se familiarizou com a cultura brasileira, assistindo um jogo de futebol no Maracanã e participando de um ritual religioso afro-brasileiro. Para Sá, tratou-se de uma oportunidade de se aproximar mais da construção da teoria do núcleo central.

Em 1994, com a realização da 2ª Conferência Internacional de Representações Sociais, ocorre o retorno de Abric ao Rio de Janeiro, bem como de outros pesquisadores da Aix. No ano seguinte, Sá concorre à posição de Professor Associado na UERJ com uma tese sobre a teoria

do núcleo central, a qual, após aprovada, resultaria na publicação do livro *Núcleo Central das Representações Sociais* (1996).

My book, *Core Nucleus of Social Representations*, which introduced Brazil to the structural approach, has embodied, for sure, more than a work of scientific propagation. Written as a formal thesis for institutional approval, the text couldn't limit itself to being a replication of the assumptions, concepts and proposals that were related to the theoretical construction in question. Additionally, it had to include a critical assessment of the Aix project and also to provide it with a convincing presentation of its academic excellence among the community of Brazilian social psychologists. Once the thesis was approved by a competent and thorough jury and the book published, and since I never heard of any concerns regarding the exactness and relevance of its content throughout the fifteen years that went by, I now regard this exercise of diffusing the core nucleus theory as a significant contribution, of high impact among the development of modern social psychology, and as a success. (Sá, 2016, pp. 8.3-8.4)

Em 1996, Sá retornou a Aix-en-Provence para realizar seu pós-doutorado na Universidade de Provence durante 4 meses, onde manteve seu intercâmbio com Abric, Flament, Vergés, Guimelli e Moliner. Durante seus encontros, surgiu uma sincera e forte amizade entre Sá e Abric, a qual possibilitou uma maior inserção da teoria do núcleo central no Brasil, e conseqüentemente, transformou Celso Sá num dos maiores representantes da abordagem fora da escola de Aix.

Ainda de acordo com Santos e Almeida (2016) durante o XIX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) em 1997, Celso Sá coordenou um grupo de pesquisadores a fim de discutir o desenvolvimento e difusão da TRS no Brasil. A partir desta reunião, elaborou-se a proposta de realização de uma Jornada Internacional sobre Representações Sociais (JIRS), a qual ocorreria pela primeira vez em 1998 e desde então acontece a cada dois.

Já em 2003, Celso Sá recebe a III JIRS no Rio de Janeiro, e a partir da consolidação da produção brasileira, inaugura a I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais (CBRS) a qual seria concomitante à JIRS sempre que ocorresse no Brasil. Em relação a este evento, Jodelet (2005) reúne elogios à organização de Celso Sá:

Celso Pereira de Sá permitiu que a Terceira JIRS acontecesse no Rio de Janeiro. Em uma época pretérita de sua vida profissional, ele foi comandante naval. Podemos encontrar a marca deste passado em uma organização que é, ao mesmo tempo, rígida e fluida, para a qual foi ajudado diretamente não apenas por Denize Oliveira, mas também por sua assistente que o segue em todos os seus afazeres, Jussara Ferreira da Silva, cuja doçura e calma sempre acompanham uma notável eficiência. Eu bem sei quantos esforços e sacrifícios custaram estas Jornadas. Às vezes até ao limite da exaustão. (Jodelet, 2005, pp. 12)

De acordo com D. Oliveira (comunicação pessoal, 2022) a participação de Celso Sá nos eventos de TRS era frequente, seja nas conferências ou jornadas:

Então nós participamos de todas as conferências internacionais, participamos de todas as jornadas internacionais, as JIRS, que foram organizadas, exceto de uma, nós só não estivemos numa conferência internacional que foi organizada na Indonésia. Se você me perguntar por que, eu queria ir mas o Celso não queria e eu achava aquilo estranho porque a presença dele nos eventos era uma presença importante, era uma presença significativa, ele fez conferência de abertura, de fechamento em vários eventos desses. E aí ele me falou que ele tinha medo de tsunami, que, como era na Indonésia, ele tinha medo de tsunami. Acho que era uma brincadeira porque o tempo de voo era muito longo e os voos longos eram difíceis para o Celso, por causa da questão respiratória, porque ele fumava, ele fumou muito até bem pouco tempo antes da morte dele, então os voos muito longos eram difíceis. Não sei se foi pelo medo de tsunami ou pelo deslocamento muito longo, de qualquer forma nós não fomos para a Indonésia. Mas fora esse nós participamos de todos os eventos, todos os eventos específicos de representações, os que foram criados depois mais regionais também. (D. Oliveira, comunicação pessoal, 2022)

Outro de seus feitos em relação à TRS, encontra-se na criação e coordenação de Grupo de Trabalho Memória, Identidade e Representações Sociais no XII Simpósio da ANPEPP, em 2008, o qual é rememorado em entrevista por Zeidi:

Eu falei que o Celso e eu tínhamos algumas coisas em comum, uma delas era a compreensão de que a necessidade de articulação da teoria com outros conceitos e outras teorias da psicologia social potencializava o heurístico da teoria e aumentava a possibilidade de acesso a fenômenos diferenciados. Por isso o grupo é Memória, Identidade e Representações Sociais; quer dizer, tanto o conceito de memória social e a forma como foi teorizada a partir daí, como uma teoria de identidade social, tal como proposta por Tajfel. Eu acho que essa era uma forma de compreender a teoria que a gente compartilhava. (Zeidi, comunicação pessoal, 2022)

Seus antigos alunos rememoraram também a participação em eventos ao lado de Celso Sá, apontando sua habilidade em tratar com seriedade os assuntos relacionados ao evento, ao mesmo passo em que, após as atividades, se reunia de forma festiva:

Sinceramente era muito divertido. A gente ia para os congressos - fomos em vários congressos. Eu apresentei trabalhos com ele desde a SBP em Ribeirão Preto, até os congressos específicos da área, depois mais tarde em congressos internacionais com ele presente também. Ele era um cara muito divertido, ele adorava a parte de lazer vinculada à parte de trabalho, então sempre que tinha uma banca, sempre que tinha algum evento a gente depois saía para tomar uma cerveja, comer alguma coisa. Eu cheguei a passar um réveillon na casa dele; ele também era muito aberto, muito tranquilo. Dentro do mundo acadêmico, dentro da universidade, um cara sério, um cara às vezes um pouco frio, mas fora da universidade um cara muito gente boa, muito afável, muito tranquilo. (L. Naiff, comunicação pessoal, 2022)

A dedicação de Celso Sá possibilitou a toda uma geração, tal como lhe foi proporcionado por Schneider com relação à psicologia social, a aproximação com o campo das representações sociais, a partir das suas produções, em especial os “livro preto” e “livro branco”. Este material de referência auxiliou e ainda auxilia diversos pesquisadores interessados com a TRS. Sua produção no campo, bem como os temas aos quais se dedicou, são apresentados no próximo capítulo.

2.5 Recordar é viver: Celso Sá e a memória social

Ao final da década de 1990, Celso Sá já estava consolidado como um dos principais autores no campo das representações sociais. Entretanto, a articulação com outros campos de conhecimento é uma marca constante na produção intelectual de Celso Sá, e não foi diferente neste momento. De acordo com Naiff, L e Naiff (2016), paralelamente às contribuições ao campo das representações sociais, a partir de suas inquietações intelectuais Celso Sá buscou articulações entre o campo das representações sociais e da memória social.

Partindo das proposições seminais do sociólogo Maurice Halbwachs (Halbwachs, 1925/1994; 1990) e do Psicólogo social F.C. Bartlett (Bartlett, 1932/1995), Celso dialogou com a sociologia de autores como Namer (1987), Fentress & Wickham (1994) e Jedlowski, como da psicologia discursiva britânica, de inspiração em Bartlett, além de obras como as de Le Goff (1996) e suas articulações entre memória e história. Na psicologia cognitiva explorou a corrente naturalista, em especial autores como Neisser (1996), e Penebaker & Basanik (1998), como seus conceitos de memórias flash e a hipótese do período crítico, e a transmissão intergeracional da memória, entre outros construtos. (Naiff e Naiff, 2016, p.4)

Estimulado pela pesquisa de Denise Jodelet acerca do julgamento por crimes de guerra do nazista Klaus Barbie, denominado “açougueiro de Lyon”, e pela definição do sociólogo italiano Paolo Jedlowski para quem as memórias sociais eram um conjunto de representações sociais do passado, Celso Sá dedicou duas décadas à construção teórica e a pesquisas neste campo. Sua aproximação do campo da Memória Social foi registrada por Jodelet (2005):

Não sei se Celso se lembra de 1989. Nesse ano, aconteceu o Primeiro Congresso Internacional sobre Teorias da Memória, organizado no Centro de Ciência e Cultura da UFRJ, por Márcio Tavares d'Amaral e Luís Felipe Baeta Neves. Celso tomou as providências necessárias para atender ao meu desejo de assistir ao Congresso. Desde essa época, surgiu nossa idéia de pesquisas sobre memória social, que agora aparecem no Rio e em outros lugares do Brasil, como um eixo importante, um destacado tema teórico-empírico. (Jodelet, 2005, p. 18)

Como apontado acima, a partir da década de 1990 Celso Sá aproxima-se da Memória Social e sua primeira pesquisa no campo dedica-se à investigação da comemoração dos 500 anos do “descobrimento do Brasil”, a qual realizou em conjunto com pesquisadores portugueses, em especial com o psicólogo social português Jorge Manuel Vala Salvador.

Ainda de acordo com Naiff e Naiff (2016) os esforços de Celso Sá no campo da Memória Social possibilitaram a sistematização conceitual, teórica e metodológica da pesquisa psicossocial da memória, sua originalidade possibilitando a construção de algo completamente novo. Após a pesquisa dos 500 anos do “descobrimento do Brasil”, dedicou-se a outras

pesquisas no campo da memória social, como por exemplo sobre a Era Vargas, os chamados “Anos Dourados” e o Regime Militar. De acordo com testemunho de R. Wolter (comunicação pessoal, 2022) Celso Sá almejava pesquisar outros momentos históricos, como a era Pós-militar e o Governo Lula, bem como compreender os elos de comunicação na sociedade a partir de grupos como: o porteiro, o taxista, a manicure, a cabelereira, etc...

De certa forma o behaviorismo tem vida própria; a TRS tem vida própria, mas o campo da Memória Social não tinha vida própria, é incipiente. Quem impulsionou foi o Celso, muita gente passou a estudar, trabalhar e pesquisar isso com o impulso dele. Tanto que, com o falecimento dele, a gente vê que o campo decaiu novamente, já tem muito menos gente. De certa forma o Celso levava 20, 30 pessoas com ele, direta ou indiretamente, e 20 ou 30 pessoas pesquisando algo já é um volume considerável. Eu mesmo trabalhei com Memória Social por impulso do Celso; pessoal do Espírito Santo, Ricardo Vieiralves, Renato, Luciene e Denis Naiff, a gente poderia listar uma quantidade de pessoas que passaram a dominar o campo teórico da Memória Social e a pesquisar sobre isso sob incurso do Celso. (R. Wolter, comunicação pessoal, 2022)

Alguns entrevistados, como Denize, Rafael, Luciene e Denis, disseram que seu contato com Celso Sá ocorreu quando já se dedicava ao campo da Memória Social, de tal forma que suas orientações e participação em pesquisas foram a partir da Memória Social. Segundo R. Wolter (comunicação pessoal, 2022) durante seu Pós-doutorado com Celso Sá, dividiu disciplinas com ele, bem como com Denize Oliveira, ministrando aulas acerca da Memória Social:

As disciplinas dele sempre muito organizadas, ele tinha uns textos obrigatórios da disciplina que são verdadeiros mapas da mina de memória social, que ainda deve estar lá na xerox. Aqueles textos ali têm clássicos, ele passou dez anos catando aqueles textos e deixou na xerox. Então as aulas dele davam acesso a conteúdo de altíssimo nível intelectual e ele sempre apresentava aulas reorganizando o campo; ele pensava a área, ele pensava o fenômeno que iria apresentar, não só lia os autores e apresentava, ele lia os autores, reorganizava o conhecimento elaborado pelos autores e levava aos alunos, ou seja, ele tinha um nível intelectual alto. (R. Wolter, comunicação pessoal, 2022)

Ao contrário do que se possa imaginar, sua dedicação a um novo campo de pesquisa não impediu Celso Sá de assumir outras funções administrativas na UERJ. Portanto, ainda durante a década de 1990, criou o programa de pós-graduação stricto sensu da psicologia, o Mestrado de Psicologia e Práticas Sócio-Culturais do qual foi o primeiro coordenador (1991-1994) – Mestrado que hoje é o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Já no início dos anos 2000, assumiu a Vice-reitoria da UERJ (2000-2003) em chapa composta com a profa. Nilcea Freire como Reitora. Este cargo implicou em algumas novas funções na universidade, tais como: a presidência da Comissão Permanente de Avaliação Técnico Administrativa (COPAT); a vice-presidência do Conselho Universitário; a vice-presidência do Conselho

Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão; e por último, a presidência da Comissão Permanente de Carga Horária e Avaliação Docente (COPAD).

Ainda na década de 2000, segundo seu currículo Lattes, Celso Sá atuou ativamente em outras atividades acadêmicas, assumindo organização de eventos, integrando o corpo editorial de periódicos, realizando assessoria e consultoria de comitês de avaliação e, após anos de produção na área, indicação e recebimento de prêmios. Este período tem uma forte marca da criação de projetos e pesquisas no campo da Memória Social, bem como sua participação em eventos de TRS. Nos anos 2000, por exemplo, concluiu sua linha de pesquisa, *Práticas sócio-culturais e a organização do saber e Cognição, grupos e organizações sociais*, integrou o corpo editorial do periódico *Psicologia e Sociedade*, e realizou assessoria e consultoria ao Comitê de avaliação da CAPES, para os programas de pós-graduação stricto sensu na área de Psicologia, e na Comissão de avaliação de curso de graduação em Psicologia, designada pela SESU/MEC.

No ano seguinte, em 2001, criou alguns e terminou outros de seus projetos de pesquisa e linhas de pesquisa no Departamento de Psicologia Social e Institucional da UERJ. Temos, portanto, a criação da linha de pesquisa *Processos sociocognitivos e psicossociais* e a criação do projeto de pesquisa *Análise psicossocial da memória social brasileira: a propósito de regimes políticos, políticas públicas e exclusão social, no Rio de Janeiro*, bem como o fim do seu projeto de pesquisa *O descobrimento do Brasil: memória social e representações de brasileiros e portugueses*. Neste mesmo ano, assumiu outras funções, tais como participação no corpo editorial dos periódicos *Psychologie et Société* e *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, bem como a revisão do periódico *Psico* (PUCRS).

Outros acontecimentos também ocorreram neste período, como por exemplo, sua participação na organização da *II Jornada Internacional de Representações Sociais* em Florianópolis e a assessoria e prestada ao *Comité Scientifique de Psychologie & Société*. Também cabe ressaltar sua indicação e recebimento do prêmio Edith de Magalhães Fraenkel por meio da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Já em 2002, assumiu posições de prestígio, como a vice-presidência da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), entre 2002 e 2004, e a função de membro do Conselho Superior da FAPERJ - entre 2002 e 2005. Neste mesmo ano, assumiu o cargo de membro do corpo editorial dos periódicos *Revista Enfermagem* (UERJ), *Revista Psicologia Política* e *Papers on social representations*, bem como o papel de revisor dos periódicos *Psicologia Reflexão e Crítica*, *Psicologia e Sociedade* e *Revista Enfermagem* (UERJ). Também realizou assessoria e consultoria ao Scientific Committee of the Sixth International Conference on Social Representations.

No ano seguinte, ainda no campo dos periódicos, tornou-se membro de corpo editorial de *Memorandum*, bem como revisor de *Estudos de Psicologia* (Natal), *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto) e *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online). Neste mesmo ano, atuou como assessor e consultor da Comissão de Avaliação de Agências - Conselho Superior da FAPERJ, como também, atuou na organização da *III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*. Também cabe ressaltar sua indicação e recebimento do prêmio Empresa saudável/Trabalho saudável na III Conferência Regional Latino-Americana de Promoção da Saúde e Educação para a Saúde. Ao final de 2003, terminou o período de mandato de Celso Sá como Vice-Reitor da UERJ.

Em 2004, Celso Sá realizou outro pós-doutorado, desta vez na Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) na França. Durante este período, atuou como professor visitante na Università degli Studi di Padova (UNIPD), na Università degli Studi di Roma La Sapienza (URS) e na Maison de Sciences de l'Homme (MSH), nesta última em função da linha de pesquisa *Memória e Representações Sociais*.

No ano de 2005, Celso Sá deu início ao projeto de pesquisa *Análise psicossocial da memória histórica de regimes políticos brasileiros* e finalizou o projeto *Análise psicossocial da memória social brasileira: a propósito de regimes políticos, políticas públicas e exclusão social, no Rio de Janeiro*. Ainda em 2005, assumiu mais algumas funções em periódicos, ingressando como membro no corpo editorial do periódico *Psicologia - Teoria e Prática* e como revisor dos periódicos *Psicologia - Teoria e Prática*, *Psicologia - Teoria e Pesquisa*, *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Também retornou a suas funções em outros periódicos, a saber, *Psicologia e Sociedade* e *Revista Enfermagem (UERJ)*. Também cabe ressaltar, seu papel na assessoria e consultoria da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso, do Comitê Científico e Editorial da IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, na qual também participou da organização. Neste mesmo ano, deixou o cargo de Membro do Conselho Superior da FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, e publicou dois livros, *Memória, imaginário e representações sociais* e *Memórias do descobrimento do Brasil*.

Dando continuidade à docência como professor convidado ou visitante, no ano de 2006 assumiu o cargo de professor convidado na Fundação Oswaldo Cruz, atuou como professor visitante no Laboratoire de Psychologie Environnementale da Université Paris Descartes, e retornou à Maison de Sciences de l'Homme como professor visitante para pesquisa e desenvolvimento do projeto *Memória e Representações Sociais*. Também atuou como revisor de periódico da *Estudos de Psicologia* (Campinas) e retornou aos periódicos *Estudos de*

Psicologia (Natal); *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online) e *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto). Também realizou a assessoria e consultoria para o *Scientific Committee - VIII International Conference on Social Representations*, bem como recebeu o prêmio de Iniciação Científica como Orientador de Renata Vetere na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Nos últimos anos anteriores à sua aposentadoria, a atuação de Celso Sá foi diminuindo. Mesmo assim, participou da organização e do *Comitê Científico e Editorial da V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais* em 2007. Deu início ao projeto de pesquisa *Análise psicossocial da memória histórica dos Anos Dourados: política, cultura e cotidiano* e retornou ao cargo de revisor do periódico *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online), ambos em 2008. Já em 2009, atuou como revisor do periódico *Paidéia* (USP, Ribeirão Preto. Impresso). Recebeu o prêmio de Menção honrosa no Prêmio CAPES de Teses 2008, como Orientador de Renato Cesar Möller pela tese *A Fera de Macabu - memórias de um crime, uma pena de morte e uma maldição*. Participou também da organização no *Comitê Científico de las VI Jornadas Internacionales de Representaciones Sociales* e da *IV Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*. Em 2010, atuou como revisor do periódico *Cadernos de Saúde Pública* (ENSP. Impresso) bem como do periódico *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Recebeu o prêmio Medalha 30 Anos FAPERJ - Cientista do Nosso Estado e participou do comitê científico da 10^e *Conférence Internationale sur les Représentations Sociales*.

Sua aposentadoria na UERJ ocorreu em 2011; entretanto, permaneceu como professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS), orientando, pesquisando e publicando. Neste ano, desenvolveu o projeto de pesquisa *A memória em perspectiva psicossocial e na análise de cinquenta anos da história recente do Brasil*, e finalizou o projeto *Análise psicossocial da memória histórica dos Anos Dourados: política, cultura e cotidiano*. Atuou como revisor do periódico “*Pesquisas e Práticas Psicossociais*”. De acordo com D. Oliveira (comunicação pessoal, 2022) o desejo de Celso Sá após a aposentadoria era ir à praia, pescar e aproveitar a vida, entretanto, Denize sabia que ele não conseguiria se afastar da vida acadêmica:

Como eu te falei, o Celso ele se decidiu pela aposentadoria, quer dizer, não foi bem uma decisão, ele chegou na idade máxima de permanência na UERJ que era 70 anos na época, hoje é 75 mas na época era 70 anos. Então o Celso se aposentou e no primeiro ano ele decidiu não continuar a trabalhar academicamente falando. Quer dizer, ele lia e ele escrevia mas não com uma atividade vinculada à universidade. Então no primeiro ano foi uma decisão que ele tomou e eu falei para ele que eu achava que isso não ia dar certo, que ele não ia conseguir cortar o cordão com a UERJ porque a UERJ foi a casa do Celso, acho que de fato consolida o rompimento do Celso com a Marinha foi a UERJ. [...] Então eu falei isso para o Celso, eu acho que você não vai

conseguir fazer esse rompimento dessa forma com a UERJ. Ele não se desligou do programa mas ele se afastou do programa de pós graduação nesse primeiro ano, ele ficou exatamente um ano sentadinho aqui no escritório dele e assim, eu chegava e eu saía, e eu continuei trabalhando, então eu chegava e eu saía e via ele sentadinho aqui lendo e escrevendo e tal. Bom, depois de um ano mais ou menos foi um ano letivo, e aí ele chegou para mim e disse, De fato, eu tenho que voltar para a UERJ. (D. Oliveira, comunicação pessoal, 2022)

Retornando à Uerj, Celso continuou com suas orientações. Em 2012, participou da organização do Comitê Científico da XI Conferência Internacional sobre Representações Sociais e atuou como membro do corpo editorial do periódico “Psicologia e Saber Social”. Já em 2013 foi homenageado como Presidente de Honra da XII Conferência Internacional sobre Representações Sociais da qual também participou do comitê científico

Em 2015, reúne suas principais produções ao longo de quase quarenta anos de contribuição à psicologia. Publicado em 2015 pela EdUERJ, o livro *Estudos de psicologia social: história, comportamento, representações e memória* reúne as diferentes contribuições de seu pensamento ao longo de sua vida. Neste mesmo ano, foi um dos idealizadores e primeiro presidente da Associação para o Desenvolvimento da Psicologia Social (ADEPS), criada em 2015. Sua concepção da Psicologia Social foi apontada em duas máximas:

Meu interesse pela questão deriva da convicção de que, ao mesmo tempo que não se faz psicologia social apenas com a psicologia - como meu colega (e ex-aluno) R.Vieiralves gosta de dizer -, também não se pode fazê-la, sem a psicologia, como eu aprendi com meu antigo professor e orientador E. Schneider. (Sá, 2015, pp. 283-284)

De acordo com Jacó-Vilela (2016) Celso Sá após sua aposentadoria, esperar receber o título de Professor Emérito da UERJ, devido a seus quase 50 anos de contribuição à universidade. Todavia, Celso Sá faleceu antes de receber este título. Sua morte ocorreu no Rio de Janeiro, sua cidade natal, no dia 7 de maio de 2016. O título só lhe foi concedido em....., recebido na ocasião por seu filho Helio Bustamante de Sá.

Ao longo de sua vida, Celso estabeleceu com quem esteve próximo uma relação duradoura e de profunda amizade, tal como ficou registrado nas entrevistas realizadas. Para isto contribuíram as idas a bares após longos expedientes de estudos ou viagens durante as férias:

Acho que a minha vida com o Celso sempre foi muito assim... nem dá para dizer que foi fácil, foi algo mais profundo do que isso, convivi com ele por muitos anos e sempre fui muito próximo dele por razões pessoais, também. Era uma relação a nível pessoal, não estou nem falando de academia, mas de viajar juntos, passar férias juntos. Era um pai acadêmico para mim e a nível pessoal quase como um segundo pai; quando eu precisava de conselho conversava com ele, quando ele precisava de companhia para alguma coisa de saúde e a esposa não estava, ele me ligava e eu ficava com ele. Não dá nem para dizer como foi, não sei se está dando para entender, não é uma questão de como foi, era mais profundo do que isso. (R. Wolter, comunicação pessoal, 2022)

Finalizamos este capítulo com um dos relatos de R.Vieiralves, acerca da relação de Celso Sá com ele e Renato Möller, o qual considerava seus filhos afetivos:

Porque tinha uma coisa também que hoje antes de falar contigo eu estava pensando: como o Celso era muito reservado na vida privada e eu e o Renato tínhamos uma postura muito pouco invasiva sobre a vida privada do outro e o próprio Renato é muito reservado na vida privada e eu também, eu acho que isso nos permitiu uma relação de muita intimidade e de nenhuma invasão e uma convivência harmoniosa e tranquila, porque a gente não passava o Rubicão, se quisesse contar algo da vida pessoal ele que tinha que contar [...] havia um terreno de profunda amizade e ao mesmo tempo de nenhuma invasão, a gente se conhecia, eu, ele e o Renato, então ninguém passava o ponto que não devia e ao mesmo tempo quando ele contava a gente sabia manter a discrição necessária e o silêncio do segredo que dois amigos guardam, inclusive tem um texto fabuloso do Søren Kierkegaard, chamado O Banquete, uma das iguarias servidas nesse banquete de amigos é o segredo que os amigos guardam, e isso me lembrava muito dessa relação pessoal e afetiva com o Celso e com o Renato. (R.Vieiralves, comunicação pessoal, 2022)

3 CONTRIBUIÇÕES DE CELSO SÁ NA TRS

O capítulo anterior, sobre a Biografia de Celso Pereira de Sá e sua relação com a TRS, possibilitou uma compreensão da trajetória de vida de Celso Sá, bem como da sua aproximação com a Teoria das Representações Sociais. Pretende-se, neste capítulo, compreender sua vinculação com a TRS a partir de suas produções na área. Para tanto, analisamos seu acervo pessoal, sua biblioteca e sua produção bibliográfica, buscando os caminhos pelos quais tornou-se referência nacional e internacional no campo. Reforça-se que, apesar da dimensão de sua produção e do seu acervo, o foco é exclusivo ao material relacionado com o campo das representações sociais, sem renunciar às relações estabelecidas por Celso Sá entre a TRS e outras áreas de conhecimento. Seguiremos, portanto, com uma apreciação de sua biblioteca, seguida de uma análise de suas produções a partir do currículo Lattes dedicando-se aos caminhos de investigação dos diversos temas de estudo, bem como, a documentação que consta em seu acervo pessoal no Laboratório Clio-Psyché.

3.1 Os interesses teóricos de Celso Sá – Uma construção a partir de sua biblioteca

A biblioteca foi doada ao Laboratório Clio-Psyché por sua viúva, Denize Oliveira, após a morte de Celso Sá, em 2016. Seguindo as diretrizes do laboratório, sua biblioteca foi organizada como “Acervo Celso Sá”, e catalogada como parte da Biblioteca CEH-E – Clio-Psyché, da Rede Sirius – Rede de Bibliotecas UERJ, e encontra-se disponível para consulta no laboratório.

À primeira vista, encontramos os mais diferentes títulos e temáticas, algo que se confirmou após termos re-catalogado os livros de acordo com o interesse desta pesquisa. Isto porque a catalogação da biblioteca não nos fornecia informações precisas sobre “assunto”, o que era de nosso interesse particular. Os dados foram dispostos no software Microsoft Excel, o qual permite criar tabelas, calcular e analisar dados. Após a análise dos dados, verificou-se a presença de 367 livros, em 5 idiomas, em um total de 37 áreas do conhecimento.

Dentre os livros, encontramos os seguintes idiomas: Português (231); Espanhol (70); Inglês (54); Francês (11); Italiano (1). Já as áreas de conhecimento, encontramos obras de

diferentes campos das Ciências Humanas e Sociais, além de diferentes sub-áreas da psicologia, como pode ser visto no quadro abaixo:

Avaliação psicológica	1	Personalidade	6
Behaviorismo	52	Política	1
Biografia	1	Psicanálise	6
Ciência	10	Psicobiologia	14
Ciências Sociais	47	Psicologia	12
Cognitivismo	13	Psicologia da Aprendizagem	11
Comunicação	2	Psicologia da Educação	1
Cultura	2	Psicologia do Desenvolvimento	7
Direitos humanos	2	Psicologia do Trabalho	3
Educação	9	Psicologia econômica	2
Emoções	1	Psicologia experimental	10
Enfermagem	1	Psicologia Jurídica	2
Esporte	2	Psicologia política	3
Filosofia	10	Psicologia Social	81
Geografia	1	Psicopatologia	1
História	8	Psiquiatria	4
História da Psicologia	13	Representações Sociais	11
Linguagem	5	Saúde Coletiva	5
Literatura	2		
Motivação	5		

De acordo com os dados acima, as categorias com maior número de livros foram as de Psicologia Social, com 81 livros; o Behaviorismo, com 52 livros e Ciências Sociais, com 47 livros. Outras sub-áreas apresentam um volume significativo, tais como Psicobiologia, com 14 livros; Cognitivismo, com 13 livros; História da Psicologia, com 13 livros; Psicologia, com 12 livros; Psicologia da Aprendizagem, com 11 livros; Representações Sociais, com 11 livros; Ciência, com 10 livros; Psicologia experimental, com 10 livros, e Filosofia, com 10 livros.

Ao considerarmos o volume presente nas subáreas de Psicologia Social, Behaviorismo e Ciências Sociais, optamos por uma apresentação mais detalhada destes dados, por serem parte

importante da trajetória intelectual de Celso Sá.. Entretanto, devido ao recorte da pesquisa, também analisamos os livros da área das Representações Sociais.

O fato da maior concentração de livros ser referente às obras catalogadas como Psicologia Social não é de se estranhar, já que Celso Sá dedicou grande parte de sua carreira acadêmica ao ensino e pesquisa nesse campo. Dentre as obras selecionadas, encontramos publicações que vão desde 1950 até 2015, nos idiomas Português (40); Inglês (22); Espanhol (16) e Francês (3).

A partir dos títulos, verifica-se um volume considerável de obras introdutórias, como por exemplo: *Introducción histórica a la psicología social* (1979), por Luis Buceta; *Psicología social* (1962), por Jack H. Curtis; *Teorías en psicología social* (1974), por Morton Deutsch e Robert M. Krauss; *Theories of social psychology* (1970), por Marvin E. Shaw e Philip R. Costanzo; *A psicología social* (1967), por Jean Maisonneuve; *Psicologia social* (1976), por Jean Stoetzel. . Destacam-se, todavia, obras clássicas, fundantes mesmo deste campo de estudos, como *The handbook of social psychology* (1968-69), por Gardner Lindzey e Elliot Aronson; *An introduction to social psychology* (1967), por William McDougall; *Psicologia social* (1972), por Solomon E. Asch;

Outro destaque deve ser dado aos títulos de importantes autores da Psicologia brasileira, como por exemplo, *Introdução à psicologia social* (1957), de Arthur Ramos, bem como, alguns dos quais conviveram com Celso Sá ao longo da sua trajetória, e do seu colega, *Introdução à psicologia social* (1986), de Helmuth Kruger, e do seu professor, *Psicologia social: cultural, histórica e política* (1978), de Eliezer Schneider.

Em relação às obras catalogadas como Behaviorismo, área a qual Celso Sá se dedicou no início da sua carreira até sua aproximação do campo das Representações Sociais, encontramos publicações que vão desde 1949 até 1999, nos idiomas Português (30); Espanhol (17); Inglês (5). Dentre as obras selecionadas, encontramos diversos autores do campo behaviorista e outros não necessariamente behavioristas, mas que escreveram sobre ou contribuíram para a área. Alguns dos livros encontrados: *A análise do comportamento* (1969), por James Gordon Holland; *Aprendizagem: teoria do reforço* (1972), por Fred S. Keller; *Comportamento* (1972), por Donald E. Broadbent; *El análisis experimental del comportamiento : la contribución latinoamericana* (1974), por Rubén Ardila; *El Conductismo* (1972), por J. B. Watson; *Reflexos condicionados e inibições* (1972), por Ivan Pavlov; *Principios de conducta intencional* (1977), por Edward C. Tolman; entre outros.

Destaca-se, nesta categoria, o volume de obras do behaviorista radical B. F. Skinner, nos idiomas Português (10), Espanhol (4) e Inglês (2), totalizando 16 obras do autor, dentre as

quais: *Contingencias de reforzamiento : un análisis teórico* (1979); *La conducta de los organismos: un análisis experimental* (1975); *Beyond freedom and dignity* (1971); *Reflections on behaviorism and society* (1978); *O comportamento verbal* (1978); *Sobre o behaviorismo* (1982).

Já as obras que categorizamos como de Ciências Sociais – que demonstram o caráter interdisciplinar da abordagem de Celso Sá -, apesar da diversidade dos títulos, concentram-se em grande parte no campo da Sociologia e da Antropologia. Encontramos publicações que vão desde 1943 até 2008, nos idiomas Português (31); Espanhol (8); Inglês (7); Francês (1). Dentre elas, há autores de referência para estas áreas, tais como: *Sociologia do conhecimento* (1974), por Karl Mannheim; *O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização* (1978), por Darcy Ribeiro; *Teoria e pesquisa em sociologia* (1964), por Donald Pierson; *El crisantemo y la espada: patrones de la cultura japonesa* (1946), por Ruth Benedict; entre outros.

Ao analisarmos os livros no campo das representações sociais, encontramos um total de 11 livros, todos em português, sendo grande parte de autoria de outros autores. De autoria do próprio Celso, há 2 livros: *Núcleo central das representações sociais* (1996); *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais* (1998), além da organização de um outro, *Memória, imaginário e representações sociais* (2005) . Os livros de outros autores privilegiam autores brasileiros, tais como: *Mulher e Saúde: representações sociais no ciclo vital* (1997), por Maria Dalva Santos Alves; *Estudos interdisciplinares de representação social* (1998), por Antônia Silva Paredes Moreira e Denize Cristina de Oliveira; *Estudos interdisciplinares de representação social* (2000), por Antonia Silva Paredes Moreira e Denize Cristina de Oliveira; *Representações sociais: teoria e prática* (2001), por Antonia Silva Paredes Moreira; *O lugar feminino na escola: um estudo em representações sociais* (2007), por Daniela B. S. Freire Andrade; *Representações sociais: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas* (2009), por Angela M. O. Almeida e Denise Jodelet – a contribuição de Denise Jodelet nesta obra é a exceção nesta categoria; *Teoria das representações sociais: 50 anos* (2011) por Angela Maria de Oliveira Almeida, Maria de Fátima de Souza Santos e Zeidi Araujo Trindade e *Textos e debates em representação social* (2014), por Edna Maria Querido de Oliveira Chamon, Pedrinho Arcides Guareschi e Pedro Humberto Faria Campos.

O levantamento das obras presentes em sua biblioteca possibilita confirmar o caráter interdisciplinar da trajetória intelectual de Celso Sá, bem como, compreender melhor sua produção. Com base nas categorias selecionadas para análise, aquelas em que há maior quantidade de obras, percebe-se como o behaviorismo, a psicologia social e as ciências sociais sempre foram assunto de grande interesse para ele. Somando-se com as outras categorias

utilizadas na catalogação de seu acervo, reforça-se a heterogeneidade do seu pensamento, bem como sua proposição, sem dúvida aprendida com seu mestre Schneider, de relacionar a Psicologia com outras áreas das Ciências Humanas e Sociais.

3.2 Produção bibliográfica de Celso Sá na TRS

A construção da trajetória intelectual de Celso Sá na TRS, tornou-se possível a partir da análise do seu currículo Lattes e de seu acervo pessoal. Optamos por organizar as informações no software Microsoft Excel, o qual possibilitou reunirmos as produções em TRS. Desta forma, a partir da análise do seu currículo Lattes, encontramos um total de 202 produções e 32 orientações, entre Português, Francês, Inglês e Espanhol, bem como, a participação de mais de 100 autores. Em relação ao seu acervo pessoal, cabe ressaltar a grande quantidade de artigos e capítulos de livro de terceiros, bem como documentos contendo dados de suas pesquisas e certificados sobre a participação em eventos e bancas de defesa; todo o material, apresentado ou não nesta dissertação, encontra-se disponível para consulta no laboratório Clio-Psyché. Segue-se abaixo uma apreciação das produções de Celso Sá no campo das representações sociais.

3.2.1 Contribuições teóricas e metodológicas no campo das representações sociais

Ao longo de sua trajetória intelectual, Celso Sá contribuiu com diferentes tipos de produção, entre livros, capítulos de livro, artigos – para a teoria e metodologia de pesquisa das representações sociais. Suas contribuições neste campo tiveram início em 1989, com a apresentação de um resumo de apresentação feita em congresso, e terminam em 2016, com a publicação de um artigo. Apesar de grande parte das produções serem unicamente de sua autoria, encontramos em diferentes momentos a coautoria com outros autores e autoras, como por exemplo Angela Arruda, Denise Oliveira, Ricardo Vieiralves. Ao acompanharmos sua produção teórica e metodológica no campo das representações sociais, verificamos seu interesse na produção de um material que servisse de fundamento para a construção de pesquisas em TRS, além de outro interesse bem definido, de articular o behaviorismo radical com as representações sociais a partir das práticas socioculturais, e com a teoria da Memória

Social. Em parte, foi através destas produções que Celso Sá alcançou seu reconhecimento como referência no campo das representações sociais.

Como dito acima, sua primeira produção no campo das representações sociais ocorre a partir de um resumo, *Estudos em representações sociais*, resultado de apresentação feita na XIX Reunião Anual de Psicologia, em 1989. Após três anos, produziu o artigo *Representações sociais: modismo ou teoria psicossocial consistente?* (1992), através do qual buscou responder às críticas dirigidas à difusão da TRS no Brasil, acerca do ser um possível modismo passageiro, além de dúvidas sobre sua consistência enquanto teoria psicossocial. Ainda neste mesmo ano, foram publicados outros dois resumos em Anais, do IV Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Anpepp e do First International Conference on Social Representations. Este último é importante por ter sido o primeiro evento de TRS, realizado em Ravello, na Itália, em 1992.

No ano seguinte, 1993, sua contribuição tornou-se mais incisiva ao considerarmos a publicação de um artigo e um capítulo de livro, dentre eles: o artigo *Sobre a circunscrição do conceito de representações sociais* (1993), publicado na revista *Psicologia: Reflexão e Crítica*; e o capítulo de livro, *Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria* (1993), publicado no livro *O Conhecimento no Cotidiano*, o qual introduz a trajetória do conceito de representações sociais, bem como, outros conceitos-chave da TRS. Verificamos a partir destas publicações sua preocupação em explicitar de forma clara a conceituação da teoria das representações sociais e seus conceitos-chave, num momento o qual os pesquisadores do campo ainda precisavam recorrer as leituras estrangeiras.

Já em 1994 publicou um novo artigo, *Sur Les Relations Entre Representations Sociales, Pratiques Socio-Culturelles Et Comportement* (1994), sua primeira publicação em língua francesa, na revista *Papers On Social Representations*, no qual busca estabelecer relações entre as representações sociais, as práticas sócio-culturais e o comportamento, propondo então uma articulação com o behaviorismo radical. Argumenta, a este respeito, que, apesar destas teorias e conceitos pertencerem a distintas correntes de pensamento, se trata aqui de uma liberdade concedida aos autores influenciados por diferentes tradições acadêmicas, ou, em suas palavras, aqueles que sofreram uma “colonização cultural”.

É importante assinalar, aqui, que foi nesta época que publicou a sua primeira produção acerca da teoria do Núcleo Central, ainda um resumo, *Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central*, apresentado na XXV Reunião Anual de Psicologia. Tal como dito anteriormente, a aproximação com o Núcleo Central ocorreu a partir do contato de Celso Sá

com Jean-Claude Abric, que possibilitou que se tornasse um dos principais difusores da teoria no Brasil.

Posteriormente, entre 1995 e 1998, verificamos a presença de outro resumo sobre a teoria do núcleo central, publicado em anais de congressos, *A contribuição da teoria do núcleo central para o estudo comparativo das representações sociais* (1996), publicado na revista *Mente Social*. Mas aqui se destaca a publicação de dois livros: primeiramente o livro *Núcleo Central das Representações Sociais* (1996), o qual como vimos, é carinhosamente chamado por seus alunos e colegas de “livro preto” e configura-se como uma das principais obras de Celso Sá no campo das representações sociais, responsável pela introdução da Teoria do Núcleo Central no Brasil. A este se segue o “livro branco”, intitulado *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais* (1998), direcionado aos alunos de graduação e interessados nas principais perguntas sobre as pesquisas em TRS. Destaca-se também o resumo de apresentação feita na IV Conferencia Internacional sobre las Representaciones Sociales, *La production brésilienne en représentations sociales: considérations générales*, em que divulga a produção brasileira.

Já em 1999 publicou outros dois artigos, a saber: *Práticas socioculturais e comportamento: a propósito de cognições, representações e discursos* (1999), publicado na revista *Série Documenta*, por meio do qual dá continuidade às questões levantadas no artigo em francês de 1994, ainda na esteira da relevância de uma perspectiva comportamental em detrimento de uma perspectiva cognitivista; e *Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central* (1999), publicado na revista *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto), o qual apresenta e discute as contribuições do Grupo de Midi⁹ ao estudo das representações sociais.

No início da década de 2000, encontramos as primeiras tentativas teórico-conceituais de Celso Sá em relacionar o campo das representações sociais com a memória social. Tal como dito anteriormente, essa proposição tem embasamento em uma das pesquisas de Denise Jodelet, a partir das quais Celso Sá procurou estabelecer relações entre o campo da memória e as representações sociais. Encontram-se, entre os anos 2000 e 2002, a produção de um artigo, dois resumos e um capítulo de livro, sendo eles: o artigo *O estudo das representações sociais no Brasil* (2000) publicado na *Revista de Ciências Humanas*, em coautoria de Angela Arruda, que mapeia o estado da arte do estudo das representações sociais no Brasil; o resumo, *Le système central des représentations sociales et la mémoire collective*, apresentado na V Conférence

⁹ O Grupo do Midi consiste num conjunto dos pesquisadores do Sul da França, da região do Mediterrâneo, especificamente de Aix-en-Provence e Montpellier, no campo das representações sociais. Neste grupo foram desenvolvidos trabalhos sob a liderança de Jean-Claude Abric e Claude Flament.

Internationale sur les Représentations Sociales, em 2000, uma das primeiras produções teóricas acerca das relações entre representações sociais e memória social; o capítulo de livro, *Le système central des représentations sociales et la mémoire collective* (2002), em coautoria com Denize Oliveira, em que os autores refletem sobre a investigação que ocorreu depois do resumo publicado dois anos antes; e o resumo, *Memória, esquecimento e representações sociais*, apresentado no IX Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP, em 2002, com coautoria de Ricardo Vieiralves de Castro.

No ano seguinte, em 2003, acompanhamos mais duas produções de Celso Sá, ambas buscando um aprofundamento do campo das representações sociais, sendo essas um capítulo de livro e um trabalho completo. O capítulo de livro *A estrutura das representações sociais e a memória coletiva* (2003) continua investigando as inter-relações entre memória e RS. Por outro lado, o trabalho completo intitulado *As representações sociais entre a filosofia e a psicologia social*, apresentado no V Encontro de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Representações Sociais, aponta para o interesse básico de Celso Sá na interdisciplinaridade.

Entre 2004 e 2005, produziu um livro e um trabalho completo, ambos na relação entre representações sociais e memória social, sendo estes: o trabalho completo, *The Role of Communication in the Construction of Social Memory and Social Representations*, apresentado no 10th. International Summer School on Communication Studies and Social Representations, em 2004; e o livro, *Memória, imaginário e representações sociais* (2005), que decorre das conferências e mesas-redondas realizadas na III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2003. Organizado por Celso Sá, o livro conta com capítulos sobre o campo da memória social e da noção de imaginário social, ambos articulados com o campo das representações sociais.

Posteriormente, entre 2007 e 2009, acompanhamos a produção de um capítulo de livro, e um artigo, a saber: o capítulo de livro, *As representações sociais na história recente e na atualidade da Psicologia Social* (2007) por meio do qual estabelece a história da TRS até seu momento de inserção em território brasileiro; o artigo, *A pesquisa das representações sociais pode nos enganar* (2008) publicado na revista Educação e Cultura Contemporânea, no qual examinou algumas das dificuldades presentes na pesquisa empírica conduzida no domínio das representações sociais, buscando a construção de pesquisas mais consistentes.

Já nos últimos anos da sua produção intelectual, entre 2011 e 2015, publicou um capítulo de livro, um resumo, um artigo e um livro, a saber: o capítulo de livro, *Sobre o pensamento social e sua gênese: algumas impressões* (2011), acerca da suas primeiras impressões sobre o livro de Moscovici e as relações que estabeleceu com o behaviorismo radical; o resumo,

Afinidades entre memórias e representações sociais, apresentado na VII Jornada Internacional e V Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2011; o artigo, *As relações entre representações e práticas: o caminho esquecido* (2013), publicado na Revista Internacional de Ciencias Sociales y Humanidades, com coautoria de Rafael Moura Coelho Pecly Wolter, o qual busca apresentar as contribuições do grupo de Midi acerca das relações entre representações sociais e práticas; e o último livro publicado por Celso Sá, *Estudos de psicologia social: história, comportamento, representações e memória* (2015), onde reuniu suas principais produções nos campos da história da Psicologia Social, Behaviorismo Radical, Representações Sociais e Memória Social.

Apesar de não listado em seu currículo Lattes, encontramos no levantamento de dados desta pesquisa um artigo de Celso Sá, provavelmente a sua última produção, acerca do seu contato com a escola Aix e com Jean-Claude Abric, a saber, o artigo, *A Brazilian Way of Looking at the Aix Social Representations School of Thought* (2016) publicado na Papers on Social Representations.

A partir da documentação existente em seu acervo pessoal, foi possível verificar a dedicação de Celso Sá à compreensão da TRS por meio de suas anotações e fichamentos de textos. São muitos fichamentos de livros diversos dos principais autores do campo das representações sociais, dentre os quais, Serge Moscovici, Jean-Claude Abric, Claude Flament, Willem Doise, Robert M. Farr, etc. Também encontramos no seu acervo pessoal documentos referentes a palestras e conferências, entre eles algumas apresentações de slides acerca da TRS para apresentação em programas de pós-graduação ou eventos. Outro tipo de documentação encontrada em seu acervo pessoal inclui seus cursos, planos de aula e provas. Há provas sobre Memória e Representações Sociais e diversos programas da disciplina "Teoria das Representações Sociais" para o Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ.

3.2.2 Formando especialistas em representações sociais: As orientações de Celso Sá

Conforme o currículo lattes de Celso Sá nos mostra, bem como seu Acervo pessoal, em que encontramos cópias de dissertações e teses, ele orientou 23 dissertações de mestrado, 15 teses de doutorado, 2 supervisões de pós-doutorado, além de ter orientado 4 trabalhos conclusão de curso de graduação e outros 4 de Iniciação científica. Estes últimos números nos parecem equivocados, porque diversos colegas de Celso Sá relatam que sempre havia estudantes de

graduação em sua equipe. Levantamos a hipótese de que talvez estes alunos, por algum motivo, não tenham tido seus nomes lançados no Lattes, tal como verificamos com as supervisões de pós-doutorado¹⁰ de Denize Cristina de Oliveira (1999-2001) e Rafael Moura Coelho Pecly Wolter (2009-2010).

As orientações de Celso Sá tiveram início na década de 1990 e desde o começo inseriram-se no campo das representações sociais. Durante os anos de 1990 e 1997, as orientações ocorreram em duas instituições onde atuava: Fundação Getúlio Vargas e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. De 1988 até 2015, as orientações, sejam trabalhos de conclusão de curso, dissertações ou teses, ocorreram na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A maior parte das orientações foram apresentadas por seus autores em eventos sobre representações sociais; mas observou-se que apenas uma pequena parcela transformou-se em artigos ou capítulos de livro. Entretanto, verificamos a participação dos orientandos em outras pesquisas de Celso Sá, como por exemplo, sobre a socialização acadêmica e sobre a memória social dos anos dourados.

Suas primeiras orientações ocorreram nos Mestrados da Fundação Getúlio Vargas, a saber: *Mãe-de-aluno, quem é você? Ou mães-de-aluno: papéis sociais e representações da escola pública*, por Bela Malvina Szajdenfisz no Mestrado em Educação, em 1990; e *O jogo dos papéis e representações sociais na universidade: o estudo de um caso*, por Solange de Oliveira Souto no Mestrado em Psicologia, em 1990.

Como dito acima, verificamos a participação de seus orientandos em outras produções e pesquisas de Celso Sá, e no caso de Solange de Oliveira Souto, houve uma parceira constante nas suas produções bibliográficas até o final da década de 1990, em especial nas pesquisas sobre a socialização do saber acadêmico e representações sociais do mundo do trabalho por estudantes e profissionais brasileiros e portugueses.

Realizou, neste período, outras duas orientações no Mestrado de Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro: a dissertação *Representação social do pecado na igreja batista* por Eneida Thomaz Esteves Mendes e a dissertação *Representações de saúde e doença: algumas reflexões teóricas sobre a diversidade socio-cultural e suas implicações práticas*, por Claudia Ramundo De Brito. Uma importante orientação desta fase na UFRJ é a da tese do Doutorado em Medicina, *Os jovens e a prevenção da Aids no Rio de Janeiro*, por Luiz Fernando Rangel Tura, em 1997. O autor se tornou um importante nome dentre os pesquisadores de TRS.

¹⁰ As supervisões de pós-doutorado foram rememoradas por Denize Oliveira. De acordo com alguns relatos, consta a supervisão de uma professora da Bahia, entretanto, não foram encontradas referências ao seu nome.

A partir de 1998, as orientações ocorreriam exclusivamente na UERJ, seja através do curso de graduação em Psicologia ou por meio do (então) Mestrado em Psicologia e Práticas Sócio-Culturais (hoje Programa de Pós-graduação em Psicologia Social). Inicialmente foram duas dissertações sobre as representações sociais dos moradores de rua, a saber: *Aconteceu, aí eu deixei vir: a representação social da gravidez em meninas de rua*, por Claudia Rabello de Castro, em 1998 e *A maioria e o ser adulto na representação de adolescentes em situação de rua*, por Luciene Alves Miguez Naiff, em 1999. Ambas as orientações renderiam novas produções, como veremos abaixo, bem como uma longa relação de amizade e pesquisa entre Celso Sá e Luciene Alves Miguez Naiff.

Ainda no ano de 1999, orientou a dissertação *As representações sociais de doente mental por seus familiares*, por Danielle Leal Caldas. Essa dissertação resultou na apresentação de um resumo na Jornada Internacional sobre Representações Sociais, em 1998, e um capítulo de livro *A representação social de doente mental entre familiares de pacientes de dois modelos distintos de atenção à saúde mental*, em 2004.

No começo da década de 2000, orientou a dissertação *O sofrimento psíquico e suas representações em comunidades carentes*, por Deonício dos Santos Benvindo, que resultou em um resumo apresentado no 10º Encontro Nacional Da Associação Brasileira De Psicologia Social, em 1999, bem como *As representações sociais do ato infracional de adolescentes em conflito com a lei, em São Luís do Maranhão*, por Núbia da Luz Martins Gomes, a qual possibilitou a apresentação de um resumo e um trabalho completo, o primeiro apresentado na XXXI Reunião Anual de Psicologia, em 2001, e o segundo, apresentado na III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2003. Ainda no mesmo ano, orientou na graduação em Psicologia o que seria seu primeiro trabalho de conclusão de curso: *Representações sociais, loucura e reforma psiquiátrica*, por Lívia Antunes Prado. Apesar desta orientação não desembocar em novas produções, verifica-se a participação de Lívia Antunes Prado em produções sobre a Memória Social do descobrimento do Brasil, ou seja, tornou-se membro da equipe de pesquisas do prof. Celso.

Entre os anos de 2004 e 2006 orientou duas dissertações e uma tese, a saber: a dissertação *A qualificação do trabalhador: um estudo em representações sociais no contexto da formação profissional*, por Anne Meller, em 2004. Esta orientação resultou na apresentação de um resumo na III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais; a tese de uma ex- mestranda, *A retórica em torno do Estatuto da Criança e do Adolescente: um estudo sobre as representações sociais de profissionais de assistência em Campos dos Goytacazes*, por Claudia Rabello de Castro, em 2005; e a dissertação *A Polícia*

Militar e a sociedade, na representação social dos policiais militares no Rio de Janeiro, por Alexandra Valéria Vicente da Silva, em 2006. Esta última orientação foi apresentada na IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2005, com resumo publicado em Anais.

Já em 2007, orientou uma tese e um trabalho de conclusão de curso, a saber: a tese *Memórias e representações sociais de Cuiabá e da sua juventude por três gerações na segunda metade do século XX*, por Ana Rafaela Pecora. Esta orientação, além de gerar resumos e trabalhos completos apresentados em eventos, também possibilitou um artigo *Memórias e representações sociais da cidade de Cuiabá, ao longo de três gerações* (2008), publicado na revista *Psicologia: Reflexão e Crítica*.

Já o trabalho de conclusão de curso *Câncer e representação social: um passeio pelos indexadores bibliográficos*, por Renata Vetere, desembocou em outras orientações, tais como: a dissertação de Renata *O câncer e sua representação social: do diagnóstico à sobrevivência* em 2009, e a tese *A prática e a representação social do tabagismo entre fumantes, ex-fumantes e não-fumantes* em 2015. A partir destas orientações, originaram-se dois resumos: o primeiro apresentado na IV Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2009; e o segundo, apresentado na VII Jornada Internacional e V Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2011. A participação de Renata Vetere em pesquisas de Celso Sá já ocorria dois anos antes da orientação do trabalho de conclusão de curso, por meio da iniciação científica na pesquisa acerca da Análise psicossocial da memória histórica de regimes políticos brasileiros

Durante o ano de 2008, orientou duas dissertações e uma tese, as quais possibilitaram a elaboração de resumos, trabalhos completos e artigos, dentre elas: a dissertação *Representações sociais e reconstrução da identidade de cabo-verdianos no Rio de Janeiro: estudantes, imigrantes e descendentes*, por Maria de Fátima Carvalho Alves; e a dissertação *Práticas e representações sociais do trabalho em equipe na Marinha do Brasil*, por Aurora Telles Herkenhoff. A partir destas orientações, elaboraram-se resumos apresentados na V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2007.

Também consta a orientação da tese *A representação social da união estável na classe média do Rio de Janeiro*, por Patrícia Piedade Ennes. Com esta orientação verificamos a elaboração de diferentes tipos de produção, como por exemplo: um trabalho completo apresentado na IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2005; o artigo, *A união estável e suas implicações na vida cotidiana* (2006), publicado na Revista Polêmica; outros dois trabalhos completos, apresentados no XIV Encontro Nacional da ABRAPSO, em 2007; um resumo apresentado na V Jornada Internacional e III

Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2007; e um resumo apresentado na IV Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2009.

No ano seguinte, em 2009, orientou o trabalho de conclusão da graduação em Psicologia da UERJ *A representação social da mulher solteira no mundo feminino*, por Ingrid Cristina Lúcio dos Santos. A partir desta orientação, foi possível a apresentação de um resumo na VII Jornada Internacional e V Conferência Brasileira sobre Representações, em 2011. Ingrid dos Santos continuou sob a orientação de Celso Sá no mestrado, onde realizou a dissertação *Antes só do que mal acompanhada: um estudo sobre a representação social da mulher solteira no mundo feminino*, em 2012.

Já em 2010, orientou a dissertação *Representações sociais da reserva de vagas para negros no ingresso na Universidade*, por Sônia Chaves Costa. A partir desta orientação, surgiram dois resumos: o primeiro apresentado na VII Jornada Internacional e V Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2009; e o segundo apresentado na VII Jornada Internacional e V Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2011.

Neste período, também orientou a tese *O Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso: memórias e representações sociais*, por Iraneide de Albuquerque Silva. Tal como as outras orientações, essa também rendeu alguns resumos, como por exemplo: um resumo apresentado na V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2007; e um resumo apresentado na IV Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2009.

Ainda no mesmo ano, orientou a tese, *Representações sociais da qualidade de vida no trabalho*, por Izabela Maria Rezende Taveira. Essa orientação também rendeu algumas produções, como por exemplo: um resumo apresentado na IV Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2009; um resumo apresentado na VII Jornada Internacional e V Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2011; e dois trabalhos completos apresentados na XII Conferência Internacional sobre Representações Sociais, em 2014.

No começo da década de 2010, orientou a tese *A construção da representação social de hierarquia na Força Aérea Brasileira*, por Marta Maria Telles; A partir desta orientação, surgiram a produção de três resumos: o primeiro apresentado na IV Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2009; e dois resumos apresentados na VII Jornada Internacional e V Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2011. Outra dissertação e duas outras teses também foram apresentadas, e tiveram seus resumos em Anais na VII Jornada Internacional e V Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2011: a dissertação *Representações sociais e práticas dos psicólogo no Programa DST/AIDS*

no Rio de Janeiro, por Aline Passeri Dias; a tese *A teoria da evolução de Charles Darwin e sua representação social contemporânea*, por Fernanda Cândido; e a tese *Chico Xavier e o mundo dos espíritos: um estudo de representações sociais*, por Tiago Paz e Albuquerque. Mesmo não havendo outras produções a partir da orientação de Aline Passeri Dias, sua participação foi constante nas produções sobre a Memória Social dos Anos Dourados. Também consta a sua colaboração na formação do último livro publicado por Celso Sá.

No ano seguinte, em 2014, orientou a dissertação *Representações sociais das Unidades de Polícia Pacificadora em um bairro e suas favelas*, por Karen Sibila Stroebel Moreira Weimer. Essa orientação rendeu apenas um resumo apresentado, no mesmo ano, na XII Conferência Internacional sobre Representações Sociais. Verificamos em seu currículo Lattes que a orientanda Karen Stroebel iniciou seu doutorado com o Celso Sá, entretanto, tendo em vista seu falecimento, terminou sua tese *Memória e esquecimento social: a comissão nacional da verdade do Brasil*, em 2019 sob a orientação de Denize Oliveria.

Uma de suas últimas orientações ocorreu em 2015, que resultou na tese *A inovação e sua representação por servidores da carreira de gestão, planejamento e infraestrutura em ciência e tecnologia*, por Helenice Feijó de Carvalho, que teve um resumo apresentado na VII Jornada Internacional e V Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2011.

Verificamos, após discorrer acerca das suas orientações, um volume considerável originada no Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ, Programa idealizado por Celso Sá, que foi seu primeiro Coordenador, bem como algumas orientações anteriores. Estas orientações possibilitaram a formação de diversos pós-graduandos com pesquisas em representações sociais, os quais tal como Celso Sá, ao realizar sua formação sob a orientação de Schneider, puderam dar continuidade ao campo como pesquisadores e/ou professores da área.

Objetivando compreender as novas formações no campo das representações sociais a partir das orientações de Celso Sá, realizamos um levantamento utilizando como fonte o currículo Lattes de seus 40 orientandos, buscando verificar, entre suas orientações de trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e iniciação científica, aquelas específicas em representações sociais. Os dados coletados estão apresentados na Tabela 1, abaixo.

Tabela 1 – Orientações de ex-orientandos de Celso Sá

ORIENTANDOS CELSO	FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÕES
Denize Cristina de Oliveira	PD	IES pública	96
Luciene Alves Miguez Naiff	M&D	IES pública	38
Denis Giovani Monteiro Naiff	D	IES pública	25
Rafael Moura Coelho Pecly Wolter	PD	IES pública	18
Ana Rafaela Pecora	D	IES pública	17
Renata Vetere	M&D	IES privada	13
Luiz Fernando Rangel Tura	D	IES pública	10
Izabela Maria Rezende Taveira	D	IES pública	9
Claudia Rabello de Castro	M&D	IES privada	3
Iraneide de Albuquerque Silva	D	IES pública	2
Marisa dos Santos Viale	M	IES pública	1
Elaine Teixeira Rabello	M	IES pública	1
Fernanda Cândido	D	IES pública	1

Fonte: currículos lattes dos orientandos

A partir do levantamento de dados, encontramos 13 orientandos de Celso Sá que atuam em IES pública (11) e IES privada (2). Seus orientandos, em conjunto, realizaram um total de 234 orientações em representações sociais, sendo 68 de iniciação científica, 21 trabalhos de conclusão de curso, 108 dissertações, 35 teses e 2 pós-doutorados. Ou seja, seguindo o caminho de Celso Sá, seus orientandos que atuam em instituições de ensino dedicam-se tanto à orientação na graduação quanto na pós-graduação.

Verificamos a presença de parte dos nossos entrevistados entre os cinco ex-orientandos com maior número de orientações, bem como, a presença de outros orientandos que estiveram mais próximos de Celso Sá em suas publicações, como por exemplo, Ana Rafaela Pecora, Renata Vetere e Luiz Fernando Rangel Tura. Parece, pois, ter havido uma relação de influência mútua entre os contatos na vida acadêmica e o número conjunto de produções.

3.2.3 Behaviorismo Radical e TRS – As Representações Sociais da escola pública em uma favela do Rio De Janeiro

Como dito anteriormente, as primeiras produções de Celso Sá anteriores ao seu interesse pelas representações sociais, encontram-se inseridas no behaviorismo radical, em especial, na noção de controle e contracontrole. Este viés está presente em um trabalho que, ao buscar compreender as representações sociais da escola pública em uma favela do Rio de Janeiro, articula as contribuições deste campo com a TRS. .

Esta pesquisa, com a coautoria de Renato Cesar Möller e Ana A. Medeiros, resultou na apresentação de um trabalho no III Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico e o artigo dele derivado, *Contracontrole social na educação: representações sociais da escola pública em uma favela do Rio de Janeiro* (1990) foi publicado na revista Fórum Educacional.

Ao investigar as relações de controle e contracontrole em escolas públicas localizadas do Rio de Janeiro, Sá et al. (1990) utilizam a análise conceitual das representações sociais em detrimento a uma perspectiva cognitiva ou mesmo uma interpretação teórica em termos comportamentais. A partir dos fundamentos teóricos de S. Moscovici e D. Jodelet, as representações sociais são estabelecidas como uma forma de saber do senso comum, a qual surge a partir das interações verbais. Desta forma, buscando a compreensão do comportamento verbal, ou seja, o que dizem os professores, alunos, pais de alunos e outras pessoas envolvidas sobre a escola e a educação, utiliza-se das representações sociais como forma de se compreender o significado da escola na vida dos moradores da Favela Santa Marta. A pesquisa consistiu em entrevistas livres, as quais após transcritas, foram submetidas a uma análise qualitativa de conteúdo de tipo temático, e a partir da presença ou ausência de determinado tema, os mesmos puderam ser sintetizados sob a forma de representações sociais distintas.

Estas produções configuram-se como a primeira tentativa de Celso Sá de uma articulação entre o Behaviorismo Radical e as Representações Sociais; entretanto, isto não aparece de forma explícita nos títulos de outros trabalhos, embora uma perspectiva skinneriana continue presente em muitas de suas análises.

3.2.4 A socialização do saber acadêmico

A produção acerca da socialização do saber acadêmico configura-se como a primeira pesquisa resultante num maior número de produções no campo das representações sociais. Essas produções buscam, utilizando a TRS como base, analisar o processo de socialização do

conhecimento científico junto à população do Rio de Janeiro, por meio da divulgação científica nos meios de comunicação de massa, e com isso, estabelecer a formação e transformação das representações sociais do conhecimento científico. Essa produção em específico, assemelha-se a pesquisa inicial desenvolvida por Moscovici ao buscar compreender as representações sociais da psicanálise na França.

Elas têm início com a publicação do artigo *Socialização do saber acadêmico: a constituição de um novo senso comum* (1989), publicado na revista Fórum Educacional e de autoria de Celso Sá. A próxima produção ocorre após dois anos, desta vez com a participação de Solange de Oliveira Souto e Renato Cesar Möller, dentre as quais: o trabalho apresentado na XXI Reunião Anual de Psicologia, em 1991. Decorrente desta apresentação, surgem novamente, após dois anos, outras quatro produções com Solange de Oliveira Souto e Renato Cesar Möller, dois artigos e duas apresentações, estas na SBP e na Abrapso. Os artigos *Socialização do saber acadêmico: um estudo sobre a vulgarização do conhecimento científico* (1993) e *Socialização do saber acadêmico: um estudo sobre as relações entre as iniciativas de divulgação científica e seus consumidores* (1993) foram publicados em diferentes edições na revista Psicologia & Práticas Sociais.

Como apontado por Sá et al. (1993a, pp. 23), os artigos caracterizam duas partes do mesmo processo, sendo o primeiro o de "catalogar, descrever e classificar as iniciativas de divulgação do conhecimento científico através dos meios de comunicação de massa acessíveis à população do Rio de Janeiro." e o segundo responsável por compreender "a apropriação em si do saber científico pela população, [...] mais ou menos definidas no seio da população em estudo ou, nos termos da teoria aqui privilegiada, a formação e transformação das representações sociais do conhecimento científico."

Segundo Sá et al. (1993a) o procedimento consistiu na catalogação de 6 jornais e 3 revistas de ampla circulação no Rio de Janeiro, os quais resultaram na análise de matérias publicadas em jornais e matérias de revistas. Sob a rubrica da ciência, os seguintes conteúdos foram considerados na classificação: ciências exatas e da terra; ciências biológicas; engenharias; ciências da saúde. A partir de uma ficha de "registro de matérias de divulgação científica" foram codificadas as matérias publicadas na seção de ciência para posteriormente serem

Já na publicação seguinte, Sá et al. (1993b) exploram a apropriação do conhecimento pelos consumidores por meio da análise de conteúdo de depoimentos produzidos e encaminhados aos veículos de comunicação, também conhecidos como "cartas de leitores". O material foi submetido à técnica de análise de conteúdo qualitativa, categorial, de tipo temático

embasada nas contribuições de Laurence Bardin. Entretanto, embora essa aproximação solicite um contato mais direto com os consumidores, Sá et al. (1993b, pp. 35) reforçam que "os dados já coletados parecem permitir uma reflexão problematizada das possibilidades e limitações da divulgação científica na constituição de representações razoavelmente estruturadas da ciência entre seus leitores/espectadores."

Suas últimas produções, ambas com coautoria de Solange de Oliveira Souto e Renato Cesar Möller, ocorreram a partir da apresentação de um trabalho durante a 2ª Conferência Internacional sobre Representações Sociais, em 1994, o qual resultaria no artigo *La Representation Sociale de la science par des consommateurs et par des non-consommateurs de la vulgarisation Scientifique* (1996), publicado na revista *Les Cahiers Internationaux De Psychologie Sociale*.

Em seu acervo pessoal, encontramos um grande volume de dados referentes à pesquisa da socialização do conhecimento acadêmico, como por exemplo um quadro descritivo com a catalogação dos dados coletados na pesquisa. Entendemos que este material, por si só, é fonte importante para novas investigações das produções de Celso Sá num período inicial da sua carreira nas representações sociais.

3.2.5 As Representações Sociais e a Memória Social de fatos históricos

A partir da década de 1990, acompanhamos a aproximação de Celso Sá do campo da Memória Social, em articulação com as representações sociais. Desta forma, é constante a presença de representações sociais nos trabalhos de Memória Social de fatos históricos, tais como, o descobrimento do Brasil, os regimes políticos brasileiros — a Era Vargas, os Anos Dourados e o Regime Militar.

As primeiras publicações ocorreram em 1994, a partir das produções em coautoria com Jorge Manuel Vala Salvador e Renato Cesar Möller, acerca do descobrimento do Brasil. Verificamos neste período a presença de dois resumos apresentados na 2ª Conferência Internacional sobre Representações Sociais, em 1994. Decorrente destes resumos, ocorreu a publicação de um artigo dois anos depois, *Memória social, representações e atribuição causal: um estudo comparativo sobre o quinto centenário de 1492* (1996), publicado na *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Uma nova publicação ocorreria apenas quatro anos depois, em 2000, um capítulo de livro, *Representaciones sociales del pasado: los descubrimientos de América y*

de Brasil (2000), desta vez com coautoria apenas de Jorge Manuel Vala Salvador. Neste texto, os autores buscam estabelecer a Memória Social como representações sociais do passado.

Ainda nos anos 2000, verificamos a produção de outros três resumos, ainda sobre a temática acima, porém, apenas com a participação de pesquisadores brasileiros. Os resumos foram apresentados nos seguintes eventos: no VIII Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico com coautoria de Angela Arruda e Pedrinho A. Guareschi; na V Conférence Internationale sur les Représentations Sociales, com coautoria de Denize Cristina de Oliveira e Renato Cesar Möller; e na XXX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, com coautoria de diversos autores.

Entre os anos de 2001 e 2005, acompanhamos as últimas publicações acerca das representações sociais e memória social do descobrimento do Brasil, a saber: dois resumos apresentados na XXXI Reunião Anual de Psicologia, em 2001; o artigo, *Representações sociais vivas do descobrimento do Brasil: A memória social atualizada de brasileiros e portugueses* (2003), publicado na revista Psicologia (Lisboa); e o capítulo *Representações sociais vivas do descobrimento do Brasil: A memória social atualizada de brasileiros e portugueses* (2005) no livro que reúne estas pesquisas, *Memórias do descobrimento do Brasil* (2005).

Nestas publicações, de acordo com Moller, Sá e Bezerra (2003, pp. 406) objetivou-se a comparação entre a memória social de portugueses e brasileiros acerca do descobrimento do Brasil, sendo estes estados da memória "descritos em termos de "representações sociais vivas", ou seja, aquelas actantes nas duas populações por ocasião mesmo da comemoração do quinto centenário." A coleta de dados consistiu na aplicação de questionários, contendo questões abertas e fechadas, em sujeitos acima de 18 anos residentes em Lisboa e em cinco regiões do Brasil. Os resultados indicam que apesar dos aspectos negativos decorrentes da comemoração do quinto centenário do descobrimento, verifica-se uma tendência por parte dos entrevistados em estreitar as relações entre as duas populações.

A partir de 2005, surgem as produções decorrentes da pesquisa sobre a Memória Social da Era Vargas e do Regime Militar¹¹, a saber, os cinco trabalhos completos apresentados na IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais. Outras publicações sobre esta temática surgem apenas dois anos depois, entre 2007 e 2009, dentre as quais: três resumos apresentados na V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais em 2007; e um artigo, *A memória histórica do Regime Militar ao longo*

¹¹ A referência ao período como "regime militar" é uma terminologia utilizada por Celso Sá.

de três gerações no Rio de Janeiro: sua estrutura representacional (2009) publicado na revista Estudos de Psicologia).

Nesta publicação, de acordo com Sá et al. (2009), acompanhamos a descrição de conteúdos das memórias históricas do Regime Militar construídas por três grupos etários, seguido de uma análise comparativa e identificação das diferenças que existem no âmbito de cada grupo em função do nível de escolaridade e da orientação política dos seus componentes. O trabalho articula três proposições conceituais e teóricas, a saber: o problema sociológico das gerações, conforme Karl Mannheim, a memória coletiva, segundo Jedlowski, e a abordagem estrutural de Jean-Claude Abric. A coleta de dados consistiu na aplicação de um questionário composto por perguntas fechadas e abertas, seguida por uma tarefa de evocação ou associação livre de palavras, associadas ao termo indutor "Regime Militar", respostas que foram tratadas a partir do software Ensemble de programmes permettant l'analyse des évocations (EVOC).

Entre os anos de 2009 e 2013, verificamos as publicações referentes à Memória Social sobre Juscelino Kubitschek e os Anos Dourados, os quais consistem nas últimas publicações de memória social de fatos históricos. Neste período, houve a apresentação de cinco resumos na IV Conferência Brasileira sobre Representações Sociais em 2009, dois resumos apresentados na 10e Conférence Internationale sur les Représentations Sociales em 2010, e a publicação de um capítulo de livro, *A memória dos Anos Dourados, entre representações sociais e história* (2013).

Em seu acervo pessoal, uma das pastas possuía na lombada o título, Memória Social, onde se encontram diferentes documentos, como publicações de terceiros (5), anotações (2) e cursos/planos de aula (1). As publicações de terceiros reúnem textos que estabelecem relações entre as representações sociais e a memória, a saber: o capítulo, How the past weights on the present: Social representations of history and their role in identity politics, por James H. Liu, de 2004; o artigo A two-culture of the historical anchoring and priming of public opinion: The additive effects of culture specific symbols on intergroup relations, por James H. Liu & Sibley, de 2004; o verbete Représentation sociale, por Denise Jodelet, de 1991; o artigo Relations sociales, Représentations Sociales et Mémoire, p de D. Páez, P. Insua e A. Vergara; e o capítulo de livro, Representaciones Sociales del pasado. Los "Descubrimientos" de América y de Brasil, por Jorge Vala e Celso Sá.

As anotações são sobre a teoria das representações sociais e acerca da metodologia em memória e representações sociais. O plano de aula encontrado tem a programação da disciplina, Teoria das Representações Sociais, ministrada Ricardo Vieiralves de Castro, no programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ.

Esta pasta nos mostra que Celso Sá procurava se informar, buscando bibliografia específica sobre os temas relativos às pesquisas que estavam desenvolvendo. Além disto, talvez por ter prazer na atividade da escrita, suas anotações representam a síntese de seu pensamento e de suas leituras naquele momento dado.

3.2.6 As Representações Sociais de religiões afro-brasileiras

A partir da relação estabelecida com Denise Jodelet, ainda na década de 1990, surge a pesquisa e as produções acerca das representações sociais e a eficácia das práticas de cura das religiões afro-brasileiras, Candomblé e Umbanda, no Rio de Janeiro. Essas produções, de acordo com Bello et al. (1997, pp. 230), justificam-se devido à “ausência completa de um corpo de conhecimento oficial unificado produzido por essas religiões”, portanto, a pesquisa com representações sociais configura-se como uma alternativa para caracterização do funcionamento e da prática religiosa.

Com coautoria de Denise Jodelet e Roberto Araujo Bello, as produções ocorreram entre 1994 e 1998, dentre resumos, artigos e capítulos de livro, a saber: o resumo apresentado na 2ª Conferência Internacional sobre Representações Sociais, em 1994; e o artigo dele decorrente, *Experiências e representações sociais da eficácia simbólica nas práticas de cura em diferentes tradições religiosas brasileiras: considerações preliminares* (1996), publicado na revista *Cadernos de Psicologia*; o resumo apresentado na XXVI Reunião Anual de Psicologia, em 1996; o resumo apresentado na Troisieme Conference Internationale Sur Les Representations Sociales, em 1996; o resumo apresentado no XI General Meeting Da European Association of Experimental Social Psychology, em 1996; o capítulo de livro, *A representação social e a eficácia das práticas de cura da Umbanda e afins no Rio de Janeiro* (1997); o resumo apresentado no XXVI Congresso Interamericano de Psicologia, em 1997; o resumo apresentado no IX Encontro Nacional de Psicologia Social, em 1997; e o artigo derivado dos resumos anteriores, *Condições de eficácia das práticas de cura da Umbanda: a representação dos praticantes no Rio de Janeiro* (1998) publicado na revista *Psicologia e Sociedade* (Impresso). Também consta entre estas publicações, a apresentação de um resumo de autoria de Celso Sá, apresentado na V Conférence Internationale sur les Représentations Sociales, em 2000.

A produção referente ao ano de 1997, segundo Bello et al. (1997), busca compreender as representações sociais e a eficácia das práticas de cura das religiões afro-brasileiras no Rio

de Janeiro. A partir da organização interna dessas representações, utilizou-se da teoria do núcleo central visando comparar as religiões afro-brasileiras e estabelecer uma visão das diferenças entre elas. A coleta de dados consistiu na utilização de um questionário seguido da técnica de palavra proposta por P. Vergés. A pesquisa contou com a participação de praticantes do Candomblé, praticantes da Umbanda e não-adeptos, todos os grupos residentes na cidade do Rio de Janeiro.

Já em Sá, Bello e Jodelet (1998), lê-se que a pesquisa buscou avaliar a eficácia de práticas de cura da Umbanda segundo a perspectiva das representações sociais e da teoria do núcleo central, utilizando de sessões de grupos focais com praticantes desta religião. Após transcrição das entrevistas, o material foi submetido a análise de conteúdo temática e proposicional de natureza qualitativa.

No acervo pessoal de Celso Sá, uma das pastas possui na lombada o título “Relatórios CNPQ (Umbanda)”, com documentos como: material de pesquisa, publicações, anotações e conferências.

Em relação ao seu material de pesquisa, encontramos oito ocorrências, dentre as quais: o relatório da de pesquisa, *A Representação Social das condições de eficácia das práticas de cura da umbanda*; o projeto de pesquisa, *Representações sociais e práticas religiosas afro-brasileiras no Rio de Janeiro*; e o relatório técnico de pesquisa (parcial) do projeto, *Representações sociais e eficácia das práticas de cura da Umbanda e afins no Rio de Janeiro*. Encontram-se ainda neste material: a) documentos relativos à pesquisa *Representações sociais e práticas religiosas afro-brasileiras no Rio de Janeiro*, quais sejam: o documento com evocação de palavras e relação de categorias semânticas da pesquisa; e o documento com evocação de palavras e relação de categorias semânticas da pesquisa. b) documentos relativos à pesquisa *Representações sociais e eficácia das práticas de cura da Umbanda e afins no Rio de Janeiro*, quais sejam: o documento com perguntas e respostas dos praticantes de umbanda/candomblé da pesquisa; o questionário e a análise estatísticas dos resultados; e o documento com perguntas e respostas da população em geral da pesquisa.

Encontramos alguns outros documentos, tais como: cópia do artigo *A representação social e práticas religiosas afro-brasileiras no Rio de Janeiro*; as anotações e esquemas do texto relativo às *Representações sociais e eficácia das práticas de cura da Umbanda*; e a palestra em texto da pesquisa, *Representações sociais e eficácia das práticas de cura da Umbanda e afins no Rio de Janeiro*.

3.2.7 Representações Sociais da saúde e do Sistema Único de Saúde

Também a partir da década de 2000, acompanhamos diversas produções sobre as representações sociais da saúde e do Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com o relato de D. Oliveira (comunicação pessoal, 2022) estas produções decorrem da participação de Celso Sá em suas pesquisas, prática comum de ambos no campo das representações sociais. Parte destas pesquisas contam com a coautoria de Antonio Marcos Tosoli Gomes, prof. da Faculdade de Enfermagem, como a profa. Denize Oliveira e Sonia Acioli de Oliveira, profa. da Faculdade de Enfermagem. Ao longo das produções, acompanhamos a utilização da teoria do núcleo central e do campo da memória social, tal como se tornou rotineiro nas produções de Celso Sá a partir da década de 1990.

As primeiras produções têm início em 2001, com a apresentação de um resumo na XXXI Reunião Anual de Psicologia, seguido de outra apresentação no 53º Congresso Brasileiro de Enfermagem, que gerou a publicação do artigo, *Representações sociais da saúde e doença e implicações para o cuidar em enfermagem: uma análise estrutural* (2001) publicado na Revista Brasileira de Enfermagem; neste artigo, buscou-se caracterizar as representações sociais do processo de saúde-doença, a partir do abandono da distinção entre sujeito e objeto de pesquisa, tal como proposto pelas representações sociais. De acordo com Oliveira e Sá (2001) a metodologia consistiu na aplicação de um questionário em adultos com questões de evocações livres sobre os temas indutores "saúde" e "doença". Realizou-se depois uma análise descritiva e estrutural das representações sociais, por meio da construção do quadro de quatro casas para análise das evocações livres conforme P. Vergès e a análise de similitude como proposta por C. Flament.

No ano seguinte, verificamos três produções em formato de resumo com coautoria de Joel Maurício Corrêa da Rosa, e do filho de Celso Sá, Claudio Bustamante Pereira de Sá, sendo estes um apresentado no II Encontro Internacional de Pesquisa em Enfermagem, outro apresentado no 54º Congresso Brasileiro de Enfermagem, e um terceiro apresentado na Sixth International Conference on Social Representations.

Após dois anos, em 2004, surgem novas produções, entre resumos e resumos publicados em anais de congresso, desta vez, articulados com o campo da Memória Social e inseridos na temática sobre o SUS. Essas produções buscam, por meio das contribuições das representações sociais e da memória social, estabelecer comparativos anteriores e posteriores à implementação

do sistema e, através de pesquisas com os profissionais de saúde, compreender o sistema a partir das pessoas que o integram.

Encontramos neste período outros resumos publicados em anais de congressos, a saber: dois apresentados no 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem; os resumos publicados em anais de congresso, *Memórias e representações sociais de profissionais de saúde acerca da implantação do SUS* (2004) e *O acesso ao sistema de saúde antes e depois da implantação do SUS: memórias e representações de profissionais de saúde* (2004), publicados na Revista Brasileira de Epidemiologia; os resumos publicados em anais de congresso, *Memórias e representações sociais de profissionais de saúde acerca da constituição do sistema de saúde brasileiro* (2004) e *A implantação do Sistema Único de Saúde: memórias e representações sociais de profissionais de saúde* (2004), publicados na Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto.

No ano seguinte, em 2005, encontramos novamente outras produções, ainda na temática do SUS, dentre os quais: um resumo apresentado na IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais; um resumo apresentado no 13º Seminário nacional de Pesquisa em Enfermagem; e o resumos *As políticas de saúde no contexto do SUS: memórias e representações do estado do Rio de Janeiro* (2005) e *Representações sobre o SUS e seus princípios no município do Rio de Janeiro* (2005), ambos publicados na revista Ciência & Saúde Coletiva.

Entre os anos de 2006 e 2007, verificamos um aumento na produção de resumos e artigos inseridos na temática do SUS, a saber: um resumo apresentado na VIII International Conference on Social Representations em 2006; quatro resumos apresentados no 14º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem em 2007; dois resumos apresentados na V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais em 2007; quatro resumos apresentados no 59º Congresso Brasileiro de Enfermagem em 2007. As publicações em artigos decorrem dos resumos acima, dentre os quais: o artigo, *O Sistema Único de Saúde na Cartografia Mental de Profissionais de Saúde* (2007), publicado na revista Texto & Contexto - Enfermagem; os artigos, *A atenção pública à saúde e a constituição simbólica do Sistema Único de Saúde: representações sócio-profissionais* (2007) e *A enfermagem no Sistema Único de Saúde: repensando os princípios e conceitos de sustentação da atenção à saúde no Brasil* (2007), ambos publicados na revista Psicologia: Teoria e Prática.

No primeiro artigo, de acordo com Oliveira et al. (2007a), objetivou-se comparar as representações sociais de profissionais de saúde acerca do SUS em cinco instituições de saúde no Rio de Janeiro, utilizando, como instrumento de coleta de dados, evocações livres e análise

a partir do software Ensemble de programmes permettant l'analyse des évocations (EVOC). O artigo seguinte, segundo Oliveira et al. (2007b), busca analisar os conceitos e as imagens construídas pelos profissionais de saúde sobre SUS em cinco instituições de saúde no Rio de Janeiro, utilizando entrevistas semi-estruturadas e analisadas pela técnica de análise lexical cruzada com auxílio de software do ALCESTE 4.7. Já no último artigo deste período, conforme Gomes, Oliveira e Sá (2007, pp. 111), o trabalho objetivou analisar a constituição e o estado da arte do SUS a partir das representações e memória social de enfermeiros em cinco instituições de saúde no Rio de Janeiro. A coleta de dados consistiu no uso de entrevistas semi-estruturadas, as quais foram analisadas por meio da técnica de análise lexical mecanizada com uso do software do ALCESTE 4.7. Justifica-se a utilização do referencial teórico da memória social devido à "importância política, econômica e estratégica da enfermagem dentro do sistema de saúde no Brasil, assim como pelo tempo decorrido desde a implantação do SUS e a municipalização da saúde no Rio de Janeiro, o que possibilita a análise desse processo a partir das memórias construídas pelos enfermeiros."

As últimas publicações com a temática da saúde ocorreram entre os anos de 2008 e 2011, dentre as quais constam: o artigo *A política pública de saúde brasileira: representação e memória social de profissionais* (2008) publicado na revista Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ); o artigo, *Social representations of the Brazilian National Health Care System in the City of Rio de Janeiro, Brazil, according to the structural approach* (2008) publicado na Revista Latino-Americana de Enfermagem (Online); o artigo, *Memórias e representações sociais dos usuários do SUS acerca dos sistemas públicos de saúde* (2011) publicado na Revista Eletrônica de Enfermagem; e o artigo, *O Sistema Único de Saúde na representação social de usuários: uma análise de sua estrutura* (2011), publicado na Revista Brasileira de Enfermagem (Impresso).

São publicações decorrentes da mesma pesquisa, utilizando o mesmo referencial teórico e o mesmo público, diferenciando-se apenas na coleta de dados empregada. Desta forma, verificamos nestas produções a caracterização da representação social e da memória social de profissionais de saúde do Rio de Janeiro em cinco instituições de saúde após 15 anos de criação do SUS. A partir de um olhar social, o referencial teórico conta com a utilização da TRS e da Memória Social, a qual justifica-se na construção de um conhecimento a partir dos próprios profissionais de saúde:

A primeira produção, de acordo com Oliveira et al. (2008a), relatou a coleta de dados a partir de entrevistas semi-dirigidas com profissionais de saúde que atuavam nas instituições por pelo menos 15 anos. As entrevistas foram analisadas a partir da técnica de análise lexical

mecanizada com a utilização de software. Já a segunda produção, segundo Oliveira et al. (2008b), relatou a coleta de dados a partir da técnica de evocações livres, utilizando como termo indutor a expressão Sistema Único de Saúde. Tal como a pesquisa anterior, essa também contou com a utilização do software do ALCESTE 4.7.

Já as produções referentes ao ano de 2011 referem-se à pesquisa de memórias e representações sociais dos usuários do SUS acerca dos sistemas públicos de saúde. A primeira produção, de acordo com Oliveira et al. (2011), relata a pesquisa realizada com entrevistas semi-estruturadas com usuários do SUS localizados no Rio de Janeiro. Após coletadas, as entrevistas foram analisadas a partir da análise de conteúdo temática. Já a segunda produção, segundo Tosoli, Oliveira e Sá (2011), objetivou analisar a estrutura representacional de usuários do SUS na cidade do Rio de Janeiro acerca do próprio sistema. A partir da teoria do núcleo central, foram coletados os dados por meio de evocações livres, utilizando o termo indutor SUS, as quais foram analisadas por a partir do software Ensemble de programmes permettant l'analyse des évocations (EVOC).

A relação afetiva estabelecida entre Celso Sá e Denize Oliveira propiciou um conjunto de produções no campo da saúde, e essas produções ao utilizarem das contribuições das representações sociais e da memória social, possibilitaram uma compreensão da noção de saúde, bem como, o desenvolvimento do SUS a partir dos profissionais e usuários que integram esses serviços.

3.2.8 Representações Sociais do trabalho infantil-juvenil

Tal como as produções acerca das representações sociais da saúde, as produções referentes às representações sociais do trabalho infantil, decorrem da participação de Celso Sá nas pesquisas de Denize Oliveira, as quais contam com a coautoria de algumas pesquisadoras, sendo as mais presentes, Frida Marina Fischer, Ignez Salas Martins e Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira, ambas da área de Saúde Pública. Estas produções buscam analisar as consequências do trabalho infanto-juvenil para a escolarização através das representações sociais.

Acompanhamos entre os anos de 2000 e 2010, a apresentação e publicação de trabalhos completos, resumos e artigos, dentre eles: um trabalho completo apresentado no VI Congresso Paulista de Saúde Pública em 2000; um resumo apresentado na V Conférence Internationale sur les Représentations Sociales em 2000; um resumo apresentado na Sixth International

Conference on Social Representations em 2002; o artigo, *Representações sociais e fatores de risco para o trabalho infantil e do adolescente: uma aproximação possível* (2002) publicado na revista *Cadernos Saúde Coletiva* (UFRJ); o artigo, *Adolescência e trabalho: enfrentando o presente e esperando o futuro* (2003) publicado na revista *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto); o artigo, *A positividade e a negatividade do trabalho nas representações sociais de adolescentes* (2005) publicado na revista *Psicologia: Reflexão e Crítica*; e o artigo, *Representações sociais do trabalho: um análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores* (2010) publicado na revista *Ciência e Saúde Coletiva* (Impresso).

As publicações acima justificam-se em função da questão social que o trabalho infantil e do adolescente tem caracterizado nas últimas décadas, assumindo o papel de uma questão de Saúde Pública. Em relação às representações sociais, ambas as produções encontram embasamento na premissa de que “para a compreensão de uma dada realidade é necessário identificar a maneira como os sujeitos sociais identificam, explicam e elaboram essa situação”, ou seja, é necessário a retradução da realidade vivenciada por crianças e adolescentes através das representações sociais. (Oliveira et al., 2002, pp. 178).

Em sua primeira publicação, Oliveira et al. (2002) analisaram as consequências do trabalho do adolescente para a escolarização, a partir de entrevistas com adolescentes, trabalhadores e não trabalhadores, entre 11 e 18 anos, em duas cidades do Estado de São Paulo. A metodologia consistiu no uso de um questionário para a análise dos fatores de risco e para o estudo das representações sociais, realizou-se a técnica de evocações livres a partir dos termos indutores “escola”, “trabalho”, “trabalhar e estudar”. Após um ano, Oliveira et al. (2003) realizaram a produção de um artigo, o qual consiste na utilização dos dados da produção anterior, entretanto, conta com a realização de grupos focais, bem como, os termos indutores “escola”, “trabalho”, “ser trabalhador” e “criança que trabalha”. Em ambas as publicações, realizou-se a análise dos dados através de elementos centrais e periféricos, utilizando a técnica do quadro de quatro casas e a análise de similitude. Entretanto, Oliveira et al. (2003) em sua outra produção, utilizou análise dos dados a partir da técnica de determinação do núcleo central das representações.

Na publicação seguinte, Oliveira et al. (2005) comparou as representações sociais de dois grupos de estudantes adolescentes, trabalhadores e não trabalhadores, respectivamente dos períodos diurno e noturno. Os dados consistiram na técnica de evocações livres a partir dos termos indutores “trabalho”, “trabalhar e estudar” e “adolescente trabalhador”. Já na última pesquisa, Oliveira et al. (2010) novamente comparou as representações sociais de dois grupos de estudantes adolescentes, trabalhadores e não trabalhadores, respectivamente dos períodos

diurno e noturno. A coleta de dados consistiu na aplicação da associação ou evocação livre de palavras do termo “trabalho” e a utilização da técnica de grupo focal.

Tal como as produções acerca das representações sociais da saúde, as produções sobre as representações sociais do trabalho infantil-juvenil foram possíveis através da relação afetiva entre Celso Sá e Denize Oliveira, bem como, da participação de pesquisadores da Universidade de São Paulo. Ao utilizarem as contribuições das representações sociais, tornou-se possível compreender os impactos do trabalho infantil-juvenil a partir dos sujeitos que lhe experenciam.

3.2.9 Outras contribuições em TRS

Apesar do volume das temáticas acima, algumas produções de Celso Sá não alcançaram tantas publicações como outras, o que não diminui seu valor intelectual, apenas demonstram a não continuidade destas pesquisas e a diversidade de interesses do professor. Dentre os temas, encontramos produções sobre as representações sociais da economia, do morador de rua, do mundo do trabalho e da instituição escolar.

As produções acerca das representações sociais do morador de rua restringiram-se a resumos, decorrentes de apresentações que ocorreram na o XXVIII Reunião Anual de Psicologia, em 1998; na Jornada Internacional sobre Representações Sociais, em 1998; na Jornada Internacional sobre Representações Sociais, em 1998; e na II Jornada Internacional sobre Representações Sociais, em 2001.

Sobre as representações sociais da economia, constam apenas duas publicações, dentre os quais, um resumo apresentado no XXVI Congresso Interamericano de Psicologia, em 1997, e o capítulo de livro *A representação social da economia brasileira antes e depois do Plano Real* (1998), resultado do resumo apresentado no ano anterior.

Também destacam-se as produções acerca das representações sociais do mundo do trabalho, as quais contam com a coautoria de Jorge Correa Jesuíno¹² e articulam as representações sociais entre estudantes brasileiros e portugueses. A partir deste tema, originaram-se a apresentação de três resumos, decorrentes de apresentações no IX Encontro Nacional de Psicologia Social, em 1997; na Jornada Internacional sobre Representações Sociais, em 1998; e na IV Conferencia Internacional sobre las Representaciones Sociales, em 1998.

¹² É doutor em Psicologia, professor Emérito do ISCTE-IUL, com publicações diversas nas áreas da psicologia social e organizações, epistemologia e sociologia da ciência.

Em meio ao acervo pessoal de Celso Sá, encontramos alguns documentos referentes à pesquisa das representações sociais no mundo do trabalho, dentre os quais o projeto, o relatório de pesquisa, o relatório de atividades da pesquisa e os dados de pesquisa sobre o Brasil entre os anos 1996 e 1998; o relatório do projeto "Representações sociais no Mundo do Trabalho" para Cooperação Científica e Técnica JNICT/Capes; e os resultados parciais do Projeto de Pesquisa "Representações sociais no Mundo do Trabalho por estudantes brasileiros e portugueses".

E por último, as produções acerca das representações sociais da instituição escolar segundo professores, pais e alunos. Apesar de tratar-se de outro tema, essas produções encontram-se inseridas nos mesmos trilhos das pesquisas sobre as representações sociais do trabalho infantil, ao consideramos os coautores destas produções. A partir deste tema, encontramos as seguintes produções: o resumo apresentado na V Conférence Internationale sur les Représentations Sociales, em 2000; o artigo, *Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes* (2001) publicado na revista Estudos de Psicologia (Campinas); o capítulo de livro, *L'institution scolaire comme pédagogie, avenir et liberté: la méthodologie de la recherche en représentations sociales dans le domaine de l'éducation* (2003); e o artigo, *Pedagogia, futuro e liberdade: a instituição escolar representada por professores, pais e alunos* (2004), publicado na revista Psicologia: Teoria e Prática, o qual configura-se como continuação do resumo apresentado nos anos 2000.

Cabe ressaltar que há ainda algumas produções no campo das representações sociais sem relação com os temas abordados acima, dentre os quais: o trabalho completo, *A representação social da moradia em um conjunto de habitação de interesse social no Rio de Janeiro*, apresentado no V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais 2007; o resumo, *A última execução da pena de morte no Brasil: memória atualizada e representações sociais em Macaé, RJ*, decorrente da tese de doutorado de Renato Cesar Möller, apresentado na V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2007; o resumo *A representação social do saber ler e escrever por adultos em processo de alfabetização*, apresentado na V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, em 2007; e o artigo, *Preciso estudar para ser alguém: memória e representações sociais da educação escolar* (2008), publicado na revista Paidéia (Belo Horizonte).

Ao percorrermos os caminhos de investigação de Celso Sá, tornou-se possível uma maior compreensão das temáticas abordadas ao longo de suas publicações, ao utilizar a teoria das representações sociais como ferramenta de pesquisa. O apontamento de seus principais temas de investigação no campo das representações sociais, possibilita caminhos para outras

pesquisas acerca de suas produções. Também cabe ressaltar que, apesar do uso exclusivo das representações sociais, acompanhamos a utilização de outros campos e técnicas em Psicologia Social, tal como era de costume de Celso Sá, as quais auxiliavam em uma análise mais aprofundada dos temas abordados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho podemos acompanhar a trajetória intelectual de Celso Sá na TRS, entre sua vida e formação na Psicologia, bem como suas produções no campo. Ao construirmos sua biografia através de seus próprios textos, compreendemos melhor sua relação com Eliezer Schneider e sua influência na forma de estabelecer relações entre a Psicologia e outras Ciências Humanas e Sociais. Seja ao apresentar as diferentes perspectivas da Psicologia Social ou por meio de sua produção, ao conceber as representações sociais em relação com outros campos verificamos uma atitude intelectual de Celso Sá consoante com o que fora defendido por Schneider.

Acreditamos que esta dissertação, ao buscar os caminhos pelos quais Celso Sá construiu sua trajetória intelectual no campo das representações sociais, reforça sua importância como um dos principais nomes na área, seja através de suas produções, organização de eventos ou orientações. Sua trajetória nos permite compreender que conceber sua atuação apenas como a de um personagem que possibilitou a recepção e difusão do campo em território brasileiro não é apenas errôneo como injusto.

Entre suas contribuições, buscou estabelecer relações entre o behaviorismo radical e as representações sociais, sem medo de expô-las ao criador da teoria, bem como determinou as possíveis vinculações entre as representações sociais e a memória social, com isso possibilitando importantes pesquisas acerca de momentos históricos no Brasil. Também foi responsável pela apropriação da teoria do núcleo central e produção dos primeiros trabalhos da área em território brasileiro.

Dentre as temáticas trabalhadas ao longo de sua trajetória, encontramos uma preocupação de Celso Sá em estabelecer, a partir das representações sociais, compreensões sobre temas de grande relevância social ao Brasil, como por exemplo: a socialização do conhecimento acadêmico; as religiões afro-brasileiras; a concepção de saúde e do sistema único de saúde; o trabalho infantil, entre outros. Ao complementarmos estas contribuições com sua atuação ao assumir postos administrativos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é possível reconhecermos um personagem preocupado com as mudanças sociais do seu país e disposto a contribuir por meio de sua atividade intelectual.

Somando suas contribuições aos eventos que organizou e às orientações realizadas, acompanhamos um personagem preocupado com a formação do campo em seu país, responsável pela criação de espaços para interlocução entre interessados no campo, ao mesmo tempo possibilitando o aperfeiçoamento e a difusão das TRS. Já as suas orientações, para além

de agregar contribuições ao campo, possibilitaram a formação de vários psicólogos especializados em representações sociais, os quais puderam dar continuidade aos seus ensinamentos a outra geração de psicólogos.

Cabe ressaltar a atenção que as contribuições de Celso Sá vem recebido nos últimos anos, primeiramente a partir da pesquisa realizada por Roberta Garcia Alvez, a qual resultou na sua dissertação de mestrado, *Ensaio sobre uma psicologia social comportamentalista radical a partir de Celso Pereira de Sá (1970-1990)*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, em 2021.

Concordamos com Roberta Alves acerca da necessidade de se abandonar a interpretação de personagens pertencentes a determinados sistemas teóricos ou campo disciplinar pois, ao rotularmos personagens como Celso Sá em apenas uma determinada área, deixando de lado suas contribuições ao longo de sua trajetória intelectual, ficamos impossibilitados de uma compreensão global de suas produções, bem como limitamos nosso entendimento sobre o que foi deixado por Celso Sá.

Compreendemos, portanto, não haver encerramento das pesquisas sobre a trajetória intelectual de Celso Sá, seja devido ao seu acervo pessoal, o qual aumenta de tamanho e complexidade com a chegada de novas documentações, seja pela falta de análise de um dos seus campos de dedicação, como é o caso da memória social, a qual configura-se como uma das contribuições inovadoras em suas produções. Acredita-se na importância de pesquisas acerca das contribuições de Celso Sá no campo da memória social, seja devido às relações estabelecidas com outras áreas das Ciências Sociais, bem como da conexão que Celso Sá procurou estabelecer com o campo das representações sociais.

REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (1996). Prefácio. In C. P. Sá (Ed.), *Núcleo Central das Representações Sociais* (pp. 9-12). Rio de Janeiro: Vozes.
- Almeida, A. M. O., & Santos, M. F. S. (2011). A Teoria das Representações Sociais. In Cláudio Vaz Torres & Elaine Rabelo Neiva (Eds.), *Psicologia Social: Principais temas e vertentes* (pp. 287–295). Artmed.
- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2006). *Psicologia social: Perspectivas psicológicas e sociológicas*. McGraw-Hill.
- Barros, J. D. (2015). A harmonia musical como um modelo de análise para a história intelectual. *Tempos Históricos*, 19(1), 14-47. <https://doi.org/10.36449/rth.v19i1.12758>
- Barros, J. D. (2019). *Fontes históricas: Introdução aos seus usos historiográficos* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Vozes.
- Bazar, J. L. (2021). Tornando-se terapêutico: explorando como o hospício transformou objetos cotidianos. In Ana Marica Jacó-Vilela, Filipe Degani-Carneiro, & Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos (Eds.), *Clio-Psyché: História da Psicologia e suas críticas* (Vol. 2, pp. 21–36). CRV.
- Bello, R. A., Sá, C. P., & Jodelet, D. (2008). A representação social e a eficácia das práticas de cura na umbanda e afins no Rio de Janeiro [E-book]. In Andréa Vieira Zanella (Ed.), *Psicologia e práticas sociais* [online] (pp. 229–236). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. <http://books.scielo.org>
- Bock, A. M. B., & Furtado, O. (2019). A psicologia no Brasil e suas relações com o marxismo. In A. M. Jacó-Vilela, Arthur Arruda Leal Ferreira, & Francisco Teixeira Portugal (Eds.), *História da Psicologia: Rumos e percursos* (3a ed., pp. 595-608). Rio de Janeiro: Nau.
- Bomfim, E. M. (2003). *Psicologia Social no Brasil*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social.
- Bourdieu, P. (2002). A ilusão biográfica. In J. P. Figueiredo, & M. D. Ferreira, *Usos e abusos da história oral* (5a ed., pp. 183-191). Rio de Janeiro: FGV.
- Brozek, J., & Guerra, E. L. (1996). Que fazem os historiógrafos? Uma leitura de Josef Brozek. *História Da Psicologia - Coletâneas Da ANPEPP*, 1(15), 11–28.
- Brozek, J., & Massimi, M. (1998). *Historiografia da psicologia moderna: Versão brasileira*. São Paulo: Loyola.

Camino, L., & Torres, A. R. R. (2013). Origens e desenvolvimento da Psicologia Social. In A. R. R. Torres, L. Camino, M. E. O. Lima, M. E. Pereira. (Ed.), *Psicologia social: Temas e teorias* (pp. 31–108). Technopolitik.

Castro, R.V. (2016). O que pode fazer a diferença entre intelectuais? (Dedicado a Celso Pereira de Sá). *Psicologia e Saber Social*, 5(1), 2-4. doi: 10.12957/psi.saber.soc.2016.24847

Castro, R. V. (2019). Prefácio. In Angela Maria de Oliveira Almeida, Maria de Fátima de Souza Santos, & Zeidi Araujo Trindade (Eds.), *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (2a ed., pp. 6-16). Technopolitik.

Cordeiro, M. P., & Spin, M. J. P. (2018). Apontamentos sobre a História da Psicologia Social no Brasil. *Estudos e Pesquisas Em Psicologia*, 18(4), 1068-1086. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/42223/29270>

Dosse, F. (2016). *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Dutra, E. M. S. & A.M. Jacó-Vilela. (1999). Eliezer Schneider. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 4(2), 351-363. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1999000200010>

Farr, R. M. (1995). Representações Sociais: A teoria e sua história. In P. A. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em representações sociais* (8a ed., pp. 31-62). Vozes.

Farr, R. M. (1998). *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Ferreira, M. C. (2011). Breve história da moderna Psicologia Social. In Cláudio Vaz Torres & Elaine Rabelo Neiva (Eds.), *Psicologia social: Principais temas e vertentes* (pp. 13–30). Artmed.

Guareschi, P. A., & Roso, A. (2014). Teoria das Representações Sociais: Sua história e seu potencial crítica e transformador. In E. M. Q. O. Chamon, P. A. Guareschi, & P. H. F. Campos (Orgs.), *Textos e debates em representação social* (pp. 17-46). ABRAPSO.

Gomes, A. M. T., Oliveira, D. C., & Sá, C. P. (2007). A enfermagem no Sistema Único de Saúde: repensando os princípios e conceitos de sustentação da atenção à saúde no Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 9(2), 109–125.

Gomes, A. M. T., Oliveira, D. C. D., & Sá, C. P. D. (2011). O Sistema Único de Saúde na representação social de usuários: uma análise de sua estrutura. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64(4), 631–638. <https://doi.org/10.1590/s0034-71672011000400002>

Jacó-Vilela, A. M. (1999). Eliezer Schneider: Um esboço biográfico. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 4(2), 331-350. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1999000200009>

Jacó-Vilela, A. M. (2007). O estatuto da psicologia social: Contribuições da história da psicologia social. In C. Mayorga, & M. A. M. Prado (Orgs.), *Psicologia Social: articulando saberes e fazeres* (pp. 37-54). Belo Horizonte: Autêntica.

Jacó-Vilela, A. M. (2016). Celso Pereira de Sá (1941-2016) – acadêmico, amigo. Retirado de https://www.abrapso.org.br/informativo/view?ID_INFORMATIVO=621

Jacó-Vilela, A. M., Degani-Carneiro, F., & Oliveira, D. D. M. (2016). A formação da Psicologia Social como campo científico no Brasil. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 526-536. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p526>

Jesuino, J. C. (1993). A Psicologia Social Europeia. In Jorge Vala & Maria Benedicta Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (6a ed., pp. 49–60). Fundação Calouste Gulbekian.

Jodelet, D. (1998). Prefácio. In C.P. Sá (Ed.), *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais* (pp. 9-11). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Jodelet, D. (2005). Vinte anos da teoria das representações sociais no Brasil. In D. C. Oliveira & P. H. F. Campos (Eds.), *Representações sociais: Uma teoria sem fronteiras* (pp. 11-21). Rio de Janeiro: Museu da República.

Jodelet, D. (2011a). Ponto de vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica. *Temas Em Psicologia*, 19(1), 19-26. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100003&lng=pt

Karnal, L., & Tatsch, F. G. (2009). Documento e história: A memória evanescente. In C. B. Pinsky & T. R. Luca (Eds.), *O historiador e suas fontes* (pp. 9-28). São Paulo: Contexto.

Krüger, H. R. (1986). Introdução à Psicologia Social. São Paulo: EPU.

Le Goff, J. (2013). *História e Memória* (7a ed.). São Paulo: Unicamp.

Lima, R. S. (2009). História da psicologia social no Rio de Janeiro: Dois importantes personagens. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(2), 409-423. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000200014>

Moller, R. C., Sá, C. P., & Bezerra, F. C. D. C. (2014). Representações sociais vivas do descobrimento do Brasil: a memória social atualizada de brasileiros e portugueses. *PSICOLOGIA*, 17(2), 405. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v17i2.457>

Naiff, L. A. M., Sá, C. P. D., & Naiff, D. G. M. (2008). Preciso estudar para ser alguém: memória e representações sociais da educação escolar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(39), 125–138. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2008000100012>

Naiff, D. G. M., & Naiff, L. A. M. (2016). Celso Pereira de Sá: Uma vida na Psicologia Social. Retirado de <http://www.cliopsyche.uerj.br/wp-content/uploads/Celso-S%C3%A1-uma-vida-na-Psicologia-social.pdf>

Oliveira, D. C., & Sá, C. P. (2001). Representações sociais da saúde e doença e implicações para o cuidar em enfermagem: uma análise estrutural. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 54(4), 608–622.

Oliveira, D. C. D., Sá, C. P. D., Fischer, F. M., Martins, I. S., & Teixeira, L. R. (2001). Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 6(2), 245–258. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2001000200012>

Oliveira, D. C., Fischer, F. M., Martins, I. S., & Sá, C. P. (2003). Adolescência e trabalho: enfrentando o presente e esperando o futuro. *Temas Em Psicologia Da SBP*, 11(1), 2–15.

Oliveira, D. C., Martins, I. S., Fischer, F. M., Sá, C. P., Gomes, A. M. T., & Marques, S. C. (2004). Pedagogia, futuro e liberdade: a instituição escolar representada por professores, pais e alunos. *Psicologia: Teoria e Prática, ed. especial*, 31–47.

Oliveira, D. C. D., Fischer, F. M., Amaral, M. A., Teixeira, M. C. T. V., & Sá, C. P. (2005). A positividade e a negatividade do trabalho nas representações sociais de adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 125–133. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722005000100017>

Oliveira, D. C. D., Gomes, A. M. T., Acioli, S., & Sá, C. P. D. (2007). O Sistema Único de Saúde na cartografia mental de profissionais de saúde. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 16(3), 377–386. <https://doi.org/10.1590/s0104-07072007000300002>

Oliveira, D. C., Gomes, A. M. T., Sá, C. P., & Acioli, S. (2007). A atenção pública à saúde e a constituição simbólica do Sistema Único de Saúde: representações sócio-profissionais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 9(2), 26–46.

Oliveira, D. C. D., Sá, C. P. D., Gomes, A. M. T., Ramos, R. D. S., Pereira, N. A., & Santos, W. C. R. D. (2008). A política pública de saúde brasileira: representação e memória social de profissionais. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 197–206. <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2008000100020>

Oliveira, D. C. D., Fischer, F. M., Teixeira, M. C. T. V., Sá, C. P. D., & Gomes, A. M. T. (2010). Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(3), 763–773. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232010000300019>

Oliveira, D. C. D., Sá, C. P. D., Espírito Santo, C. C. D., Gonçalves, T. C., & Gomes, A. M. T. (2011). Memórias e representações sociais dos usuários do SUS acerca dos sistemas públicos de saúde. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 13(1), 30–41. <https://doi.org/10.5216/ree.v13i1.8981>

Pecora, A. R., & Sá, C. P. D. (2008). Memórias e representações sociais da cidade de Cuiabá, ao longo de três gerações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2). <https://doi.org/10.1590/s0102-79722008000200018>

Rosa, A., Huertas, J. A., & Blanco, F. (1996). *Metodología para la historia de la psicología*. Madrid: Alianza.

Sá, C. P., Medeiros, A. A., Möller, R. C., Fernandes, R. R., & Castro, L. C. (1990). Contracontrole social na educação: representações sociais da escola pública em uma favela do Rio de Janeiro. *Fórum Educacional*, 14(3), 93–108.

Sá, C. P. (1992). Representações sociais: modismo ou teoria psicossocial consistente? *Representações Sociais: Modismo Ou Teoria Psicossocial Consistente?*, 7(10), 45–49.

Sá, C. P., Souto, S. O., Möller, R. C., Silva, J. F., Almeida, D., Batalheiro, A. B., & Rodrigues, A. P. C. (1993a). Socialização do saber acadêmico: um estudo sobre as vulgarização do conhecimento científico. *Psicologia & Práticas Sociais*, 1(2), 23–49.

Sá, C. P., Souto, S. O., Möller, R. C., Almeida, D., Batalheiro, A. B., Abreu, J. N. S., Machado, D., & Cardozo, A. C. A. (1993b). Socialização do saber acadêmico: um estudo sobre as relações entre as iniciativas de divulgação científica e seus consumidores. *Psicologia & Práticas Sociais*, 1(3), 33–46.

Sá, C. P. (1995). Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In Mary Jane P. Spink (Ed.), *O conhecimento no cotidiano : As representações sociais na perspectiva da psicologia social* (pp. 19–45). Brasiliense.

Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Vozes.

Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. EdUERJ.

Sá, C. P., Bello, R. A., & Jodelet, D. (1998). Condições de eficácia das práticas de cura da Umbanda: a representação dos praticantes no Rio de Janeiro. *Psicologia & Sociedade*, 10(1), 128–144.

Sá, C. P., & Arruda, A. (2000). O estudo das representações sociais no Brasil. *Revista de Ciências Humanas*, 3(spe), 11-31. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/24121/21516>

Sá, C. P. (2001). Eliezer Schneider e a Psicologia Social no Brasil: Um depoimento afetivo e acadêmico. In A. M. Jacó-Vilela (Ed.), *Eliezer Schneider* (pp. 39-47). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Sá, C. P. (2007). Sobre a psicologia social no Brasil, entre memórias históricas e pessoais. *Psicologia & Sociedade*, 19(3), 7-13. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300002>

Sá, C. P. (2009). Memórias da psicologia social na UERJ. In Ana Maria Jacó-Vilela (Ed.), *Psicologia na UERJ: 45 anos de histórias* (pp. 69–81). EdUERJ.

Sá, C. P. D., Oliveira, D. C. D., Castro, R. V. D., Vetere, R., & Carvalho, R. V. C. D. (2009). A memória histórica do regime militar ao longo de três gerações no Rio de Janeiro: sua estrutura representacional. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(2), 159–171. <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2009000200004>

Sá, C. P. (2011). Sobre o pensamento social e sua gênese: Algumas impressões. In A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Eds.) *Teoria das representações sociais: 50 anos* (pp. 283-302). Brasília: Technopolitik.

Sá, C. P. (2016). A Brazilian Way of Looking at the Aix Social Representations School of Thought. *Papers on Social Representations*, 25(2), 8.1-8.11. <https://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/46/13>

Sá, C. P. (2019a). As representações sociais na história recente e na atualidade da Psicologia Social. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Eds.), *História da Psicologia: Rumos e percursos* (3a ed., pp. 661-678). Rio de Janeiro: Nau.

Santos, M. F. S., & Almeida, A. M. O. (2016). A ABRAPSO se despede do Prof. Celso Pereira de Sá. Retirado de https://www.abrapso.org.br/informativo/view?ID_INFORMATIVO=621

Trzan, A., & Carneiro, F. D. (2014). Transcrição de entrevista com Celso Pereira de Sá. In A. M. Jacó-Vilela & F. T. Portugal (Eds.), *Clio-Psyché: Instituições, história e psicologia* (pp. 305-317). Rio de Janeiro: Outras Letras.[C3]

Vasconcellos, M. A. G. N. T. (2019). Algumas repercussões do posicionamento político-ideológico na carreira profissional de Eliezer Schneider. *Psicologia Política*, 19(44), 88-96. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000100010&lng=pt&tlng=pt